NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: «A RELÍQUIA» VISTA POR UM PSICANALISTA

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA 12 DE MARÇO DE 1970 N.º 16 962 ANO 49.º PREÇO 1$50

Nós e o Mundo em MESA REDONDA

suplemento das sextas-feiras

IN APPARITION.

Fazer rir é criticar

«Onde e quando não existe liberdade de crítica, definha a caricatura», recordou-se esta manhã, no Instituto Britânico, ao fazer-se a apresentação à Imprensa de uma exposição de gravuras de caricaturistas britânicos dos séculos XVIII e XIX. São 68 gravuras, na sua maioria originais (a água-forte e a água-tinta, ou coloridas), que constituem excelente amostra da liberdade de crítica existente na democracia britânica daquele tempo.

(Ler na pág. central)

UM ANO DE DOENÇA EM PORTUGAL

MAIS DE 33 MIL INTERNADOS

em 604 estabelecimentos de saúde

Chega-nos às mãos uma sumula de dados estatísticos de Portugal, um pequeno desdobrável editado recentemente pelo Instituto Nacional de Estatística. É o País definido em meia dúzia (de centos) de números recentes (1967-68), mais ou menos significativos. É Portugal em pastilhas, em fichas. Números em lugar de prosa. Percentagens em vez de adjectivos. Material de consulta, e não literatura. Uma tira de papel valendo por um grosso volume. Dados sobre duas dúzias de sectores, do território e clima às finanças públicas.

Vejamos alguns números que nos parecem curiosos:

● **Florestas** — O Continente tem uma superfície total de 88 500 quilómetros quadrados, sendo 48 340 de superfície agrícola e 27 501 de superfície florestal.

● **Clima** — Em 1968, a temperatura média do ar mais baixa foi registada na Guarda (10.8°) e a mais alta em Lisboa (16.9°). A maior precipitação total foi de 1406 milímetros, no Porto, e a menor de 509,3 milímetros, na Praia da Rocha.

● **Casamento e mortalha** — Relativamente anos de 1967 e 1968, no Continente e Ilhas o número de casamentos desceu de 78 864 para 76 553; o de divórcios subiu de 722 para 743; o de separações subiu de 590 para 609; o de nados-vivos desceu de 202 061 para 194 962; a mortalidade infantil desceu de 11 966 para 11 917. O excedente de vidas também desceu de 106 245 para 100 301.

● **Emigrantes** — Em relação aos anos de 1967 e 1968, a emigração do Continente diminuiu de 78 077 para 64 712. A diminuição verificou-se em todos os distritos, mais ou menos acentuadamente, com excepção do de Viseu onde aumentou de 3736 para 3837.

● **Doentes** — Em 1968 havia, no Continente, 604 estabelecimentos de saúde com internamento. Em 31 de Dezembro havia 33 464 doentes internados. Os doentes inscritos durante o ano foram em número de 5 140 875 (para uma população de 8 893 800).

● **Organização Corporativa** — No mesmo ano havia no Continente, 546 gré-

(Continua na ultima página)

Eis uma mulher-polícia de Londres com o novo uniforme primaveril. Ela e as suas colegas envergá-lo-ão a partir do próximo dia 21.

40 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

BRASIL: SEGUNDO RAPTO DE UM DIPLOMATA

SÃO PAULO, 12 — (R.) — Forças do Exército e da Polícia Militar brasileira foram colocadas em todas as estradas de acesso a São Paulo, após o rapto do cônsul japonês Nobua Okuchi, por um bando de homens.

O cônsul seguia para casa, ontem, à noite, quando dois ou três automóveis, com homens armados, se atravessaram à frente do seu carro, obrigando-o a parar e raptando-o em seguida.

Este é o segundo rapto de um diplomata estrangeiro que se verifica no Brasil nos ultimos seis meses. Anteriormente tinha sido a vez do embaixador americano no Rio de Janeiro, em troca do qual os guerrilheiros obtiveram a

(Continua na 10.ª página)

O DIREITO À HABITAÇÃO

O direito a habitação, o aproveitamento das possibilidades efectivas da colectividade na concretização desse direito, o estabelecimento de uma política de solos compatível, o incremento da construção social, o tabelamento das rendas e o termo da especulação de terrenos, foram alguns dos temas debatidos na segunda sessão do colóquio promovido pela paróquia de Arroios, sob o tema geral «A consciência cristã e o direito á habitação». **(Ler reportagem na página central).**

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

LER NA 2.ª PÁGINA

COLÓQUIO SOBRE A «RES TAURINA» COM D. JOSÉ MARIA DE COSSÍO

O erudito académico espanhol D. José Maria de Cossío veio agora a Lisboa a convite da Embaixada de Espanha e da Fundação Gulbenkian, em cujo auditório deu uma conferência acerca dos novelistas portugueses Júlio Dinis e Eça de Queiroz e do seu conterrâneo montanhês Pereda. Apresentado pelo dr. Branquinho da Fonseca disse Cossío com superior critério as características dos três novelistas no amor á terra e ao seu encantamento simples.

Ontem, na chancelaria da Embaixada de Espanha e actuando de «aguazil» o embaixador Jimenez Arnau como o próprio modestamente disse aceitou Cossío a um colóquio acerca da «res taurina», e com a presença de numerosos afeiçonados. Presidiu a gentil senhora de Pombeiro, a inesquecível Conchita Cintron que do cargo se desempenhou com gracioso espírito contando anedotas do seu largo convívio com José Maria de Cossío e outros grandes do toureio e interveiu no colóquio com acertadas considerações.

José Maria de Cossío que na conferência literária da vespera brilhou tal como na que se fez na Sociedade de Geografia, em 1941 acerca dos «Touros na Poesia Castelhana» então guiando-se pelo seu livro, que não trouxera e lhe emprestámos foi ontem mais discreto e sòbriamente crítico.

Reverenciado, e muito justificadamente por todos os toureiros, Cossío pairou á margem dos partidarismos, superior á crítica corrente, generoso nos julgamentos e respondeu com amabilidade ás perguntas que lhe foram feitas por vários aficionados. Assim á que lhe fizemos dos perigos de que o chamado «tremendismo» ameaça a pureza do toureio, aceitando, porém, que a maioria não tem razão geralmente. O autor da Enciclopédia «Los Toros» não quis ser mais expresso nas respostas a outras várias perguntas, como as que lhe foram feitas pelos pintores Martin Maqueda e Mário de Oliveira que na sala expõe quadros admiràvelmente captados na paisagem espanhola.

De todos os modos teve altura e interesse o colóquio que terminou com aplausos a José Maria de Cossío que hoje regressa a Espanha.

A numerosa assistência foi no final oferecida uma «copa de Jerez», que serviu para brindar pelo conferente e pelos generosos anfitriões.

«EL T. PEREZ»

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Sofia Cardoso Pires Neves

Na sua residência, Rua Carlos José Barreiros, 7 1.º, em Lisboa, faleceu hoje a sr.ª D. Maria Sofia Cardoso Pires Neves, de 75 anos, viúva.

A extinta era mãe do escritor e nosso prezado colaborador José Cardoso Pires e da sr.ª D. Maria de Lourdes Pires Neves; sogra da sr.ª D. Maria Edite Pereira e avó de Nuno José Neves Afonso Ribeiro e das meninas Ana e Rita Cardoso Pires.

A família enlutada e, particularmente, a José Cardoso Pires — que veio de Londres ao saber do agravamento do estado de saúde de sua mãe — apresenta o nosso jornal a manifestação do seu profundo pezar.

D. Senhorinha Alves de Brum Nunes

Faleceu a sr.ª D. Senhorinha Alves de Brum Nunes de 80 anos, natural de Horta (Açores), mãe da sr.ª dr.ª Senhorinha Alves de Brum e dos srs. Manuel Alves Brum e Joaquim Alves Brum. O funeral, a cargo da Agência Sagrado, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da capela do Hospital do Ultramar, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Desapareceu a caminho da escola e os pais só o souberam 23 dias depois

LOURENÇO MARQUES, 12 — (L.) — Uma criança de 12 anos de idade, que deixou a sua casa, em Mabalane, próximo de Vila Trigo de Morais, em 2 de Fevereiro passado, a fim de seguir para a missão de Chicumbane, onde frequentava as aulas, desapareceu, um tanto misteriosamente.

A criança, Violeta Estêvão Manjate, foi, nesse dia, acompanhada por sua mãe, até ao Caniçado, onde comprou bilhete da carreira dos transportes com destino a João Belo. Contudo, nesse dia não chegou á escola e não voltou a dar sinal de si até hoje.

Contudo, o mais insólito do acontecimento é o facto de os pais da criança, Estêvão Manuel Manjate e Vitória Tibane, só 23 dias depois terem tido conhecimento de que a sua filha não havia ido á escola no dia em que desapareceu.

ACUSAÇÃO DO YÉMEN DO SUL

ADEN, 12 — (R.) — O Yémen do Sul acusou a Grã-Bretanha, Estados Unidos e Arábia Saudita de conspiração para derrubarem o regime do país.

Um comunicado oficial dizia que as autoridades descobriram uma conjura para derrubar o partido da Frente Nacional e colocar o país sob Governo imperialista reaccionário.

A comunicação, que não revela quando a conspiração foi descoberta, acusava a Grã-Bretanha, Estados Unidos e Arábia Saudita de organizarem conjuras para depor o regime.

Acrescentava que alguns militares e civis, incluindo Salem Al Kindi, antigo governador da quinta província, foram presos por acusações de participarem na conspiração.

FANFANI ACEITA FORMAR GOVERNO

ROMA, 12 — (F. P.) — O presidente do Senado, Amintore Fanfani, aceitou a missão de tentar formar um novo Governo.

No fim do encontro de hoje de manhã com o presidente da República, Giuseppe Saragat, foi publicado o comunicado seguinte: «O chefe de Estado, achando necessário um novo exame das diversas forças parlamentares na base de elementos e de posições tomadas precedentemente, encarregou Amintore Fanfani — que aceitou — da missão de realizar os contactos necessários com vista á formação dum novo Governo».

ROUBOU 23 CONTOS AO PORTEIRO

A pedido de João Tomás Lopes, porteiro do n.º 36 da Av. General Roçadas, foi detida pela P.S.P. uma mulher.

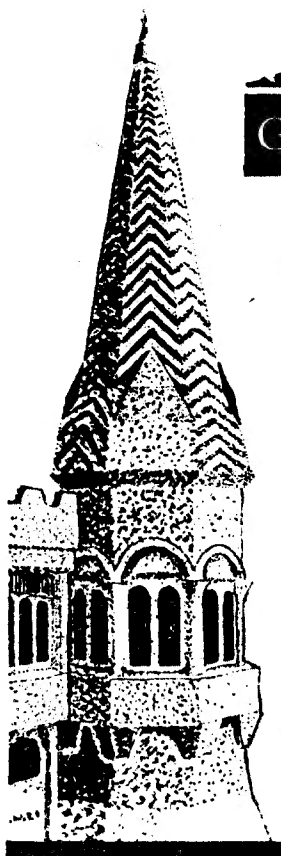
Era serviçal no 3.º-B do mesmo prédio e, no passado dia 8, por meio de chave falsa, furtou 23 612$00 da residência do porteiro.

A detida, Virgínia dos Santos Alenquer, de 23 anos, solteira, natural do Carriço, confessou o acto. Tinha ainda em seu poder 19 contos. O restante dinheiro afirma tê-lo dado ao namorado, que já o teria gasto.

REUNIÃO NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Prosseguindo as suas iniciativas do corrente ano, a nova direcção do Clube Português dos Publicitários, realiza, hoje na sua sede social, á Praça das Águas Livres, n.º 7, cave, uma sessão cinematográfica com início ás 21 e 30, durante a qual serão exibidos os filmes «Pas de Deux», Hen Hop» e «Hoppity Pop», de Norman McLaren, gentilmente cedidos pela Embaixada do Canadá.

Dada a projecção de que desfruta, nos meios culturais e intelectuais portugueses, o nome de Norman McLaren, estes filmes estão a ser aguardados com justificada expectativa pelos publicitários portugueses. Haverá ainda a projecção de outro filme sobre a «Apollo-12» — o mais actualizado de todos quantos já foram exibidos sobre a conquista da Lua e cuja apresentação é possível graças á colaboração da Embaixada norte-americana.



GALERIA REAL

(UTILIDADE TURÍSTICA)

Alto cozinho regional português no requintado ambiente do Séc. XVIII

Almoços — Jantares

Chás com doçaria caseira

SALA DA LAREIRA

Reserva-se para reuniões familiares, festas de casamento, etc.

24 lojas de antiguidades e artesanato

TEL. 98 16 61 - 2 - 3

S. PEDRO DE SINTRA

Nauticampo 4.º

até 15 de Março

na

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Parada espectacular de artigos para recreio ao ar livre

HORÁRIO: Hoje e amanhã das 17 às 24 horas

ENTRADA: 5$00

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

OS ANÕES INTRÉPIDOS

No mais absoluto segredo um grupo de voluntários britânicos realizou uma empolgante e corajosa façanha durante a Segunda Guerra Mundial. Não perca este sensacional artigo nas «Selecções» de Março, lá o vendo em distribuição da LIVRARIA BERTRAND.

Na LAGOA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se das 6 até 6 em tral

THORENS

O giro-discos dos melómanos e profissionais.

Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

RUA NOVA DO ALMADA, 85-97 LISBOA

No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

espiral

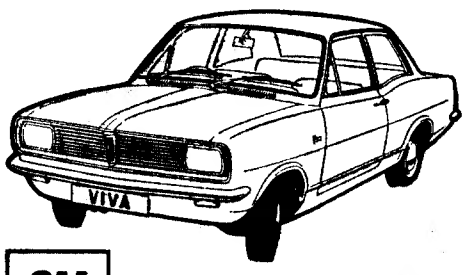
o seu vauxhall espera-o agora na marticar!

marticar

SERVIÇO DE QUALIDADE PARA SUA SEGURANÇA

Admire no nosso salão a linha Vauxhall, do económico Viva Standard, ao luxuoso e potente Ventora. Experimente a suavidade de conduzir o SL 90, o arrojo de possuir o GT!

Queremos ser os melhores amigos do seu Vauxhall. Desculpe se o pomos à sua frente. Queremos dizer-lhe, que estamos preparados para o servir completamente, de modo a que goze o prazer de ter um Vauxhall.



GM

MARK OF EXCELLENCE

Visite-nos na Rua Almirante Barroso, 9 A, Telefone 536516 Lisboa

CAMBODJA: outra pedra a cair no dominó do Sueste Asiático?

PHNOM PENH (Cambodja) — Agora que a intervenção americana no Vietnam parece estar no declínio o principal problema de política externa do príncipe Sihanouk é o das relações do Cambodja com os comunistas vietnamitas.

No quadro dos seus esforços continuos para fazer reconhecer e respeitar por todos, as fronteiras vulneráveis do Cambodja, o príncipe consagrou-se ao problema posto pela presença de cerca de 40000 soldados comunistas nas regiões fronteiriças do seu país — a Leste, Norte e Sul. Mas é provável que os esforços políticos, militares e diplomáticos para conseguirem a sua partida absorverão uma grande parte do seu tempo e da sua energia nestes anos mais próximos.

De 1963 até ao ano passado, Sihanouk esforçou-se essencialmente por manter o país afastado da guerra do Vietnam e, em especial, do devastador poder de fogo dos americanos. Se os bombardeiros e os canhões americanos transformavam as regiões vizinhas do Vietnam numa zona de desolação, a verdade é que o solo cambodjiano era largamente poupado.

Se as tropas comunistas ocupavam dois terços do vizinho Laos, mantinham-se, pelo contrário, tranquilas nas zonas relativamente limitadas do Cambodja onde realmente penetraram.

Mas cerca de 1000 cambodjianos foram já mortos ou feridos por ataques americanos e a presença de tropas comunistas no Cambodja (em especial nas províncias isoladas de Mondulkiri e de Ratanakiri) é fonte de crescentes preocupações em Phnom Penh. O primeiro-ministro do príncipe Sihamouk, o general Ion Nol, declarou que 40 000 soldados comunistas violam a fronteira cambodjiana de uma maneira ou de outra. Os cambodjianos querem que eles partam.

Até ao princípio do ano passado, o príncipe Sihamouk nem queria admitir que os comunistas entrassem clandestinamente no Cambodja com medo de fornecer ao comando militar americano uma desculpa para este atacar o território do país.

Quando os americanos tomaram a decisão de retirar gradualmente do Vietnam, Sihanouk começou a tornar públicas as violações da fronteira cambodjiana pelos comunistas vietnamitas e pelos americanos.

Esta mudança data de Dezembro de 1968, quando o príncipe Sihamouk deu ordem ao seu exército para fazer mais pressão sobre os comunistas. Na altura foram deslocadas unidades da fronteira com a Tailandia para a fronteira com o Vietnam. Foi criada uma nova região militar, com um quartel-general em Stung Treng onde o comando militar laociano dirige os seus esforços contra os comunistas vietnamitas.

Na Primavera passada, Sihanouk dirigiu-se a diversas aldeias das tribus das colinas nas províncias isoladas de Ratanakiri. Numa aldeia, as tropas comunistas deram ordem aos aldeãos para não assistirem a uma projecção cinematográfica organizada por Sihanouk. A dois quilómetros de distancia, soldados «vietcong» atacavam uma posição do exército cambodjiano.

Furioso, Sihanouk voltou a Phnom Penh para anunciar, pela primeira vez publicamente, que as suas fronteiras estavam a ser violadas pelos comunistas vietnamitas. E acusou o Vietnam do Norte de pretender anexar a província de Ratanikiri.

Pouco tempo depois, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o príncipe Norodom Phurissara, convocou os embaixadores do Vietnam do Norte e do Governo revolucionário provisório (Vietcong) e acusou as suas tropas por «ocuparem certas regiões do nosso território e por darem crescente assistência aos «Khmers» vermelhos», o pequeno movimento insurreccional cambodjiano.

Os dois diplomatas protestaram débilmente e reafirmaram o respeito dos seus governos pela neutralidade do Cambodja. Os cambodjianos nem por isso ficaram tranquilizados. Em Outubro, o general Lon Nol afirmava que 40 000 comunistas vietnamitas estavam «implantados» no território cambodjiano.

Segundo o primeiro-ministro cambodjiano, haveria 17 000 nas províncias de Ratanikiri e de Mondulkiri e cerca de 19 000 no interior do Cambodja, a Leste e Sul em zonas muito populosas. O primeiro-ministro acusou os norte-vietnamitas por terem posto em campo quatro centros de treino para os «Khmers» vermelhos imediatamente do outro lado da fronteira no Vietnam do Sul. Acusou igualmente os norte-vietnamitas por incitarem as tribus do Nordeste do Cambodja á rebelião. O general acrescentou que os «Khmers» vermelhos e as tribos do Norte em rebelião eram «enquadrados» por elementos das forças regulares vietnamitas e recebiam armas da China.

Por T. D. ALLMAN

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

O Cambodja tem nitidamente tendência para dar um aspecto dramático ás ameaças, à soberania nacional, porque tem sido muitas vezes vitima de agressão estrangeira no passado e, também, porque é um meio cómodo de reunir a população á volta do Governo.

Seja qual for o número exacto de tropas norte-vietnamitas no Cambodja (parece que elas atravessam em grande número a fronteira nos dois sentidos, mas têm muito poucas bases permanentes) é evidente que receberam ordem de se manterem tranquilas e de evitarem criar dificuldades.

Tropas em igual número puderam, no Laos, com ordem de atacar as posições governamentais, pôr o país em desordem. Nada de semelhante se passou no Cambodja.

Para fazer face á ameaça, manter a lealdade das populações camponesas e encorajar os vietnamitas a partir, o príncipe Sihanouke e o seu Governo agiram em várias frentes:

1 — Trataram rápidamente de reduzir o número de zonas do país tão isoladas que permitissem que grupos rebeldes aí operassem. O príncipe Sihanouk desloca-se infatigávelmente pelo país, inaugurando obras publicas abrindo novas escolas avistando se com os chefes das aldeias.

2 — O Exército cambodjiano intensificou as suas actividades, em especial ao longo da fronteira. Com apenas 33 000 homens, os cambodjianos não podem enfrentar as forças combinadas norte-vietnamitas e «vietcongs» mas a sua presença nos territórios mais recuados impede que eles caiam nas mãos dos comunistas.

3 — No plano diplomático, Sihanouk começou a exercer pressões sobre o Vietcong e o Vietnam do Norte, lembrando-lhes que dispõe de apoios internacionais de peso e que, criando dificuldades ao Cambodja, poderiam complicar as suas relações com potências tão diferentes como a China, a Russia, a França e mesmo os E.U.A.

4 — A reabertura da Embaixada americana em Phnom Penh as declarações de Sihanouk sobre a necessidade de uma presença americana continua na Tailândia para a estabilidade do Sueste Asiático e os protestos cada vez mais débeis do seu Governo perante as violações da fronteira por americanos, tudo isso surtiu certo efeito em Hanói.

Os comunistas vietnamitas redobraram de promessas sobre o respeito pela neutralidade do Cambodja e teriam mesmo garantido por escrito, segundo diz Sihanouk, que evacuariam o país após o fim da guerra do Vietnam.

Mas a guerra poderá ainda arrastar-se por muito tempo e Sihanouk tem declarado repetidamente que dá pouco crédito ás garantias comunistas

Nota do dia

PASSOS DE UM CAMINHO

MUITO IMPORTANTE o projecto do decreto aprovado esta semana em conselho de ministros, depois da sua discussão começada na reunião da semana anterior, sobre o regime da carreira docente universitária. Envolve um conjunto de situações sobre as quais têm incidido com frequência os rigores da crítica e para que, em certa medida, desde já se oferecem soluções que parecem bastante atraentes. Essas soluções, todavia como se esclarece no relatório do diploma agora aprovado, serão consideradas apenas de carácter provisório.

Essa característica identificada da transitoriedade das coisas vem abertamente acentuada. É ou procura ser um ir ao encontro dos problemas, um regime que «sofrerá as correcções e os aditamentos que a experiência aconselhar. Só assim, aliás, se respeita o propósito, que logo de início se afirmou, de, por agora, promulgar apenas algumas disposições que facilitem uma ampla reforma da Universidade». É uma dimensão marcada e consciente e é dentro dela que é preciso raciocinar e tentar julgar.

Os tópicos do novo regime permitem desde logo esta síntese: procura-se facilitar e remunerar mais apropriadamente procura-se acudir aos aspectos que tenham parecido mais urgentes, mais possíveis ou mais gritantes, procura-se tornar a carreira do ensino universitário mais atraente para o que se estabelecem condições no sentido de abrir nela o caminho aos estudantes que mostrem condições para isso e aos quais, ainda como tais, se oferece o primeiro acesso a auxiliares do ensino sob a designação de «monitores».

O que é mais de assinalar, ao que nos parece, é o propósito declarado de continuar a mexer, considerar isto apenas como um passo num caminho necessário, «sem se prejudicar a possibilidade de virem a introduzir-se outras modificações de fundo quando se definirem, em futuro próximo, as linhas mestras da reforma geral da Universidade». A reforma geral, eis a fórmula atraente e inquietante, aquela onde hão-de reflectir-se todas as inquietações do nosso tempo. Mas por quanto tempo? E com que rigor?

Tudo isto quer dizer, antes do mais, que a instituição universitária, tal como chegou aos nossos dias, estremeceu o bastante para que não se pense senão em procurar caminhos para lhe restituir meios de vida. Nesse sentido, parece passo importante o diploma que o ministro da Educação defendeu em duas sessões seguidas no Conselho de Ministros. Mas ninguém se iluda com a dimensão nem com o sentido do que se passou, nem vá alguém pensar que é uma batalha ganha. É apenas a colocação de uma parte do dispositivo para a batalha que é preciso travar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMPANHIA DE SEGUROS

Fundada em 1907

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Para os fins indicados nas alíneas a), b), c) e d) do artigo 23.º dos Estatutos desta Companhia, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir na sua Sede, Rua do Arco do Bandeira, 12, pelas 18 horas e 30 minutos do dia 31 do corrente.

Lisboa, 10 de Março de 1970.

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
a) RAÚL PEREIRA DA ROCHA

RECTÂNGULOS DA VIDA

UM DIA HISTÓRICO OU BARBARELLA E OS ÍNDIOS

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Não esqueçamos pois o dia 9 de Março de 1970. Eis um dia histórico, enfim, fez-se por isso, houve quem fizesse. E se os compêndios do futuro considerarem este dia desprezível e não se referirem a ele, o mal é dos seus autores.

À meia noite de 8 para 9, em Londres, a ilha dos Cães, pequena península situada no estuário do Tamisa, e assim chamada desde que um soberano lá instalou os canis reais, proclamou oficialmente a sua independência. A referida península (ou ilha), com dez mil habitantes (humanos) soltou pois o seu grito do Ipiranga (em inglês, naturalmente) e elegeu seu presidente o senhor Ted Jones e primeiros ministros (dois, aqui está uma novidade), os senhores John Westfallen (barqueiro) e Raymond Pagett (estivador). Ignora-se ainda a atitude da Inglaterra perante mais esta independência, que, de resto, decorreu calmamente, dentro do maior civismo.

Pelos vistos não pode dizer-se o mesmo dos cem peles-vermelhos que, superiormente comandados por Barbarella, isto é, Jane Fonda, isto é, senhora Vadim, assaltaram (sem armas) duas bases norte-americanas da região de Seattle, Ford Lawton e Fort Lewis. Mas há um mundo entre o chá das cinco e as histórias dos índios. Motivo do assalto: reclamar para os peles-vermelhas, terras que lhes foram tiradas. Barbarella é, está visto, pelos fracos contra os fortes, pelas minorias contra as maiorias, pelos despojados contra os possessores. Foi parar á cadeia com um número razoável dos seus índios. Mas os soldados americanos tiveram de andar algum tempo a correr atrás dos peles-vermelhas que, de penas na cabeça e cara pintada, se haviam espalhado pelas bases. «Eles queriam ler uma proclamação reclamando a terra para todos os índios americanos e eu avisei-os de que não podia ser e pedi-lhes que saíssem», declarou mais tarde o coronel Stuart Palos.

Numa altura em que os filmes de «cow-boys» e peles-vermelhas tinham dado — há muito — o último suspiro, eis que os índios vêm trazer mais umas ideias aos cineastas folclóricos. Barbarella e os índios, porque não?

«...NÃO PERCA A ÚLTIMA OBRA DE FRANÇOIS TRUFFAUT, A POESIA E A AVENTURA FEITAS CINEMA»

EDUARDO GEADA IN «A CAPITAL»

A SEREIA DO MISSISSIPI

de

FRANÇOIS TRUFFAUT

com

JEAN-PAUL BELMONDO

CATHERINE DENEUVE

O PÚBLICO CONCORDA!

E ESTE NOTÁVEL FILME CONTINUA EM

3.ª SEMANA NO SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

ADULTOS

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET (ADULTOS)

o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS

ARTUR SEMEDO

é o sr. Garcez, um doidinho por saias, na comédia

O VISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Uma missão incrível em que a possibilidade de salvação é pràticamente zero!

BATALHA PARA ALÉM DAS ESTRELAS

"The Green Slime"

com Robert Horton · Luciana Paluzzi · Richard Jaeckel

COLORIDO Maiores de 17 anos

Argumento de Charles Sinclair, William Faulkner & Ivan Howe — Produção de Ivan Tors & Walter M. Manley — Realização de Kinji Fukasaku — from MGM

HOJE, ESTREIA no COLISEU

Michael Caine

NUM FILME DE ANDRÉ DE TOTH

JOGO SUJO

'Play Dirty'

«... «JOGO SUJO» NÃO SE DEVE PERDER PELA LIÇÃO DE CINEMA QUE É...»

LAURO ANTÓNIO IN «D. DE LISBOA»

2.ª SEMANA

United Artists

ROMA

ADULTOS

VÁ AO TEATRO!

MONUMENTAL • LAURA ALVES

T. 555133 (ADULTOS) T. 864756 (ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta

DOIS MAGNÍFICOS ESPECTÁCULOS

LAURA ALVES — EM 4.º MES

UMA COMÉDIA FRANCESA — 2 HORAS DE GARGALHADA

A NOITE às 21.45 h.

Domingos à tarde, às 16 h.

Nos 2 Teatros: descanso dos Comp.ºs às 2.ªs-feiras

FORJA DE ALVES REDOL

CARMEM DOLORES
JACINTO RAMOS

nos protagonistas

A NOITE às 21.45 h.

Sábados, à tarde, às 16 h.

Domingos, 2 «matinées»: às 16 e às 18 h.

A NOITE, às 22 h.

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

IGREJAS CAEIRO APRESENTA EM

5ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

DA DIVERTIDISSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

TODAS AS NOITES AS 21.45 HORAS

Sábados e domingos também às 16 h.

(Maiores de 17 anos)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Muito obrigado a todos!».
REALIZAÇÃO — Waris Hussein.
INTÉRPRETES — Sandy Dennis, Ian McKellen, Michael Coles e John Handing.

...E ele até já vai havendo cinema na Suíça!

Continuamos, no entanto, sem perceber porque é que num país com uma luz tão bonita como a Inglaterra, onde (ainda por cima) abundam tão excelentes actores, as sucessivas gerações de cineastas (e excepção feita ao grande Alfredo radicado nos States) não conseguem, nos melhores casos, passar de uma vulgar mediania. Ou não será verdade que o melhor cineasta inglês (ás vezes) é o norte-americano Joseph Losey? E não me venham dizer que é a Rank que atrofia tudo. É claro que a Rank atrofia, pois é essa a sua competência, mas qualquer cineasta que se preze tem a obrigação primeira de saber isso mesmo para a seguir, e em função disso, determinar a estratégia que mais lhe convém. Se o próprio Winston Churchill sabia essas coisas, qualquer homem de cinema (que não é menos que um estadista) pode e deve sabê-las também.

O filme de Hussein ora estreado é exemplar típico da pouca queda dos ilhéus para o cinema, mesmo (como é o caso) quando as intenções são boas, os actores bem dirigidos e um ou outro deslize grosseiro não basta para estragar o tónus escorreito da realização (como é ainda o caso).

Que dizer, pois, de um filme que não é bom nem mau, nem carne nem peixe, a não ser isso mesmo?

Que falta ao cinema inglês? A loucura? O carácter? O génio? Um bocadinho mais de invenção visual? E enquanto, como as Parcas, não desfazemos o novelo da nossa perplexidade, lembramo-nos de «No Limiar da Vida» de Ingmar Bergman, isto é: dos terríveis silêncios que as portas fechadas nos escondem e das noções que deles (com eles) aprendemos, dizia sem receio de se enganar o Nuno Bragança.

«Muito obrigada a todos» é, depois de cumpridas as peregrinações ao Dreyer e ao Truffaut, um filme a ver, apesar de tudo. Eu próprio já desesperava.

Entre os complementos exibe-se «Uma fábula» Mobil. Eles acham que devemos cooperar. Sim senhor, mas onde e com quê e em quê? É evidente que muito petróleo correrá ainda, mas eu sou apenas um modesto crítico de cinema e de petróleos não sei nada.

Há também «Actualidades Portuguesas» da lavra do produtor Francisco de Castro que, por sinal, aparece a abraçar a torto e a direito os seus colaboradores presentes na estreia de «Os 5 Avisos de Satanás». Comovente auto-elogio! Se eu fosse dono de um jornal de actualidades cinematográficas faria com certeza o mesmo. Com a ingratidão que por aí vai, se não formos nós a fazê-lo quem o fará? Assim é que é. Viva o produtor Francisco de Castro.

J. C. M.

(Continua na página seguinte)

FÉRIAS no ALGARVE

poli

APROVEITE OS PRÓXIMOS FERIADOS E FINS DE SEMANA PARA PASSAR UNS DIAS INESQUECÍVEIS COM SUA FAMÍLIA.

OS NOSSOS APARTAMENTOS ESTÃO AO SEU DISPOR PARA ALUGUER E VENDA, EM:

LAGOS

CONJUNTO TURÍSTICO "ROSSIO DA TRINDADE"
102 APARTAMENTOS, PISCINA, SNACK BAR RESTAURANTE, DISCOTECA, SUPERMERCADO E PARKING JUNTO A ALGUMAS DAS MAIS BELAS PRAIAS E A 300 METROS DA FAMOSA PRAIA DO ANA

PRAIA DA ROCHA

EDIFÍCIO "AQUAZUL"
12 ANDARES, 72 APARTAMENTOS, TERRAÇO SOLÁRIO, RESTAURANTE, LAVANDARIA, MINI-MERCADO ETC. SOBRE A PRAIA DO MESMO NOME.

APROVEITE OS NOSSOS PREÇOS ESPECIAIS DE BAIXA ESTAÇÃO PARA UMAS FÉRIAS REPOUSANTES

*

TODOS OS APARTAMENTOS ESTÃO COMPLETAMENTE MOBILADOS E EQUIPADOS

PEDIDOS DE RESERVA A

AQUAZUL

Aquazul

INVESTIMENTOS TURÍSTICOS E HOTELEIROS, S.A.R.L.
LISBOA
AV. DUQUE DE LOULÉ 47-5.º D-TEL 53B595/6/7
PORTO
RUA SÁ DA BANDEIRA, 52-2.º — TELEF 34703
COIMBRA
PRAÇA 8 DE MAIO, 42-1.º — TELEF 22552
LAGOS
ROSSIO DA TRINDADE — TELEF. 127
PRAIA DA ROCHA
EDIFÍCIO AQUAZUL — TELEF 2433

NO MOMENTO EXACTO...
novos caminhos para o desenvolvimento económico

"PARA UMA ECONOMIA ABERTA AO EXTERIOR"
A DECISIVA DÉCADA DE 70
CHEGOU O MOMENTO
DE COMEÇARMOS A SENTIR VERDADEIRAMENTE
DA CAPACIDADE DE ORGANIZAÇÃO
PACTE DA CONCORRÊNCIA
ADE COMERCIAL DA EUROPA
DO COMÉRCIO

DURANTE O ANO DE 1969
SETE EMPRESAS NACIONAIS VENDIDAS A ESTRANGEIROS

CRIAÇÃO, REVITALIZAÇÃO E RECONVERSÃO DA INDÚSTRIA
"PASSAPORTE PARA O MUNDO DE HOJE"
TEMOS QUE MUDAR DE VIDA
PARA NOS INDUSTRIALIZARMOS A FUNDO:
PROMOÇÃO EM VEZ DE CONDICIONAMENTO
—FOI O GRITO DE ALARME DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA INDÚSTRIA NA ABERTURA DO COLÓQUIO SOBRE POLÍTICA INDUSTRIAL

COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL
O DESAFIO ACTUAL
DÁ-NOS A POSSIBILIDADE DE PROVOCAR UMA ACELERAÇÃO CRIADORA.
— DECLAROU O ENG. TOR CAMPOS, DIRECTOR-GERAL SERVIÇOS INDUSTRIAIS, NA SÃO DE ENCERRAMENTO DEBATES

A PUBLICIDADE
é uma força projectiva e progressiva que na sociedade actual detém cada vez mais uma função de significado vital
— disse o secretário de Estado da Informação na cerimónia de posse dos dirigentes do Clube Português de Publicitários

GUIÃO
DIVULGAÇÃO PROMOCIONAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO
TRAÇO DE UNIÃO ENTRE A OFERTA E A PROCURA!

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

• NO AVIS

TÍTULO — «A fúria do ouro» («O gruno per se»).

REALIZAÇÃO — Giorgio Capitani, 1969 (Itália).

INTÉRPRETES — Van Heflin, Gilbert Roland, Klaus Kinski, George Hilton, Sarah Ross, etc.

O «western» italiano dá para tudo. Na arte de cada vez mais avultar o espectáculo, os italianos vão cada vez mais longe. «A Fúria do Ouro», de Giorgio Capitani, não é nem melhor, nem pior. Antes pelo contrário. Diferente também é um pouco. Os heróis passam a ostentar uma ambiguidade de comportamento muito curiosa. Klaus Kinski, por exemplo muito pistoleiro no íntimo e muito padre pelo vestuário com que se disfarça, acaba por se revelar efeminado até mais não poder. *boy friend* predilecto de George Hilton. A entrada de Klaus Kinski num *saloon* justifica, até, um curioso diálogo com o *barman*: — «*Um copo de leite!*»; — «*A nossa vaca não está. Foi tomar chá com as vizinhas*».

Para além disso, teremos, ainda, Gilbert Roland dançando o *chá-chá-chá* nas ruínas de uma cidade onde os bandoleiros se albergam, ou George Hilton resguardando-se da intempérie com um guarda-chuva amarelo. E, também, os banhos turcos. Há, ainda «a febre do ouro», as traições, as mortes (aos milhares) e tudo o mais que é nada. O «western» italiano dá para tudo. Para rir também.

L. A.

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Os cavaleiros mascarados».

REALIZAÇÃO — Pino Mercanti, 1968 (Itália).

INTÉRPRETES — Guy Madison, Lisa Gastoni, Jean Claudio, Ingrid Scholler, etc.

Amor e ódio, num Veneza quinhentista, eis o resumo de «Os Cavaleiros Mascarados», película em *scope* e cor que Pino Mercanti dirigiu em Itália a pensar nos numerosos Olímpias que há espalhados pelo Mundo.

—Evidentemente que a película é extremamente mal amanhada e repete sem graça nem invenção, um chorrilho de lugares comuns há muito sabidos. Mas, teremos certamente de render louvores aos seus autores caso a *comparemos* com os milhares de *westerns* fascistizantes que os mesmos italianos espalham pelo mundo em vagas de embrutecimento maciço. O que nem sequer é um elogio...

L. A.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **O Clube dos Críticos Berlinenses atribuiu o premio Ernest Lubitsch a Werner Enke e a realizadora May Spiles, esta pela segunda película.**

■ **Os alemães vão transpor para a tela o romance de Flaubert «Madame Bovary». Sob direcção de John Scott, devem contracenar Gerhard Riedmann e Peter Carsten.**

■ **Começaram recentemente nas Baleares as filmagens da película «Nem um Adeus», de Vicente Escriva. São interpretes os cançonetistas Rafael, espanhol, e Les Ley Ann Down, inglesa.**

■ **Vai começar a ser filmada, perto de Mónaco, a película «Para Verushka», em que se estreia a modelo alemão Verushka, depois do breve papel que desempenhou no filme «Blow Up», de Antonioni.**

■ **O cineasta italiano Folco Quilici terminou a rodagem de dois documentários sobre a Sicília. O primeiro intitula-se «A Sicília e o Islão» e oferece uma panorâmica da passagem dos árabes pela ilha. O segundo foca as belezas naturais artísticas da Sicília.**

O GRUPO DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS

APRESENTA NO VASCO SANTANA

ANFITRIÃO

DE

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

ENCENAÇÃO LUÍS MIGUEL CINTRA

Hoje e amanhã, ás 21 e 30

(Adultos)

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores de 17 anos)

E S I R E I A

O empolgante filme de ficção científica

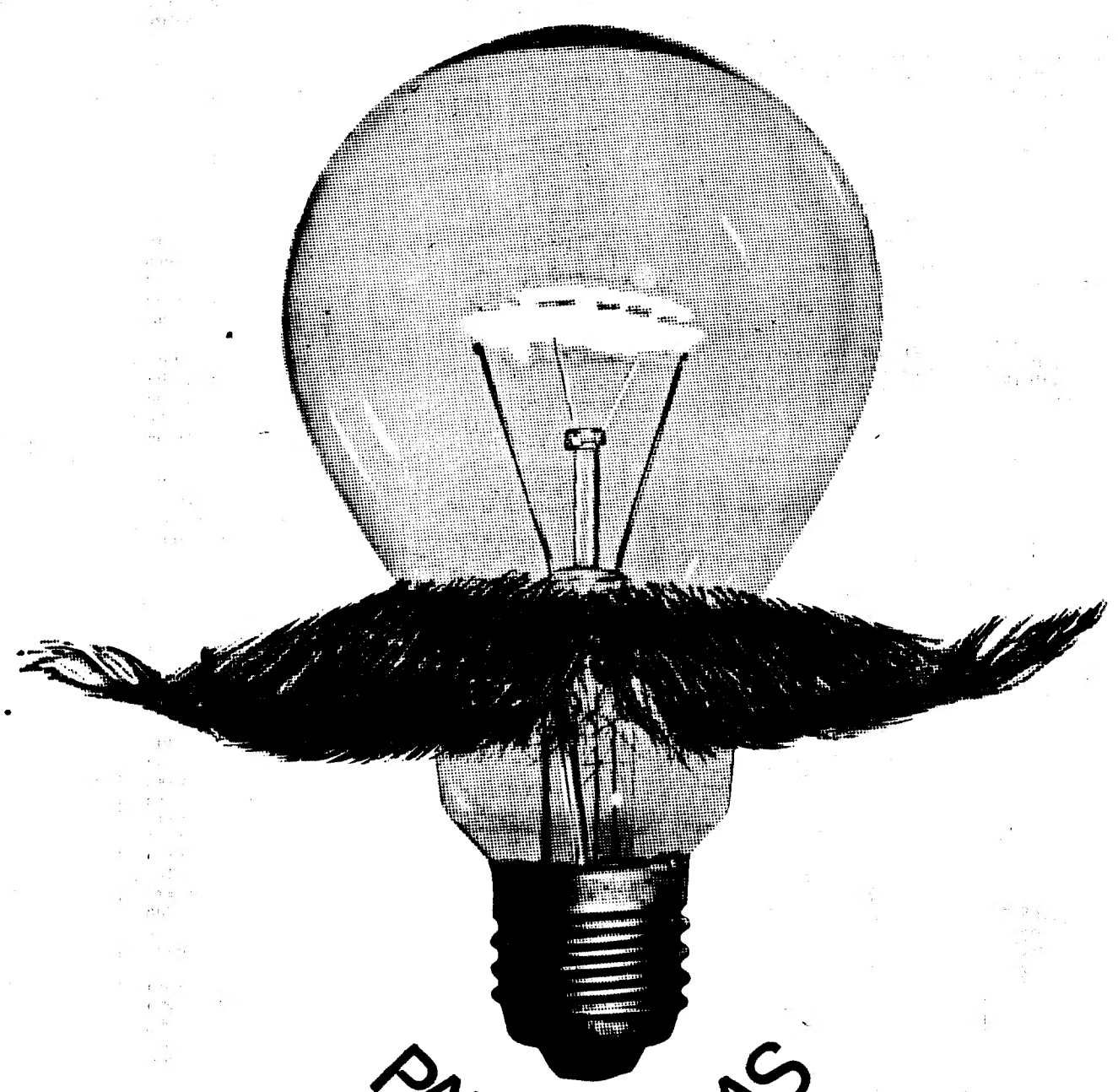
BATALHA PARA ALÉM DAS ESTRELAS

PREÇOS POPULARES

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BRILHANTE IDEIA



PARA TODAS AS COMPRAS

cartão

SOTTOMAYOR

BANKAMERICARD

JOÃO SILVA

00/00 BAC

938 123 456 789

ADELAIDE JOÃO E MADALENA BRAGA NO ELENCO DE «A RELÍQUIA»

Madalena Braga e Adelaide João têm a seu cargo interpretações de papéis que ilustram a crítica social que Eça de Queiroz imprimiu á sua obra «A Relíquia», agora apresentada por Igrejas Caeiro no Teatro Maria Matos, numa teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos.

A primeira desempenha a figura de Jesuína, a irmã de Crispim e mulher de Raposão. Tem de integrar-se no espírito de Eça de Queiroz que a definiu como uma burguesinha «de 32 anos e zarolha».

Adelaide João compõe duas personagens. Uma, a de Mariana, criada de Adélia, que vai revelar a Raposão as traições da patroa, outra a de Fatmé, que, em Alexandria, «apresenta» a nubia a Raposão. Estes dois papéis de características diferentes, têm em Adelaide João uma intérprete que soube metamorfosear-se da melhor maneira em cada uma das aparições em cena.

«A Relíquia» apresenta-se hoje e todas as noites ás 21 e 45 e aos sábados e domingos também ás 16 horas.

VIDA MUSICAL

Recital de órgão na Igreja de S. Luís dos Franceses

Alguns dos melhores alunos da classe de órgão do Centro de Estudos gregorianos, superiormente dirigida pelo prof. Sibertin-Blanc, vão realizar um recita, amanhã, ás 18 e 30, na Igreja de São Luís dos Franceses.

O programa é constituído por obras de J. S. Bach, J. Pachelbel e Mendelssonn.

«Auto da Compadecida» na Sociedade Boa União

Para comemorar o primeiro centenário da Sociedade Boa União — a mesma que, no Beco das Cruzes, tem largamente contribuído para um tipo válido de divulgação cultural entre a gente de Alfama — o «Proscenium» exibirá, durante as noites de 1 e 2 de Abril, a peça do nordestino Ariano Suassuna «Auto da Compadecida».

De profunda raiz popular, inspirado mesmo nos romances do povo «cangaceiro» do Nordeste, o «Auto da Compadecida» foi a primeira obra dramática de um catedrático da Universidade do Recife Ariano Suassuna, professor de Filosofia.

Criada, no Brasil, pela companhia de Cacilda Becker, que desempenhou o papel da Compadecida, logo se tornou a obra ideal para apresentação de teatros experimentais e de bolso, dado o seu carácter, a um tempo, didáctico e popular — quase artesanal.

Na interpretação do «Proscenium», grupo de Teatro dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, a peça de Ariano Suassuna — agora levada ao palco da Boa União — constitui, a par de «Silva Vicentina», uma das melhores realizações deste importante núcleo teatral amador de Lisboa.

F. N. A. T.

Ópera para Trabalhadores

COLISEU DOS RECREIOS

TEMPORADA POPULAR DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho concede descontos especiais aos seus beneficiários, aos sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos C. R. P. para as seguintes óperas:

FALSTAFF, de G. Verdi

4.ª-FEIRA, DIA 18 DE MARÇO

Principais intérpretes:

Claudia Parada, Fedora Barbieri, Lidia Marinpietri, Tito Gobbi, R. Capecchi, Ugo Benelli, Piero de Palma

Dia 24 de Março — «LUCIA DE LAMMERMOOR», de Donizetti

Dia 31 de Março — «LA BOHÈME», de G. Puccini

Dia 7 de Abril — «ERNANI», de G. Verdi

Os bilhetes encontram-se à venda a partir de 6.ª-feira anterior a cada récita, na Sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, a partir das 9 45 horas.

(M 12 anos)

«O CINEMA E A CRIANÇA»

O Cine Clube Imagem dedica as suas sessões deste mês á exibição de filmes que preenchem o ciclo «O Cinema e a Criança», sendo exibidas as seguintes películas:

Hoje «Brincadeiras proibidas», de René Clement; dia 19: «Os 400 Golpes», de François Truffaut; dia 26, «Os Domingos de Cybéle», de Serge Bourguignon.

As sessões realizam-se no Jardim Cinema, pelas 18 e 40. A inscrição de novos sócios poder-se-á fazer como de costume á entrada das sessões.

ELA É JOVEM E REBELDE...
DISPOSTA A AMAR, ODIAR, DESTRUIR...

A RAPARIGA DO AUTO-STOP
"3 Into 2 Won't Go"

Rod Steiger • Claire Bloom • Judy Geeson

Música de FRANCIS LAI Produção de JULIAN BLAUSTEIN Realização de PETER HALL

TECHNICOLOR ADULTOS

6.ª SEMANA no VOX

«A GOVERNANTA» no cinema Mundial

«A Governanta» em exibição no Cinema Mundial pode considerar-se, sem dúvida, como um dos mais excitantes e dramáticos filmes apresentados neste novo ano de 1970! «A Governanta», inspirado num famoso romance de Ursula Curtiss, é a segunda produção (a primeira foi «The Killing of Sister George» de Robert Aldrich um dos maiores nomes da encenação cinematográfica mundial. Aqui mais uma vez, o seu cunho pessoal está bem patente, embora a realização seja assinada por Lee H. Katzin, antigo operador e assistente de produção. O filme conta com duas actrizes de excepcional temperamento: referimo-nos a Geraldine Page, na personagem paranóica de uma viuva que se julgou irremediávelmente falida perante a sociedade que frequentava; e a Ruth Gordon («Óscar» da Academia pelo seu desempenho em «Rosemary's Baby» de Polansky) que, no papel de tia Alice, tem uma interpretação superior.

«A Governanta» desperta interesse que subjuga o espectador. Vão vê-lo ao Mundial!

O Orfeão do Benfica na Casa do Algarve

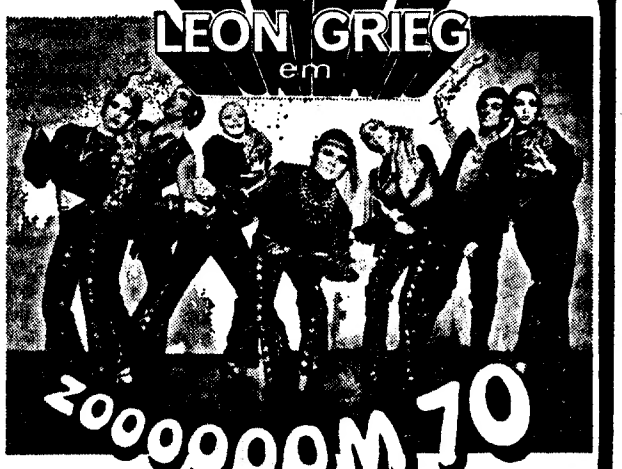
É já no sábado, pelas 21 e 30, que o Orfeão do Sport Lisboa e Benfica se exibe na Casa do Algarve, Rua Capelo, 5, 2.º-Dt.º, em Lisboa.

A entrada é livre.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

les ballets de LEON GRIEG em



ZOOOOOOM 70

Produção de ROBERT KAPIKIAN
com EDITH MAG e GAIL BRACKEN

SADE
vedeta da canção francesa

magia e ilusão
JOE WALDYS and partner

MARIA VALEJO

CONJUNTO JUAN DE AIZA COM TITIKA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar a 1.00h m/21 anos

CAPRICE LENOIRE
SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA: As 17 e 21.30
CHARLY
(M. 12 anos)

5.ª SEMANA

NA VANGUARDA DOS ÊXITOS!

TONY DE MATOS

O DESTINO MARCA A HORA

ANTÓNIO FERRÃO
INTERNACIONAL FILMES

ODÉON

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aero-

A CONSCIÊNCIA CRISTÃ E O DIREITO À HABITAÇÃO

Aspecto da assistência á segunda ses

— *Como deve ser distribuido o poder da colectividade de modo a preencher um direito que é de todos?* — perguntou, ontem, o arquitecto Nuno Portas, na segunda sessão do colóquio sobre a consciência cristã e o direito á habitação, realizado nas modernas instalações do Colégio Sagrado Coração de Maria, e promovido pela paróquia de Arroios.

Foi perante a sala completamente cheia, que o eng.º Bruto da Costa, que presidiu á sessão de ontem, explicou que aquela reunião, ao contrário da primeira, que pretendera apenas chamar a atenção para o problema, se destinava a apontar caminhos para a resolução da questão da habitação no nosso País.

Falou em primeiro lugar, a dr.ª Manuela da Silva O seu tema era exactamente o do direito á habitação. Começou por dizer que o direito á habitação é um direito social, tal como o direito á saúde, ao ensino, á informação, ao acesso aos diversos postos da sociedade. Nessa linha de ideias, a dr.ª Manuel da Silva disse que não basta afirmar esse direito:

— *Hoje já não se aceitam os direitos como simples afirmações. Pretende-se que sejam efectivados. Ninguém nega que o direito á habitação é um direito social. O problema começa quando se pretende passar a resolver as questões que impedem que ele seja exercido.»*

Como condições indispensáveis para que o direito passe a ser exercido, a dr.ª Manuela da Silva propôs que se estabelecesse uma *«política de solos compatível com as exigências do exercício desse direito»*. Num campo mais concreto, disse que se devia desde já começar a pensar nas nacionalizações dos solos, no seu tabelamento (não está o pão tabelado?).

Quanto ás rendas inacessíveis, que também impedem o exercício do direito, a dr.ª Manuela da Silva propôs o incremento da construção social, o tabelamento das rendas (*«deixá-las livres não é solução, quando tanta gente anda á procura de casa»*). Referiu-se ainda á questão das demolições precoces e á falta de ritmo na construção.

Falou, em seguida, o arquitecto Nuno Portas sobre as linhas possíveis de uma política de habitação.

Depois de voltar a focar que faltam ao País 500 000 habitações e de dizer que esse numero para a zona de Lisboa era de 150 000 (quase metade da população), Nuno Portas lembrou que as pessoas necessitadas de habitação além de serem um grande numero constituem a parte mais débil da população.

— *Em Portugal gasta-se por ano com a habitação seis por cento do Produto Nacional Bruto. Esse numero é igual ao dos países onde a questão tem sido melhor encarada. No entanto, o problema agrava-se. Não basta construir. É preciso saber para quem construir. No nosso País os dinheiros publicos pagam uma em cada dez casas das que se constroiem. Em Espanha esse numero é de três a quatro, mas já houve anos em que foi de seis. Penso que essa é uma primeira reivindicação: que o Estado (previdência incluida) pague seis em cada dez das casas que se construam. Isto vai evidentemente bulir com os dinheiros que o Estado, justa ou injustamente, gasta noutras actividades. Aí levanta-se um problema que não é de habitação. É de política geral.*

O arq. Portas apontou em seguida algumas medidas que a administração deveria tomar para resolver o problema.

Acabar com as especulações de terrenos; suprimir as mais valias; não fazer apenas bairros de casas nem deixar que se façam, coordenando toda a montagem das infraestruturas indispensáveis aos habitantes (água, esgotos, electricidade, arruamentos escolas, centros sociais, serviços de saude, campos de desporto, etc.); não planear bairros de um tipo de casa que aqueles que as planeiam se recusariam a utilizar.

A respeito deste ultimo ponto o arq. Portas foi muito claro. Chamou a atenção para o facto de uma politica de habitação que descrimine de uma forma classista poder ser mais um meio de impedir a esperança de vida e o pleno desenvolvimento das populações mais desfavorecidas.

O caso do desalojamento das populações que habitam o bairro de lata do Vale Escuro serviu de base para o resto das exposições de Nuno Portas.

Com o auxílio de um quadro explicativo, demonstrou as dificuldades que se levantam na resolução de problemas como o do Vale Escuro. A população da cidade foi dividida numa piramide. Junto do vértice, uma pequena zona escura representava a classe dirigente; mais abaixo uma zona um pouco maior representava a classe média, depois uma zona mais pequena era a dos operários mais bem pagos, abaixo dessa zona vinha outra, maior, que era a dos operários mal pagos, por ultimo uma zona muito grande representava o sub-emprego e o desemprego. Segundo o arq. Portas os habitantes dos bairros de lata estão incluidos nas duas ultimas categorias, sobretudo na ultima.

Exemplificando no quadro, Nuno Portas dividiu aqueles grupos em duas grandes categorias: os solventes (com mais de três mil escudos por agregado familiar) e os insolventes (menos de três mil escudos). A segunda categoria engloba mais de metade da população.

— *Aos dirigentes, os do vértice, pode a iniciativa privada resolver-lhes o problema. Quanto á classe média e aos operários mais bem pagos já o Estado terá de intervir para auxiliar, mesmo sem participar nas despesas, a resolução do seu problema habitacional. Mas para os insolventes o Estado terá de fazer práticamente tudo.*

Referindo-se ao problema dos transportes que vêem onerar o custo da habitação dos que moram longe do trabalho, da escola e de tudo, Nuno Portas disse:

— *Ao contrário do que se tem feito, os terrenos bem situados devem ser dados a quem não tem dinheiro para se deslocar. O Estado tem de garantir á população do Vale Escuro uma localização privilegiada. Para isso, basta que a não tire de onde está, que não a tire para os arredores. Ali, perto do Vale há, pelo menos, boas escolas. Até do ensino médio.*

Para melhor explicar porque tem o Estado de intervir decisivamente na resolução do problema o arq. Portas afirmou que uma casa de 70 m2 para uma familia de seis pessoas («e não é muito»), com uma amortização do capital em 50 anos (praticam-se prazos de 20 e 25) e sem ter lucros não pode ter uma renda inferior a 500-600 escudos. Em boa verdade, disse Nuno Portas, os insolventes não têm esse dinheiro para dar.

Segundo o arq. Nuno Portas, ao Estado compete:

— *Garantir a localização, fornecer os esgotos, electricidade, água. Numa segunda fase, a escola, os serviços de saude e sociais. Só no fim disso se fará a casa, para a qual o Estado poderá apenas ajudar.*

E explicando melhor:

— *Por que razão os bairros são de lata e madeira? A primeira razão é por que é proibido construir de pedra e cal. Tenho visto casas que são de madeira por fora, por causa dos fiscais, e de tijolo por dentro. Se o Estado resolver todos os problemas de infra-estrutura e entregar os lotes aos habitantes, eles, em regime de autoconstrução ou não, poderão fazer o resto. Nesta fase, basta á colectividade dar uma ajuda, fornecendo projectos, um ou outro material prefabricado de boa qualidade, capatazes ou mestres de obras para auxiliar a mão-de-obra não especializada.*

Quanto á densidade de um novo bairro feito nessas condições, mesmo que as casas fossem todas térreas, o que não era indispensável, Nuno Portas afirmou que ela não seria menor que nos Olivais. Não se estragaria terreno.

Bastava
lia foss
do 30 p
douro,
ocupado
corresp
colectiv

Falou
Evange
sibilidad
trução
problem

Segui
foi ani
quio o
a oport
atenção
conside
como
ceia qu
cendo
a cole
tem de

ELECTROLUX — ESCOLA PARA VENDEDORES

No prosseguimento de um plano progressivo que tem vindo a desenvolver, a direcção da Electrolux inaugurou ontem a escola de formação e aperfeiçoamento de vendedores, alargado mais tarde a chefes de venda e de equipa, de sucursais e de «stands» e a outros colaboradores da empresa.

Durante a inauguração, o superintendente geral de vendas da Electrolux, sr. Luís Marques Ferreira, criador da iniciativa, esclareceu: — «Porque não confiamos nem acreditamos, sob qualquer pretexto, nas incertezas de um futuro próximo — incertezas que poderão acarretar — e acarretam mesmo a qualquer empresa desprevenida — grandes e graves riscos, vai agora a Electrolux, Lda. iniciar o intensivo programa de formação interna, depois de uma promoção social dos seus vendedores, levada a cabo nestes últimos três anos. Há absoluta necessidade de procurar equilíbrio do conjunto visando o vendedor de amanhã».

A escola, que tem como monitores técnicos especializados, funcionará em regime de «full-time» (9-13 e 14-18) tendo cada curso de formação a duração de 40 horas. O director da Electrolux, sr. Jan Pernefjord dirigiu palavras de incentivo aos monitores da nova escola de vendedores.

CONFERÊNCIA NO GRÉMIO LITERÁRIO

O capitão-de-fragata José Emílio Estiveira de Ataíde, director do Serviço de Oceanografia do Instituto Hidrográfico, profere amanhã á noite (22 horas) no Grémio Literário, á Rua Ivens, uma conferência sobre «Investigação oceanográfica e suas implicações no aproveitamento económico das plataformas continentais».

A CAROCHINHA

Tem a honra de participar a sua passagem de modelos para meninas até os 20 anos, que se realiza no Hotel Ritz no próximo dia 17 de Março, pelas 16 horas.

Indispensável a marcação de mesa pelo Telef. 72 67 31.

ENTRADA POR CONVITES

Ourivesaria da GUIA

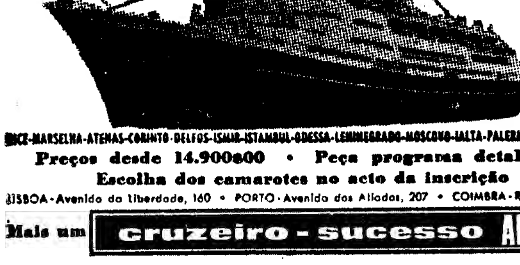
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU desde 1840 à RUSSIA

a bordo do modernissimo paquete «Ivan Franko» de 20 000 tons. na companhia de competentes Delegados ABREU De 18/4 a 11/5



NICE-MARSELHA-ATENAS-CORINTO-DELFOS-ISMIR-ISTAMBUL-ODESSA-LENINEGRADO-MOSCOVO-IALTA-PALERMO e ARIGENTO

Preços desde 14.900$00 • Peça programa detalhado

Escolha dos camarotes no acto da inscrição

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 • PORTO - Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA - Rua da Sofia, 2

Mais um cruzeiro - sucesso ABREU

PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JÓIAS

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª

293 — Rua da Prata — 295

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA 257

Conta In

BANCO DO ALEN

Acaba de sair o romance

O DIÁ

por HENRI TRO

1.º vol. da série «OS HERDEIRO

Clássica Editora — Restaurado

GRANDE NOVIDADE EDITORIAL

Acaba de ser posto á venda o 1.º volume da HISTÓRIA DAS IDEIAS POLÍTICAS

Direcção de Jean Touchard

Obra em 7 volumes, formato de bolso, copiosamente ilustrada e concebida pelos maiores especialistas franceses.

Cada volume com cerca de 200 páginas com ilustrações — 40$.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 - Mem Martins

Rua das Flores, 45, 2.º - Lisboa

Rua de Entreparedes, 6, 2.º - Porto

Pasta Medicinal Couto — Evita e trata doenças da boca

unda sessão do colóquio

Bastava que para cada família fossem dados 100 m2, sendo 30 para quintal ou logradouro. A cada desses 100 m2 ocupados por uma família corresponderiam 80 para a colectividade.

Falou depois o padre João Evangelista que focou as possibilidades que a autoconstrução abre na resolução do problema da habitação.

Seguiu-se um colóquio que foi animado. Durante o colóquio o arq. Nuno Portas teve a oportunidade de chamar a atenção para o perigo de considerar a autoconstrução como uma espécie de panaceia que tudo resolve, esquecendo o papel decisivo que a colectividade, o Estado, tem de desempenhar.

CARICATURAS INGLESAS EM EXPOSIÇÃO (A PARTIR DE HOJE) NO INSTITUTO BRITÂNICO

Aspectos cruéis e ridículos da vida do século XVIII e das primeiras quatro décadas do século XIX são implacàvelmente criticados por alguns dos maiores caricaturistas britanicos da época numa exposição hoje inaugurada no Instituto Britanico, onde estará patente até ao próximo dia 20.

Constituida por 68 caricaturas, na sua quase totalidade gravuras originais a exposição apresenta obras e series de antigos mestres caricaturistas britanicos, como Hogarth (fundador das escolas inglesas de pintura e de caricatura), Tilbray, Rowlandson, Chuikshank, Richard Newton, George Woodward, William Heath, W. H. Pyne, Theodore Lane, R. Seymour e M. Egerton.

As gravuras pertencem ao sr. Fernando Rau, um paciente coleccionador lisboeta, que gentilmente as cedeu ao Instituto Britanico para esta exposição, que além do mais, tem a virtude de recordar como «o cultivo da arte da caricatura se encontra intimamente ligado ao progresso da democracia na medida em que esta faculta ao artista a liberdade de exprimir livremente, através da sátira, a sua crítica aos acontecimentos, personagens e situações, que sociais quer políticas, da vida quotidiana».

Assim, é provável, por exemplo, ver, nesta exposição, o rei Jorge III e a rainha Charlotte fortemente criticados pela sua gula ou um príncipe de Gales caricaturado a dormir entregue aos seus sonhos de dinheiro...

Sabe-se que o século XVIII foi a época de ouro não só da gravura mas também da caricatura, que a aproveitou largamente. As gravuras de caricatura eram àvidamente procuradas, chegando a criar-se lojas que as alugavam, quando as não vendiam. Daí ao aparecimento da caricatura na Imprensa foi um passo — dentro da Democracia. Na primeira metade do século passado, havia, em Inglaterra, cerca de vinte periódicos humorísticos dos quais o «Punch» é ainda hoje um prestigioso sobrevivente.

A exposição foi inaugurada, esta tarde, na presença do embaixador da Grã-Bretanha, tendo em seguida proferido uma conferência a sr.ª D. Julieta Ferrão que dissertou sobre a influência da caricatura inglesa em Portugal, nomeadamente na obra de Columbano Bordalo Pinheiro, que chegou a ser correspondente de duas das maiores revistas inglesas da especialidade.

REUNIU-SE EM VILA REAL O SECRETÁRIO DE ESTADO DO TRABALHO COM OS DIRIGENTES CORPORATIVOS

VILA REAL, 12 — Para uma troca de pontos de vista com vários organismos ligados ao seu departamento, chegou, hoje, ao Alto de Espinho, limite do distrito de Vila Real, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto que se fazia acompanhar pelo seu chefe de gabinete. Era aguardado pelo governador civil, presidente da Camara, bispo da diocese, delegado e subdelegado do I. N. T. P. e outras entidades oficiais.

Chegado a Vila Real o dr. Silva Pinto procedeu a uma visita á delegação do I. N. T. P., tendo conversado com funcionários do serviço. Seguidamente teve uma reunião de trabalho com o delegado e subdelegado do I. N. T. P., conjuntamente com o chefe da divisão do Serviço Nacional de Emprego e chefe da Missão da Acção Social.

Após o almoço, que lhe foi oferecido no Hotel Tocaio, teve uma outra sessão de trabalho com os dirigentes corporativos do distrito.

Ao fim da tarde partiu para o distrito de Viseu que visitará amanhã, pernoitando em Lamego.

Couve gigante em Alter do Chão

ALTER DO CHÃO, 12 — Agora que os fenómenos no Entroncamento não aparecem com a mesma assiduidade de há uns anos, surge, a espantar os naturais desta vila, uma couve que não pára de crescer.

Nos arrabaldes, na horta do sr. Francisco Cascaviana, uma couve, plantada como as outras há cerca de um ano, atinge já a altura de 3 metros e 50 e continua a crescer, tendo o rendeiro colhido dela 95 folhas.

A que se deverá tão desmedido crescimento? Será que o hortelão, conhecido em toda a vila, não dispensará cuidados especiais e desconhecidos?

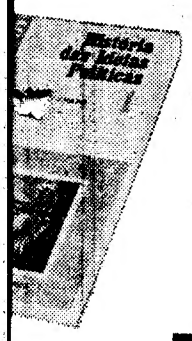
«Diário de Lisboa»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário de Notícias», daquela cidade; «O Comércio», de Luanda; «Jornal do Fundão», «Democrata do Sul», de Évora; «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António; «Mensageiro de Bragança» e «Beira Baixa», de Castelo Branco.

a Infantil
ALENTEJO

nce
IÁRIO
RI TROYAT
ERDEIROS DO FUTURO
1 vol. 56$00
estauradores, 17 — Lisboa

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ


História das Ideias Políticas
eses
º — Lisboa
6, 2.º — Porto

História das Ideias Políticas

trata da boca PORQUE É MEDICINAL

UM SUL-AFRICANO GANHOU A VOLTA A PORTUGAL

Leia completa reportagem dos enviados especiais Augusto Vilela, Avelãs Coelho e Maria do Céu no

motor

QUE SAIU HOJE

Neste número, ainda poderá ler:

• JACK BRABHAM GANHOU O G. P. DA ÁFRICA DO SUL

(Dinis Rosas, nosso enviado especial)

• A LISTA DE CONCORRENTES AO RALLYE ALL GET

PREÇO 2$50

Actualidade internacional

MANOBRAS SOVIÉTICAS — Na Rússia Branca estão a decorrer manobras militares soviéticas conhecidas pelo nome de código DVINA. Dirige-as o ministro da Defesa da U.R.S.S. À sua chegada, foi-lhe oferecido pela população o tradicional pão e sal.

DUAS NACIONALIDADES NO IRAQUE

— consequência do acordo com os curdos

BEIRUTE, 12 — (A. N. I.) — O Iraque anunciou hoje um acordo com as tribos rebeldes dos curdos, assim como o fim da guerra que se trava há nove anos.

O presidente do Iraque, Ahmed Hassan Al-Bakr, numa emissão da Rádio e Televisão dirigida a todo o país, declarou que vai ser dada autonomia aos curdos, dentro da República iraquiana.

Foi usada pela primeira vez a palavra autonomia, num acordo feito com os curdos.

Desde Março de 1961, milhão e meio de curdos iraquianos mantêm-se em revolta e um Governo autónomo da sua região tem sido a sua principal reivindicação.

Bakr, na sua declaração, enumerou concessões «extremamente generosas» aos curdos.

Passa a haver duas nacionalidades no Iraque: a curda e a arábica, sendo nesse sentido emendada a Constituição iraquiana.

O curdo será língua oficial, independente do árabe, nas áreas onde predominem os curdos. Esta cláusula ficará também escrita na Constituição.

No acordo prevê-se que os curdos entregarão a sua estação de Rádio clandestina e as armas pesadas ao Governo de Baghdad, mas só nas fases finais da execução do acordo. Será igualmente atendido o pedido para que um dos vice-presidentes do Iraque seja curdo.

Vai formar-se uma «alta comissão» para aplicar o acordo. A comissão organizará unidades administrativas, em que os curdos formem uma maioria, a fim de garantir o «exercício da sua autonomia». Entretanto, os assuntos dos curdos serão debatidos pela comissão e os governadores do Norte.

O escritor Stanley Gardner morreu de cancro

TEMECULA (Califórnia), 12 — (R.) — O escritor policial Erle Stanley Gardner, criador da famosa personagem do advogado Perry Mason, faleceu na sua residência com 80 anos vitimado por um cancro, segundo revelaram pessoas amigas.

Stanley Gardner foi advogado criminal durante 25 anos, tendo-se reformado em 1936 para se dedicar à literatura policial.

Stanley Gardner, sem dúvida o escritor americano mais popular da actualidade, escreveu 140 livros, dos quais se venderam 167 milhões de exemplares.

A sua famosa personagem do advogado-detective Perry Mason, herói da maior parte dos romances policiais que escreveu, foi inspirada na personalidade de três advogados da vida real que conheceu durante a sua carreira, limitando-se o escritor a compor a figura com elementos tirados de cada um deles.

Uma faceta menos conhecida do escritor são os seus livros sobre viagens.

Mantinha seis secretárias a trabalhar para ele e afirmava não ter tempo para ler os livros que outros escritores publicavam.

Os heróis de outros romances famosos, tais como James Bond, deixavam-no indiferente, pois dizia não apreciar super-homens.

Stanley Gardner, que há vinte anos fundou um grupo de voluntários a que chamou «o tribunal de última instância», estava convencido de que o sistema judicial americano permitia a absolvição de muitos culpados e a condenação de muitos inocentes. Assim, esse grupo por ele fundado dedicou-se a investigar os casos de pessoas condenadas por assassínio e que estavam a cumprir penas de prisão perpétua.

«Investigámos dezenas de casos e conseguimos provar a inocência de inúmeros condenados», recordava o advogado.

ELEFANTE ATROPELADO POR UM COMBOIO

NAIROBI, 12 — (F. P.) — Um elefante que tranquilamente atravessava uma via férrea foi apanhado e morto por um comboio. Com o choque vários vagões saíram da linha e só ao fim de várias horas de esforços é que o corpo do paquiderme, que pesava várias toneladas, pôde ser retirado da via e a circulação restabelecida.

O acidente deu-se ontem á noite na linha Nairobi-Mombaça, perto de Voi, localidade próxima do Parque Nacional de Tsavo onde vivem em liberdade perto de 2000 elefantes.

Foguetões-autocarros para ligação entre a Terra e estações orbitais

PROVIDENCE (Rhode Island), 12 — (A. N. I.) — Dentro de sete anos, os Estados Unidos devem organizar excursões de cientistas a estações espaciais colocadas em órbita — declarou em Providence o dr. Wernher von Braun, especialista da N.A.S.A.

Os E.U.A. vão explorar o cosmos «em benefício da ciência e de toda a Humanidade», sublinhou aquele cientista no Rhode Island College, pormenorizando que os esforços norte-americanos na década agora iniciada serão feitos no sentido de colocar grupos de peritos em órbita, a bordo de laboratórios espaciais, e não com vista á exploração de outros planetas.

Os satélites e as estações científicas em órbita podem ser utilizados para descobrir os recursos naturais da Terra e proteger as culturas e as populações.

«Em 1972», declarou von Braun, «os Estados Unidos colocarão em órbita á volta da Terra uma estação espacial em que alguns astronautas poderão viver durante semanas ou meses».

«A viagem entre a Terra e essas estações orbitais», acrescentou, «será feita em foguetões-autocarros, os quais poderão ser utilizados mais de uma vez».

Aviso árabe a países europeus

CAIRO, 12 — (R.) — O conselho da Liga Árabe avisou a noite passada que os Estados árabes retribuiriam qualquer tratamento tido amigável dos seus cidadãos por diversos países.

A comissão política do conselho fez o aviso em resposta ás restrições de entrada impostas aos árabes pela Suíça e Áustria, após explosões em aviões comerciais pertencentes aos dois países.

O conselho pediu ao secretário-geral da Liga Árabe, Abdel Khalek Hassouna para informar os embaixadores suíço e austríaco no Cairo que essas restrições constituíam actos inamistosos.

Três explosões quase simultâneas em Nova York

NOVA YORK, 12 — (R.) — Três explosões ocorreram quase simultâneamente esta madrugada em três edifícios de escritórios no centro de Nova York.

Os atentados danificaram os escritórios de três importantes companhias: a International Business Machine, a Socony-Mobile Oil e a General Telephone and Electronics.

Não há, por enquanto, informações sobre feridos causados pelas explosões, que se verificaram pouco depois das 2 horas da madrugada.

Segundo diplomata raptado no Brasil

(Continuação da 1.ª página)

libertação de vários presos políticos. Por enquanto, não há qualquer indicação sobre o motivo do rapto de Nobua Okuchi.

O motorista de Okuchi disse á Polícia que os raptores, em número de nove, e todos eles jovens, disseram apenas que tratariam bem o diplomata e que entrariam hoje em contacto com o Consulado.

Brigadas da Polícia, sob a direcção do inspector Ruben Tukunduba, entraram imediatamente em acção, fazendo buscas em locais que os raptores poderão ter utilizado para se esconder.

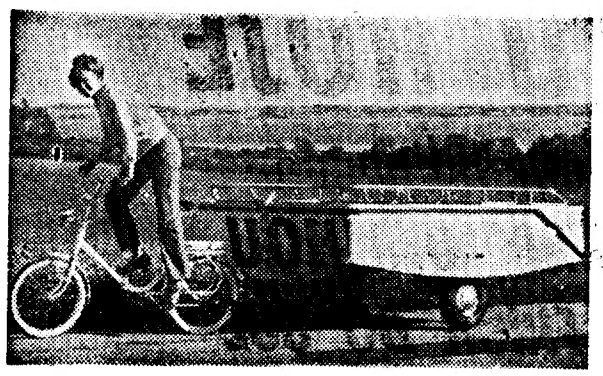
O rapto verificou-se no elegante bairro de Higienópolis, pouco depois das 6 horas da tarde, e só á meia-noite a notícia foi dada para os jornais, num breve comunicado da Polícia.

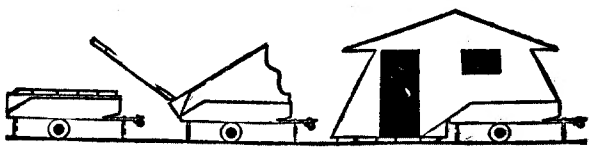
A opinião geral é a de que êste rapto foi organizado por Joaquim Câmara Ferreira, o mesmo homem que raptou o embaixador americano Burke Elbrick, em Setembro.

Os observadores políticos recordam que muitos elementos da Aliança de Libertação Nacional, o grupo clandestino chefiado por Ferreira, têm sido capturados nos últimos meses pelo que é possível que ele pretenda obter a sua libertação em troca do cônsul japonês.

O embaixador americano esteve em Setembro em poder dos raptores mais de três dias, e só foi libertado quando o Governo deixou seguir para o México, de avião, um grupo de 15 pri-

COMBI-CAMP 210





A SUA CASA DE FÉRIAS
presente em NAUTICAMPO 4.º
(F. I. L. — 5 A 15 DE MARÇO)
PREÇO ESPECIAL DURANTE A PROMOÇÃO
NOMEIAM-SE AGENTES EM TODO O PAIS
CASA SENNA
Rua Nova do Almada, 48-52 — LISBOA-2

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

TUTTI MUNDI DRUGSTORE
ÊXITO! ÊXITO!!
ÚNICO EM LISBOA
MÚSICA TZIGANE
PELA ORQUESTRA DE
MAURICE TOUBAS
VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA
CHA DAS 17 AS 19 H (Maiores de 6 anos) E NO JANTAR DAS 21 H EM DIANTE (Maiores de 12 anos)
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA
ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO TELEF 71 40 21 AV ROMA, 48 B

União Desportiva e Recreativa de Algés

COMUNICADO

A Comissão do Autocarro, informa os associados possuidores de cartões destinados ao sorteio do automóvel Austin 850, a realizar, 6.ª feira, 13.3.970, que, deverão, de acordo com as condições estabelecidas, liquidar as quotas em atraso até às 12 horas daquela data, de contrário serão os referidos cartões anulados não produzindo assim quaisquer efeitos.

FANFANI PODERÁ SER CONVIDADO A FORMAR UM GOVERNO PROVISÓRIO

ROMA, 12 — (R.) — O presidente Giuseppe Saragat pediu hoje o conselho do antigo primeiro-ministro Amintore Fanfani, a seguir ao malogro de dois outros ex-chefes de Governo democratas-cristãos em solucionarem a pior crise política de Itália desde a segunda guerra mundial.

Contudo, não houve imediatamente qualquer indicação sôbre se seria solicitado a Fanfani, tambem um democrata-cristão, para tentar formar um Governo ou se a sua conferência esta manhã com o presidente poderia significar a realização de eleições gerais prematuras.

Alguns observadores pensavam que o presidente perguntaria primeiro a Fanfani, que é presidente do Senado, se vislumbrava qualquer possibilidade de formar um Governo.

Caso contrário, o presidente Saragat poderia convocar, também, Alessandro Pertini, presidente da Camara dos Deputados, para uma tentativa semelhante.

Nos termos da Constituição italiana, o presidente deve consultar os presidentes de ambas as Camaras do Parlamento, antes de tomar a medida, sem precedentes, de dissolver a assembleia legislativa.

Outro passo, talvez o mais provável, poderia consistir em solicitar a Fanfani para tentar formar um Governo provisório, enquanto se faziam preparativos para eleições — disseram observadores políticos.

As tentativas frustradas dos ex-primeiros-ministros Mariano Rumor e Aldo Moro para formarem uma coligação centro-esquerda entre o seu próprio partido democrata-cristão, os socialistas, democratas-sociais e republicanos começaram ha 33 dias.

Moro desistiu da sua tentativa a noite passada e Rumor em 28 de Fevereiro.

O BEIJO MAIS LONGO

LONDRES, 12 — (R.) — Dois estranhos beijaram-se ontem durante seis horas no vestíbulo da escola de Ciência e Tecnologia de Chelsea e proclamaram, depois, ter batido o «record» mundial do beijo-maratona.

Sheila Rebell, de 18 anos afirmou: «Foi o trabalho mais difícil que fiz desde que aqui cheguei» e o seu companheiro Peter Parfitt, de 20 anos, concordou.

Declararam que o seu «record» bate o máximo de 101 minutos estabelecido a semana passada por dois estudantes de Munique.

RACIONAMENTO DE ELECTRICIDADE NA SUÉCIA

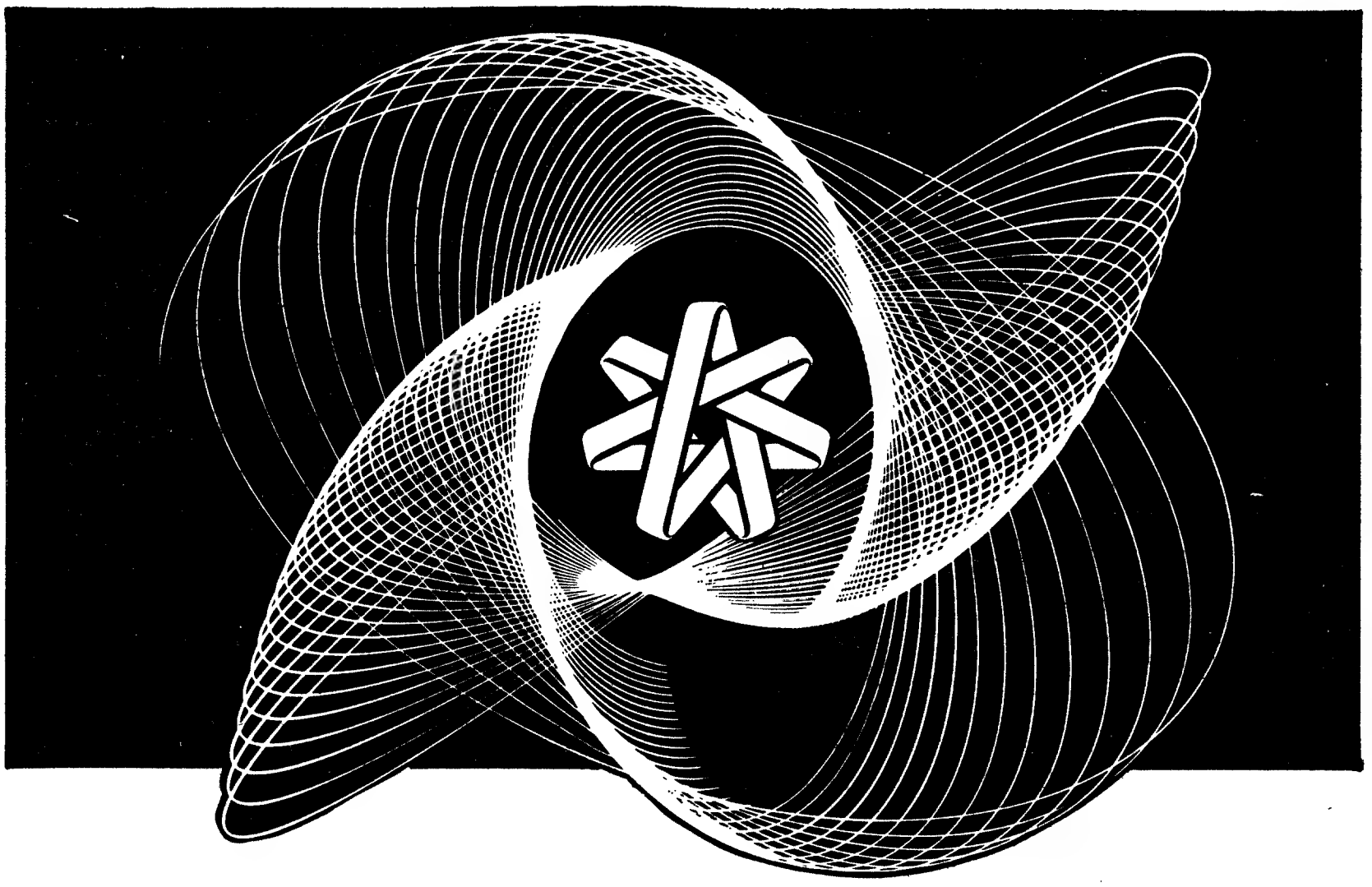
ESTOCOLMO, 12 — (R.) — O Parlamento aprovou a noite passada uma lei de emergência racionando a electricidade em toda a Suécia.

O racionamento da electricidade, que entrou hoje em vigor, é resultado do Verão excepcionalmente quente do ano passado e do duro Inverno, que impediu o reabastecimento de barragens com água de gelo derretido.

OPERÁRIOS ALVEJADOS A TIRO EM ITÁLIA

VINCEZA (Itália), 12 — (R.) — Três federações sindicais italianas declararam a noite passada uma greve geral de 24 horas na província de Vinceza e uma paralisação nacional de 15 minutos, a realizar hoje, como protesto contra o facto de terem sido alvejados a tiro 10 operários perto desta cidade.

A Polícia comunicou ontem que prendera o dono de uma fábrica de fiação de lã e o filho, depois de ambos alvejarem a tiro operários e funcionários sindicais que tentavam conseguir que os 15 empregados da empresa aderissem a uma greve.



EM MOVIMENTO
PARA MAIOR RENDIMENTO!

Ponha o seu capital em movimento, contribuindo para o progresso económico e social do País.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA
Rua Mousinho da Silveira, 26

PORTO
Av. dos Aliados, 58

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

Beco sem saída nas conversações interalemãs?

BERLIM-LESTE, 12 — (R.) — Funcionários alemães orientais e ocidentais avistam-se nesta cidade numa nova tentativa para encontrar maneira de sair do impasse que está a prejudicar a proposta de realização de uma «cimeira» entre as duas Alemanhas.

O optimismo alemão ocidental, que acompanhou as primeiras negociações preliminares na semana passada, mudou para uma sobriedade fria á medida que diminuem as esperanças de se realizar em breve o primeiro encontro entre os chefes dos dois países.

As negociações preliminares chegaram na quinta-feira passada a um ponto morto quando a Republica de Pankow se recusou a considerar uma proposta de Bonn para que o chanceler alemão ocidental, Willy Brandt, visitasse Berlim-Oeste no regresso da sua projectada «cimeira» com o primeiro-ministro alemão oriental, Willi Stoph.

Desde então, Brandt ofereceu-se, porém, para mudar a «cimeira» para um local de alternativa não especificado.

Leipzig, Magdeburgo, Karl-Marx Stadt ou Potsdam — todas na Alemanha Oriental — ou Helsinquia, na Finlândia, têm sido sugeridas na Imprensa alemã ocidental.

Contudo, até agora os alemães de leste têm-se mantido silenciosos acerca da proposta de Brandt. A opinião geral nesta cidade é que a Alemanha Oriental não estaria nada disposta a transferir a «cimeira» para fora de Berlim-Leste, com a consequente perda de prestigio.

O «Beatle» Lenon desistiu do festival da paz a realizar em Toronto

LOS ANGELES, 12 — (R.) — O «Beatle» John Lennon e sua mulher Yoko desistiram de um planeado festival da paz em Toronto, a realizar em Julho, por causa de uma disputa sobre se o espectáculo deveria ser livre — segundo revelaram a noite passada os organizadores.

John Brower, presidente das produções Karma, declarou numa conferência de Imprensa nesta cidade que teria de haver entradas pagas. «Imaginai o que aconteceria se dois milhões de pessoas chegassem de todas as partes da América do Norte para assistir ao festival livre e notassem que a assistência estava limitada a 500 mil espectadores».

Em 6 de Março, Lennon telegrafou da Dinamarca a Brower comunicando-lhe: «Fizestes exactamente o que lhe dissemos para não fazer. Afirmamos que o espectáculo seria livre. Não queremos ter nada a ver consigo ou com o seu festival».

Brower revelou que telegrafara ao «beatle», respondendo-lhe: «Concordamos que um festival livre seria fantástico, mas o Governo não autorizaria um festival dessa possível magnitude sem garantias apropriadas quanto á segurança e bem-estar dos espectadores».

EUA: NOVAS REDUÇÕES DOS EFECTIVOS E DESPESAS MILITARES

WASHINGTON, 12 — (R.) — O secretário da Defesa, Melvin Laird, previu a noite passada novas reduções nos efectivos e despesas militares, a fim de se manter no que classificou como o orçamento austero do Pentágono.

Laird notou que, na semana passada, aprovara encerramentos de bases que afectariam 94 000 funcionários militares e civis e economizariam mais de 900 milhões de dólares por ano.

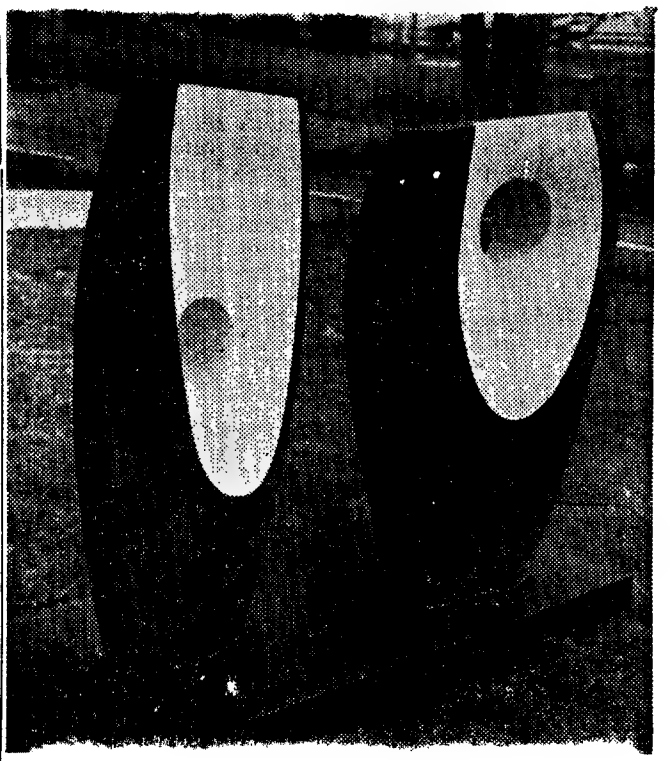
Num discurso que pronunciou nesta capital, perante dirigentes da industria electrónica, Laird acrescentou que as reduções eram possiveis devido ao êxito da politica do Governo de Nixon para o Vietnam e á diminuição dos efectivos militares americanos naquele pais do Sueste da Ásia em mais de 115 000 homens

Laird defendeu a seguir a decisão do presidente Nixon de alargar o sistema de defesa antimisseis balísticos dos Estados Unidos, afirmando que aumentaria as perspectivas de progresso nas conversações com a União Soviética, sobre limitação de armamento.

O secretário da Defesa declarou ainda que não faria qualquer previsão sobre se o recrutamento militar terminaria em breve.

PERDIDO NO LAOS UM AVIÃO AMERICANO

SAIGÃO, 12 — (R.) — O comando americano anunciou hoje nesta capital que um caça-bombardeiro se perdera no Laos — a primeira comunicação publica do género, no seguimento da nova política do presidente Nixon de se revelar todas as perdas no reino no Sueste da Ásia.



DUAS PEÇAS COM BRANCO — Estas duas peças de escultura da inglesa Barbara Hepworth foram as mais admiradas entre 39 esculturas, 24 gravuras e meia dúzia de quadros expostos na Galeria Marlborough, em Londres. «Two forms with white» (dois modelos com branco) é o nome que a autora deu ás suas peças

LATINA

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL

Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.

Nome .....

Morada .....

D. Senhorinha Alves de Brum Nunes

FALECEU

Senhorinha Alves de Brum, Manuel Alves Brum sua mulher e filhos, Joaquim Alves Brum sua mulher e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da capela do Hospital do Ultramar para jazigo no cemitério dos Prazeres.

FALE! INGLES - FRANCES ALEMÃO - PORTUGUES

NO PRIMEIRO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS DE PORTUGAL

NOVOS CURSOS AGORA

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LINGUAS

Praça Luis de Camões, 36-3.º
LISBOA — Chiado — Tel. 34 988

UM ESTATUTO QUANTO ANTES

— QUEREM OS FUNCIONÁRIOS CORPORATIVOS

«Todos os trabalhadores da nossa terra viram, durante 1969, publicarem-se dois importantes diplomas legais: o novo regime do contrato individual de trabalho e a lei de contratação colectiva. Do primeiro, continuamos á margem; do outro não podemos vir a beneficiar» — afirma-se no relatório da comissão directiva da 24.ª secção de actividade («Organismos Corporativos») do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, respeitante ao exercício de 1969, agora discutido e aprovado em assembleia geral.

À sessão, a que estiveram presentes cerca de 30 funcionários corporativos (os sindicalizados são 1553) presidiu o sr. José Dias Mendes Alves, que era secretariado pelos srs. Alexandre Santos de Melo e Domingos José Galante, sentando-se á mesa, igualmente, em representação dos serviços, o sr. Joaquim Fernandes.

No relatório, a comissão começa por afirmar que «*circunstâncias a que somos totalmente alheios não permitiram que esta comissão directiva tivesse podido, como lhe competia e era seu desejo, desempenhar ao longo de todo o período consignado as suas funções*».

Mais adiante, o relatório aponta «*o desinteresse da classe pelos seus problemas*». Diz, em seguida: «*Mais uma década e a Lei 1952, de 10 de Março de 1937, continua ainda a ser o nosso diploma fundamental. Mas para a classe parece-nos que não há problema; nenhum profissional procurou, durante 1969, contactar com a comissão directiva, não obstante esta ter designado um dia certo, para as suas reuniões ordinárias, e encontrar-se sempre á disposição de todos os colegas. Por outro lado, nunca tantos em tão variados lugares, falaram tanto dos empregados corporativos.*»

Acerca do Estatuto do Funcionário Corporativo, que viria a ser o ponto fulcral da assembleia, diz o relatório: «*Relativamente ao nosso problema numero um, e ele é tão primeiro que não conhecemos outros que se lhe comparem ou aproximem, limitámo-nos a dar parecer desfavorável perante um projecto de Estatuto que nos foi remetido pela direcção do sindicato que o havia recebido directamente da Federação respectiva.*»

E acrescenta, a findar: «*Das razões desse parecer desfavorável prestámos imediatamente contas perante a assembleia geral realizada em 13 de Novembro de 1969, que concordou com o nosso ponto de vista, devendo deixar consignado todo o nosso reconhecimento á direcção pelo franco apoio que nesta difícil emergência nos concedeu e sem o qual, receamos bastante, teríamos talvez hoje um Estatuto que estava longe de satisfazer no mínimo as nossas aspirações.*»

Após a leitura do relatório, registou-se vivo debate entre a mesa e a assistência.

Devido ao adiantado da hora, o presidente resolveu suspender os trabalhos da assembleia, que continuará em data a marcar.

VEM AÍ MAU TEMPO
(EMBORA MAIS QUENTE)

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente: até ao dia 15: céu limpo ou pouco nublado; vento fraco; acentuado arrefecimento nocturno, com condições favoráveis á formação de geada nas regiões do interior; temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

De 16 a 22: Agravamento progressivo do estado do tempo das regiões do norte para as do sul; céu geralmente muito nublado ou encoberto; períodos de chuva, aguaceiros e possibilidades de trovoadas, mais frequentes nas regiões do norte e centro; vento moderado, por vezes forte, do quadrante sudoeste; subida de temperatura.

De 23 a 25: a norte do rio Tejo — períodos de céu muito nublado e possibilidade de aguaceiros; a sul do rio Tejo — céu geralmente pouco nublado; em todo o território — vento fraco a moderado do quadrante oeste; temperatura do ar próxima dos valores normais na época.

Há 242 990 consumidores de água na zona de Lisboa

Atingiu 242 990 o número de contadores em serviço no fim do ano de 1969 — assinala o relatório da Companhia das Águas relativo ao exercício do ano findo, o qual vai ser, juntamente com as contas, apresentado á assembleia geral da empresa, no próximo dia 23.

O relatorio, assinado pelos administradores drs. Luís Leite Pinto, Carlos Queiroz Pereira, coronel eng.º Luís Veiga da Cunha, dr. Francisco de Medeiros Canto e prof. Fernando Olavo, assinala que as despesas de administraçao atingiram 49 602 556$06 e a receita destinada a fazer-lhes face foi de 71344539$64 do que resultou um saldo de 21 741 983$58. À disposição da assembleia geral ficou a verba de 13 778 991$79, e para o Fundo de reconstituição do capital foram destinados 7 962 991$79.

Quanto aos consumos em metros cubicos verificados durante os anos de 1968 e 1969, regista os seguintes: em 1968, particular, 59 432 140,7 da Camara Municipal de Lisboa, 17 182 256,5; do Estado, 12 103 059,8; em 1969: particular, 64 858 672,4, ou seja, mais 5 426 531,7 metros cubicos do que no ano anterior; da Camara Municipal 15 844 766,4, menos 1 337 490,1; Estado, 12 409 715,3, ou seja, mais 306 655,5.

No que se refere á captação-Tejo, acentua-se que as obras das instalações permitiram, a partir dos meados de Julho, a captação, tratamento e elevação do caudal médio diário de 135 000 metros cubicos. Quer dizer: cerca de mais de 45 000 por dia.

- **21 mil contos — saldo da gerência da Companhia das Águas em 1969.**
- **Nova conduta da Costa do Sol: só o troço até Caxias estará concluído antes da estiagem deste ano.**

Instalaram-se 21 343 metros de canalizações de rede geral e recuperaram-se 1567 metros de tubagem de vários calibres, e efectuaram-se 1549 novas ligações de ramais á rede geral de distribuição (324 ramais de ferro e 1225 de plástico). Além disso iniciaram-se as obras de assentamento da conduta de Campo de Ourique-Amadora e ficaram concluídas: as da conduta elevatória de Telheiras para a zona superior da rede de distribuição: a da primeira fase de assentamento das canalizações de Telheiras-Alameda das Linhas de Torres e Ramal do Castelo. Entretanto prosseguiram as tarefas de assentamento da conduta Telheiras-Alto do Montijo onde tem começo a nova conduta da Costa do Sol (Quanto a esta ultima obra diz-se no relatório, que da primeira fase — troço entre Alto do Montijo e Caxias — deve ficar concluída «antes da estiagem de 1970»).

Regista-se, seguidamente, que por terem sido colocados na rede 10 730 contadores, todos de pressão, e retirados 6291, o numero de contadores alugados aumentou em 4439 unidades. Acrescenta-se que dos retirados, 6269 eram de pressão e 22 de ar livre e que 50 deste tipo foram trocados por igual numero de pressão. Assim, estes instalados na rede aumentaram em 4511 e os de ar livre diminuiram de 72. Por tudo isso, o numero total de contadores ao serviço, em 31 de Dezembro ultimo, era de 242 990.

Noutra passagem do relatório evoca-se a memória do dr. Manuel Colares Pereira que, desde há quatro anos pertencia ao conselho de administração e, durante mais de vinte anos prestou bons serviços á Companhia, primeiro como vice-presidente, depois, como presidente da assembleia geral.

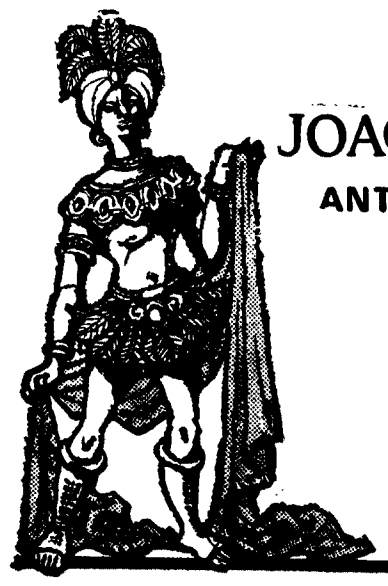
Por ultimo, propõe-se que a verba posta á disposição da assembleia geral seja assim aplicada: a dividendo de 20$00 por acção em circulação, cativo de impostos, 8 220 680$00; ao Fundo de Reconstituição do capital, 5 558 311$79.

Milhão e meio de passageiros transportou a Varig em 1969

Na sua corrida diária através do mundo, a Varig transportou em 1969, cerca de milhão e meio de passageiros na rede exterior, segundo dados fornecidos agora pelo seu departamento de estatística. O número exacto é de 1 349 414 passageiros, ou seja, mais 11,7% que no ano anterior, numero que, no entanto, só por si dá uma ideia da expansão atingida nos últimos tempos pela grande companhia aérea brasileira.

A Varig, com uma frota intercontinental de 12 quadrireactores — 9 «Boeing 707», 2 «Coronado» e 1 «DC8» — e dispondo de uma capacidade de transporte da ordem dos dois mil passageiros, é considerada a maior e mais bem apetrechada companhia aérea da América Latina, e, a unica naquela parte do continente americano equipada com cargueiros ligando semanalmente o Oriente com a América do Sul e a Europa. Os seus aviões cargueiros conseguem hoje este verdadeiro milagre: uma encomenda enviada do Japão pode ser entregue ao seu destinatário em Lisboa, em menos de 24 horas.

Entretanto e a par desta actividade, a Varig mantem ainda uma autêntica «ponte-aérea» nas linhas internas e de médio curso. Uma frota de 27 aviões, na sua maioria a jacto vão diariamente aos mais longiquos recantos do território nacional e asseguram igualmente as ligações entre o Brasil e os países vizinhos, tornando-a também, neste campo de acção, a maior de toda a América do Sul.



JOACHIM MITNITZKY

ANTIQUÁRIOS—DECORADORES

SALDOS

DE TECIDOS

CALÇADA DE S. FRANCISCO, 1—LISBOA

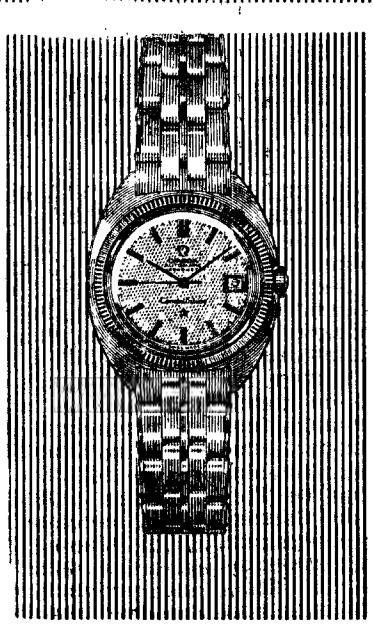
PHILIPS

A PHILIPS PORTUGUESA S. A. R. L.

INFORMA TODOS OS SEUS AGENTES E O PÚBLICO EM GERAL, DE QUE, EM VIRTUDE DA INAUGURAÇÃO OFICIAL DA SUA SEDE (EDIFÍCIO PHILIPS) NA AVENIDA DUARTE PACHECO N.º 6, SE ENCONTRAM ENCERRADOS AMANHÃ, DIA 13, OS SEUS ESCRITÓRIOS, ARMAZÉNS E OFICINAS

Um cronómetro que é o padrão da precisão suíça

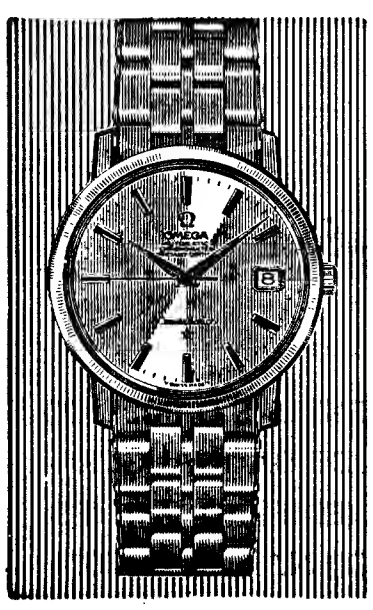
OMEGA
Constellation

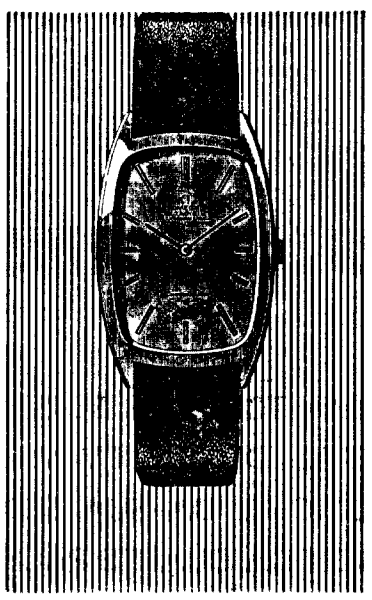


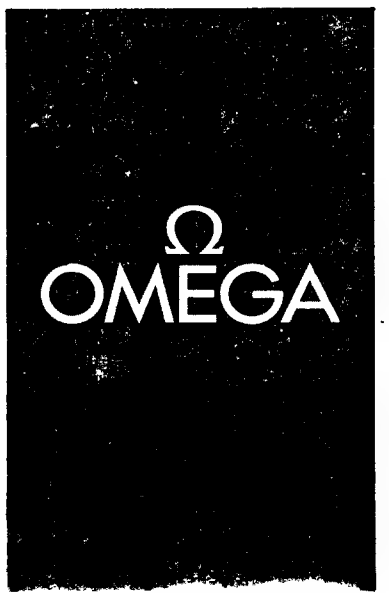
Agora com modelos também para senhora

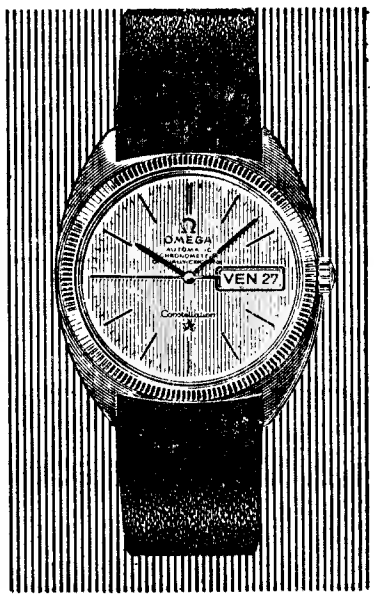
Os OMEGA CONSTELLATION cronómetros automáticos, com calendário simples ou com indicação do dia da semana, apresenta agora modelos também para senhora. A precisão inigualável deste relógio faz do OMEGA CONSTELLATION o cronómetro mais famoso em todo o mundo. A Garantia Internacional OMEGA é válida em 163 países. É, portanto, um passaporte internacional da precisão. Há modelos com pulseira de cabedal, de aço e de plaqué

Colecção Constellation–c/correia desde 3500$00









ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalharia AUREA
Rua do Ouro, 88

Relojoaria MAURY
Rua do Ouro 227

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

TORRES Joalheiros
Rua do Ouro, 255

Conselho Territorial Português da I.A.A.

Reune-se, depois de amanhã, às 16 horas, a assembleia geral ordinária do Conselho Territorial Português da I. A. A. (International Advertising Association). A reunião decorre num salão da Associação Industrial Portuguesa, na Praça das Industrias.

Nos termos da Convocatória, a ordem dos trabalhos será a seguinte:

1.º — Apreciação discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas, referentes ao Exercício de 1969; 2.º — Apreciação, discussão e votação do Parecer do Conselho Fiscal; 3.º — Eleição dos representantes Nacionais e do Conselho Territorial Português no Conselho Mundial da I. A. A; 4.º — Eleição, para o triénio, dos membros da assembleia geral, do conselho fiscal e da direcção, dos Augusto de Castro.

presidente do Chapter Português e da mesa da assembleia geral é o embaixador Augusto de Castro.

Entrega de medalhas da Exposição Filatélica Lepetit

Realiza-se no sábado, um jantar no Grémio Literário, em Lisboa, durante o qual serão entregues as medalhas da Exposição Filatélica do Centenário Lepetit.

Estarão presentes os concorrentes, membros do juri, directores do Clube Filatélico de Portugal, directores da Lepetit, representantes dos órgãos da Informação e outros convidados.

A Exposição, reservada a médicos, proporcionou os seguintes prémios: medalhas de Ouro, dr António Marçal Correia Nunes, Lisboa; dr. Artur Beja, Figueira da Foz; e dr Gualdino Ruivo, Carrapateio; medalhas de Vermeil, dr. Fernando Salgueiro Rego, Lisboa; dr. José Lopes Gago da Graça, Lisboa; dr. Mário Basto, Porto; e dr. António Fragoso, Vila Nova de Gaia (classe de Honra); Medalhas de Prata, dr. Alberto Campos de Oliveira, Lisboa; dr. João Vieira Pereira, Caldas da Rainha; e dr. José Manuel Machado Nunes, Lisboa; Medalha de Bronze, dr. Manuel Gomes de Carvalho. Menção Aos elementos do juri, dr A. J. de Vasconcelos Carvalho, dr. Romano Caldeira Câmara e eng. Manuel Marques Gomes, serão entregues medalhas de Vermeil.

Governador de Cabo Verde

Por iniciativa de um grupo de transmontanos, seus conterrâneos, o sr. brigadeiro António Feria Lopes dos Santos, há dias empossado no cargo de governador de Cabo Verde, será homenageado num jantar típico transmontano que lhe é oferecido na próxima segunda-feira, ás 20 e 30, na sede da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Rua da Misericórdia, 20-2.º.

As inscrições, abertas a todos os amigos do homenageado, podem ser feitas naquela casa regional, ou pelo telefone 32 40 93, até ao dia 15

É necessário reorganizar a estrutura dos hospitais

—revelou o secretário da Saúde nos Capuchos

No prosseguimento das suas visitas aos Hospitais Civis de Lisboa o secretário de Estado da Saúde, prof. Gonçalves Ferreira, esteve hoje no dos Capuchos, onde o aguardavam o enfermeiro-mor dos H. C. L., dr. Carlos Georges; o administrador-geral dr. Fernando Leal; e o director clínico e o administrador daquele estabelecimento hospitalar, respectivamente drs. Gomes de Oliveira e Fernando Pimenta; bem como outras entidades.

Antes da visita ás instalações do Hospital efectuou-se uma reunião, no gabinete do director clínico, durante a qual o secretário de Estado afirmou estar assente que aquele estabelecimento hospitalar não era alienável, pensando-se por isso numa reconstrução. O Hospital dos Capuchos, depois dessa reconstrução, a efectuar por fases, ficaria com 1000 camas.

O dr. Gomes de Oliveira afirmou, por seu turno, que o Hospital dos Capuchos, depois de devidamente reconstruído, funcionará perfeitamente, com quartos particulares e anatomia patológica. Aquele director clínico mencionou depois a necessidade de ser restituído ao Hospital o edifício onde está instalada a Escola Artur Ravara, que funciona no antigo serviço de Estomatologia.

O dr. Gomes de Oliveira apontou em seguida a necessidade de serem modificados os exames de admissão á citada escola de enfermagem, pois o numero de inscrições ascende todos os anos a 400, e a Escola apenas comporta 180 alunos. Disse, tambem, que a carreira de enfermagem tinha de ser remodelada.

Terminada a reunião iniciou-se a visita ás instalações do Hospital começando por ser observada a cozinha cujos fogões funcionam a carvão, o que já tem originado intoxicações em alguns funcionários. Seguiu-se a visita ao laboratorio de análises clínicas e ao serviço de raios X, depois do que o secretário de Estado percorreu os serviços de medicina e cirurgia, onde foi recebido pelos respectivos directores.

Nos serviços de Neurologia e Neurocirurgia, o prof. Gonçalves Ferreira teve demorada troca de impressões com os directores, respectivamente, drs. Miranda Rodrigues e Vasconcelos Marques. Este ultimo referiu a falta de pessoal de enfermagem mais acentuada depois que as alunas da Escola Artur Ravara deixaram de ali fazer serviço, por determinação superior. O secretário de Estado afirmou, então, tal como já fizera na visita de ontem ao Hospital de S. José, que era necessário reorganizar toda a estrutura dos hospitais.

Falou-se, ainda, no problema das especializações e sua duração, tendo um dos presentes alvitrado que nalguns casos, bastaria enviar três ou quatro bolseiros ao estrangeiro.

O secretário de Estado da Saude durante a visita ao Hospital dos Capuchos

EQUIPARADOS DOUTORAMENTOS ENTRE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E ALGUMAS ESTRANGEIRAS

Pelo Ministério da Educação Nacional foi enviado para o «Diário do Governo» um diploma que vem consagrar uma medida que há muito se impunha e que so poderá beneficiar a nossa Universidade: a equiparação ao doutoramento pelas Universidades portuguesas estrangeiras.

Após diversos considerandos — entre os quais se salientam os que reconhecem haver já elevado numero de doutorados em estabelecimentos de ensino ou investigação estrangeiros de «reconhecido prestígio», onde muitos realizaram trabalhos de investigação em domínios científicos importantes que entre nos ainda não são objecto de pesquisa ou o são com menor desenvolvimento — o decreto enviado para a folha oficial, dispõe que: *poderá ser equiparado ao doutoramento obtido em universidades ou institutos de investigação científica estrangeiros.*

— As universidades e institutos de investigação científica estrangeiros cujo doutoramento é equiparado ao das universidades portuguesas constarão de uma lista aprovada pelo ministro da Educação Nacional, depois de ouvida a Junta Nacional de Educação, sob proposta das Faculdades e Escolas universitárias.

— Os doutorados por centros que não figurem na lista aprovada pelo ministro da Educação Nacional, poderão solicitar uma apreciação individual dos seus trabalhos em ordem á obtenção de equiparação.

Moçambique verá em Agosto a passagem de Mercúrio pelo Sol

LOURENÇO MARQUES 12 — (L.) — De todo o espaço português, Moçambique será o unico território que poderá observar no dia 17 de Agosto o eclipse parcial da Lua.

A passagem do planeta Mercúrio por diante do disco solar será visível em Moçambique nas suas duas fases: o regresso e o ingresso. O contacto externo no ingresso começará ás 4 e 20 locais e o contacto externo, no regresso ás 12 e 13. O seu princípio será visível na Europa, África, Oceano Atlântico, America do Norte e do Sul, parte sueste do Oceano Pacífico e Antárctida.

O fim será visível na Europa Ocidental, metade ocidental da Africa e nas restantes regiões.

A Lua entrará na penumbra ás 3 e 7, tem o seu meio ás 2 e 24 e sai da penumbra ás 7 e 41. Nesse dia em Lourenço Marques a Lua nasce ás 18 e 1 e tem o seu ocaso ás 6 e 24.

O eclipse anular do Sol é visível numa faixa de cerca de 200 quilómetros de largura que se estende ao longo da parte meridional do Oceano Pacífico abrangendo a metade oriental da Austrália, Nova Zelândia, Nova Guiné, arquipélagos da Oceania e parte da Antárctica.

Novos secretários provinciais de Moçambique

O comandante Sacramento Monteiro, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina presidiu, esta manhã, no Ministério do Ultramar, á cerimónia de posse dos novos secretários provinciais da Saude e Assistência e das Comunicações de Moçambique, respectivamente, dr. Carlos dos Santos Reis e eng.º José Eduardo Vilar Queirós.

Assistiram á cerimónia o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, dr. Martins dos Santos, além de directores-gerais e funcionários superiores do Ministério.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	5 8$
Emissão ... 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/4%	—	—	—
Centenários 4%	—	—	1 48[illegible]
Dívida Tesouro 5%	1 000$	—	1 000$
Externo 1.ª série	—	625$	630$
Externo 1.ª série B	680$	670$	695$
Externo 3.ª série	—	750$	—
Externo 3.ª Série B	—	820$	—
Cautelas 3.ª Série	—	55$	60$

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Águas Lisboa 3%	—	—	—
A P I 5% 50	—	910$	920$
A P I 5% 58	—	9 0$	—
C P 4 1/4% 55	900$	900$	910$
C P 5 1/4% 61	1 0 5$	1 0 5$	—
C U F 6%	—	998$	1 002$
C U F 6% 58	—	995$	1 000$
Gás Elect. 4% 48	—	8 0$	—
Gás Elect. 4 1/4% 51	860$	855$	—
Gás Elect. 5% 54	—	830$	—
Gás Elect. 5% 58	—	880$	—
Gás Elect. 5% 59	880$	—	—
Gás Elect. 5% 62	930$	920$	—
Gás Elect. 5% 63	940$	930$	950$
Gás Elect. 5% 65	—	910$	940$
Gás Elect. 5% 57	—	—	—
H E Alentejo 5%	—	8 0$	—
H E Cávado 5%	—	8 5$	—
H E Cávado 6%	1 000$	000$	—
H E Douro 5%	8 0$	8 0$	—
H E Douro 6%	1 00 $	1 00 $	1 002$
H E Norte Port. 5%	8 0$	—	820$
H E Estrela 6%	—	00 $	—
H E Zêzere 5% 55	—	830$	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	830$
Lisnave 5%	—	1 010$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1 010$	—
Moçambique 5%	—	—	850$
Nac. Electr. 5%	—	—	820$
Nitratos 5%	—	800$	—
Nitratos 5% 60	—	800$	—
Petroquímica 5%	—	890$	—
Port. ... 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	8 0$	—
T A P 4%	—	940$	—
Termoeléct. Port. 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	825$
U E P 5% 60	8 0$	—	8 5$
U E P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	2 450$	2 445$	2 460$
Alentejo	3 0$	305$	3 5$
Angola	4 000$	4 000$	4 0 0$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	—	5 500$	5 650$
E. Santo	—	22 500$	22 950$
E. Santo N	—	—	—
Fonsecas S. N.	—	2 500$	—
Fomento Nacional	—	2 580$	2 750$
L. S. Açores O	1 400$	1 400$	1 500$
L. S. Açores N	—	—	—
P. Atlântico O	5 980$	5 950$	5 000$
Portugal N	—	3 350$	3 400$
Portugal O	—	—	4 500$
Totta Aliança	—	—	6 535$
Ultramarino N	3 740$	3 740$	7 780$
Ultramarino O	4 090$	4 080$	4 090$

Seguros	Efec.	Compra	Venda
Alentejo	143$	143$	144$
Douro	—	200$	—
Mundial	890$	890$	895$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Açúcar de Angola	860$	863$	865$
Ag. Cassequel	—	785$	800$
Ag. Incomat	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	350$
Buzi	—	—	—
...ndo	88$	88$	89$
Boror	239$	239$	240$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2 935$	2 935$	2 940$
Revué	650$	660$	670$
Inc. de Príncipe	—	850$	[illegible]
Moçambique	2 5$	2 4$	2 5$
... N	—	470$	490$
... O	495$	490$	495$
Zambézia	885$	88$	885$
Angolana	—	—	—

Diversas	Efec.	Compra	Venda
Rádio	—	1 450$	1 550$
Cim. Leiria	—	5 10$	5 200$
Cim. Tejo	1 100$	1 050$	1 100$
Col. Navegação	—	530$	540$
C U F	—	—	1 700$
...	—	—	750$
Nac. Navegação	—	4 700$	4 900$
Petroquímica	2 060$	2 040$	2 080$
Port. e Colónias	—	1 500$	1 530$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	1 020$	—
Port. Tabacos	—	76 $	774$
Sacor	—	4 850$	4 900$
Siderurgia Nac.	—	2 200$	2 250$
Soda	3 550$	3 500$	3 550$
... de Portugal	—	920$	2 000$
...	—	—	1 900$
... Azoto	875$	870$	880$

Águas, Elect. e Gás	Efec.	Compra	Venda
Águas Lisboa O	—	420$	430$
Águas Lisboa 54	—	440$	450$
Águas Lisboa 56	—	395$	400$
Comp. Port. de Electric.	330$	329$	330$
Elect. Beira	—	1 750$	—
Gás Electr.	458$5	458$	459$
H E Alto Alentejo	195$	194$	196$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S. Estrela	—	1 750$	—
	205$	204$	205$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec.	Compra	Venda
[illegible]	—	214$	22 $
Atlântico	—	13 $	34$9

INDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base. Dez. 65-100)

	5/3/70	11/3/70	12/3/70
GERAL	165.2	165.2	165.4
METROPOL.	164.7	154.6	154.6
ULTRAM.	242.6	243.0	242.9

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$50	38$50
América		
— Dólares de 1 e 2	28$00	28$50
— Dólares de 5 a 100	28$40	28$80
Canadá		
— Dólar de 1 e 2	25$90	26$40
— Dólar de 5 a 100	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$06	$09
Áustria — Schilling	$08	$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,8	$4 .3
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$3
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$25
Suíça — Franco	6$53	6$55
Marrocos — Dirham	—$—	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra ...	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	3 0$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
Papeis de credito
Tel 321273

TERMINOU A VISITA DO DR. MENDES DE ALMEIDA AO NORTE

BRAGA 12 — No seu ultimo dia de visita de trabalho a este distrito, o subsecretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino Mendes de Almeida, esteve hoje de manhã (vindo de Esposende, onde pernoitou depois de em Celorico de Basto se avistar com as entidades locais) em Vila Nova de Famalicão e aqui, após uma breve sessão de boas-vindas na Camara Municipal, visitou a Escola Industrial e Comercial e o liceu, que percorreu demoradamente, inteirando-se dos assuntos ligados áqueles estabelecimentos de ensino.

Aquele membro do Governo seguiu depois, para o Porto, onde toma o avião no regresso á capital.

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Casa Violante

D. Maria Sofia Cardoso Pires Neves

FALECEU

José Cardoso Pires, Maria de Lourdes Pires Neves, Maria Edite Pereira, Nuno José Neves Afonso Ribeiro, Ana Cardoso Pires, Rita Cardoso Pires e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 11 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério dos Olivais

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA AFIRMOU HOJE AOS FUNCIONÁRIOS QUE CHAMARÁ A SI A RESPONSABILIDADE DE TODAS AS DECISÕES

«Há diferentes maneiras de actuar. Os homens não são iguais e as épocas também não. Cada um imprime aos organismos que dirige o seu próprio temperamento e a sua maneira de ser» — disse, hoje o presidente da Câmara Municipal de Lisboa sr. eng.º Santos e Castro ao receber os cumprimentos dos funcionários da edilidade.

«Não sou egocentrista — sublinhou o novo presidente da edilidade —, mas chamarei a responsabilidade de todas as decisões deste Município».

O sr eng.º Santos e Castro disse, ainda, «*que gostaria que todos os funcionários o acompanhassem*» e frisou que aqueles que não estivessem de acordo «teriam de optar»

Depois de ter afirmado que tinha escolhido os dois vice-presidentes, o sr. eng.º Santos e Castro disse, ainda, que não se perderá «por caminhos invios e que não se deixará tocar por certa inércia».

Em nome do funcionalismo falou o dr Martins Gomes, director dos Serviços Centrais e Culturais que disse que «um presidente de um Município é um homem destinado a desagradar pelo que faz e pelo que não faz»

PRIMEIRO ACTO OFICIAL
— oferta de flores aos mortos da Grande Guerra

O primeiro acto oficial do novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa teve flores.

Efectivamente, esta manhã, o sr eng.º Santos e Castro, acompanhado pelos dois vice-presidentes da edilidade, e de todos os vereadores, bem como de directores de vários serviços camarários, colocou uma palma na base do monumento aos mortos da Grande Guerra.

A cerimónia, que teve a presença do coronel Fernando Cavaleiro e do tenente-coronel Moutinho Neves, da Liga dos Combatentes, não demorou mais do que cinco minutos

De vez em quando

O Município de Lisboa tem novo presidente. E não se pode levar a mal que se apodere dos munícipes um sentimento de esperança renovada. Tanto mais que no discurso da posse há afirmações que o fundamentam. De todas, queremos salientar: «Diagnosticar males ou formular aspirações são atitudes indispensáveis para um melhor esclarecimento de quem governa ou dirige». Certo. Abre-se aqui uma perspectiva de maior comunicabilidade. Mas até que ponto, se adiante se afirma: «Os diagnósticos são profícuos desde que sejam acompanhados do enunciado dos processos viáveis da cura». Ora, como se sabe, o clínico geral, muitas vezes, não vai além do diagnóstico, competindo ao especialista prescrever a terapêutica adequada. E, como se sabe também, um bom diagnóstico é meio caminho para a cura. Vai daí, o que pedimos? Que nos deixem continuar a ser clínicos gerais e se preparem cada vez mais especialistas para transformar Lisboa numa cidade a todos os títulos saudável.

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo nas regiões do Norte e em geral muito nublado nas regiões do Sul e o vento era fraco

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 8°,5; mínima: Penhas da Saúde, —5°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto e Coimbra, 6°; Pennas Douradas 3°; Portalegre, 9°; Lisboa 0°; Faro, 3°; e Funchal 4°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 12°,5; na água do mar: 4°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado, vento fraco a moderado do quadrante Norte, possibilidade de aguaceiros fracos, nas regiões do Norte e no Algarve.

Amanhã
Nascer ás 07 e 52
Ocaso ás 19 e 41

Dia 17 Dia 23 Dia 30 Dia 6

MARÉS:

PREIA-MAR. **Hoje** — 1 e 29 (3,8 m); 9 e 46 (3,7 m) **Dia 13** — 8 e 5 (3,5 m); 20 e 30 (3,4 m) **Dia 14** — 9 e 06 (3,2 m); 21 e 32 (3,2 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 0 e 48 (1,0 m); 13 e 05 (1,2 m) **Dia 13** — 1 e 26 (1,2 m); 13 e 47 (1,5 m) **Dia 14** — 2 e 0 (1,6 m); 14 e 33 (1,8 m)

DE HOSPEDEIRA A ACTRIZ — Brunette Pauline, de 22 anos, hospedeira de bordo de uma companhia aérea britanica, tornou-se agora actriz

VISITA DO SECRETÁRIO DA AGRICULTURA AOS CAMPOS DE REGA DO ALENTEJO

BEJA, 12 — O secretário de Estado da Agricultura, acompanhado do embaixador da República Federal Alemã, em Lisboa, e de vários técnicos do seu departamento, efectuou, hoje, uma visita de trabalho ao perímetro de rega do Roxo, observando, também, o aproveitamento hidroeléctrico de Cantilhas.

O sr. eng.º Vasco Leónidas foi aguardado, cerca das 11 horas, no limite do distrito pelo sr dr. Vieira da Silva, governador civil, e por outras autoridades, entre as quais, o presidente da Câmara designado de Ferreira do Alentejo, dr. Gonçalves da Cunha, que é igualmente o presidente do Grémio da Lavoura de Ferreira do Alentejo; dr. Ramos Saturnino, presidente do Município de Aljustrel; presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo, deputados, e presidentes das Associações de Regantes do Roxo e de Cantilhas.

O sr. eng.º Vasco Leónidas, após breve troca de cumprimentos, percorreu depois a barragem e outros pontos do aproveitamento dos Campos do Roxo, visitando em Ferreira do Alentejo as instalações da Cooperativa Agrícola daquela vila.

Após o almoço, o secretário de Estado da Agricultura visitou o monte dos Alhos e, seguidamente, o aproveitamento hidroagrícola de Cantilhas, regressando depois a Lisboa.

Leitura para crianças

Alice Gomes estará amanhã, na Livraria Quadrante, pelas 18 horas, para fazer uma leitura do seu novo livro «Giroflé Giroflá».

O País em números

(Continuação da 1.ª página)

mios. 295 sindicatos nacionais. 618 casas do povo e 23 casas de pescadores. Inscritos nas respectivas ordens: 2297 advogados, 6041 engenheiros e 8280 médicos (os médicos foram contados tantas vezes quantas as especialidades que exerciam).

● **Salários** — Os salários diários médios em algumas profissões na construção civil (em 1968) foram, no Continente, de 55$20. Os mais altos salários pagaram-se em Lisboa (71$40) e os mais baixos em Viseu (44$00).

ANDRÉ PIEYRE DE MANDIARGUES: um genial romancista

dois grandes livros:
A MOTOCICLETA
A MARGEM
(Prémio Goncourt)

"Repeti-lo-ei, como já disse duas ou três vezes: Pieyre de Mandiargues é o nosso maior romancista. Mandiargues é o 'número 1' da nossa época, se ela quiser passar à posteridade."
E.-M. ALBÉRES
Les Nouvelles Littéraires

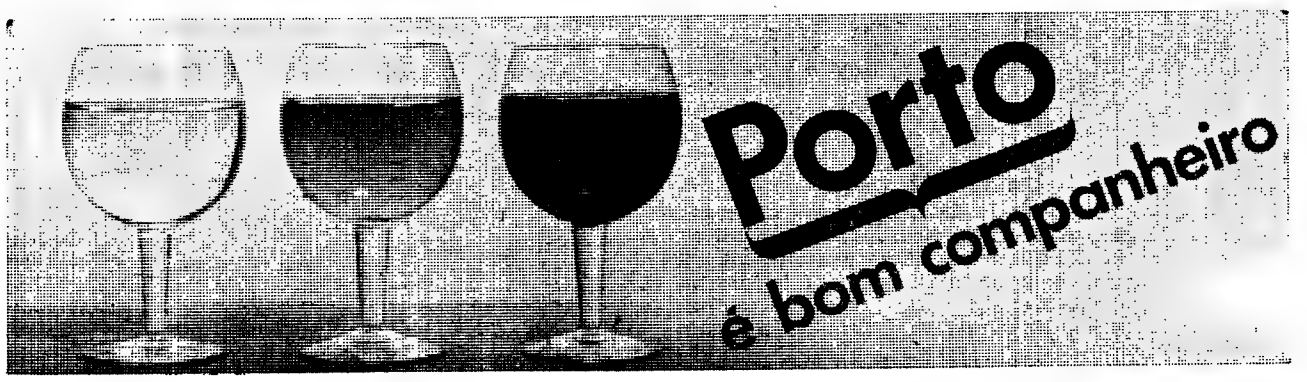
"Das três obras de Mandiargues mais conhecidas pelo público, **Le Lis de Mer** é a mais perfeitamente desenhada, **A MOTOCICLETA** a mais enfeitiçadoramente sensual e, sem dúvida, **A MARGEM** é o romance do autor onde vibram as mais insuportáveis tensões do desejo, da solidão e da morte."
FRANÇOIS NOURISSIER
Les Nouvelles Littéraires

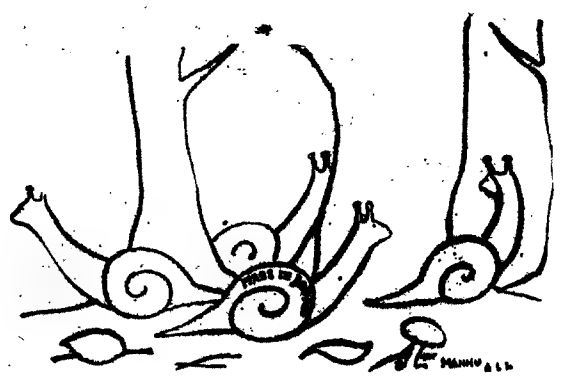
Colecção Contemporânea
A MOTOCICLETA 50$00
A MARGEM 55$00

PORTUGÁLIA EDITORA

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

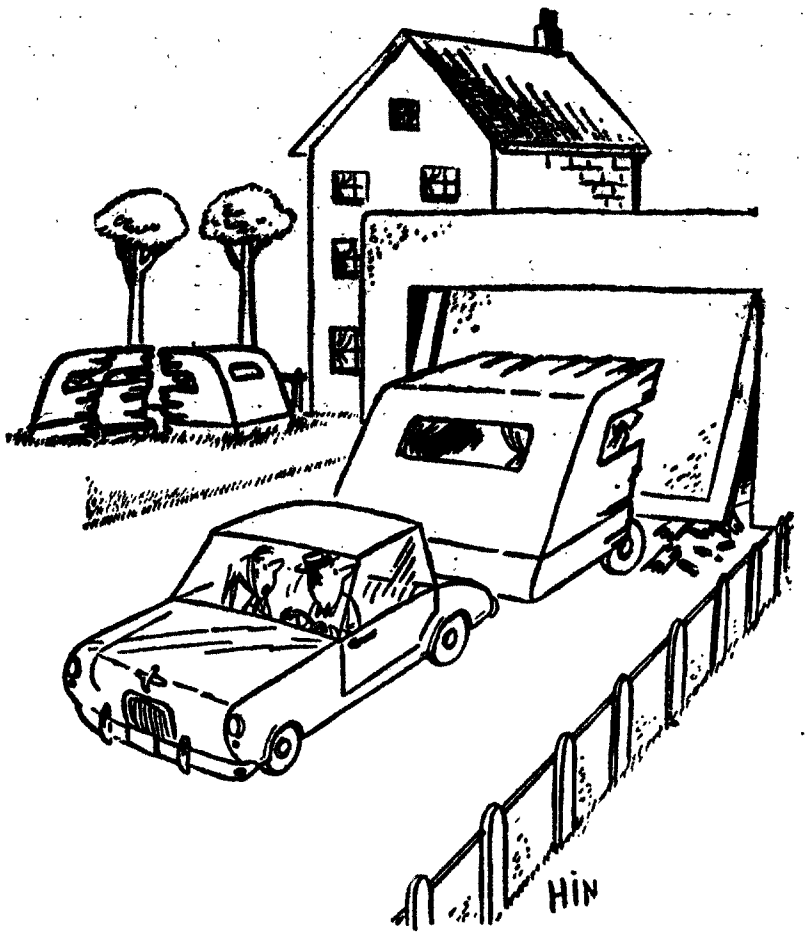
OMEGA
CONSTELLATION
Ω
Apresentado na Agência Oficial
TORRES joalheiros
Rua Áurea, 253 LISBOA





Sem palavras

— Luisa: acaba com essa tosse, que me enervas!



— Essa porta automática está mesmo a precisar de reparação!

2.º caderno

Padre Dinis da Luz: há trinta anos no jornal «A Voz»

Os colegas de Redacção do padre Dinis da Luz, redactor do matutino católico-monárquico «A Voz», reuniram-se num almoço de convívio, que serviu de pretexto para pôr em relevo não só o seu espírito de camaradagem como a competência profissional que tem revelado a par da meritória actividade de poeta e de contista

Os seus camaradas de trabalho puseram ainda em relevo o zelo com que exerce o sacerdócio e o carinho e a assistência que desde sempre dedicou aos necessitados, designadamente os açorianos que a ele recorrem

NAS ASAS DA IBÉRIA (LÍNEAS AÉREAS DE ESPAÑA)

TRÊS CANDIDATAS PARA UM TÍTULO

• COMEÇA O DESFILE DAS JOVENS MAIS BEM COTADAS

Quatrocentas e quatro jovens, todas de nacionalidade portuguesa, solteiras e com muitos sonhos, responderam ao nosso convite para se candidatarem ao título de «Maja de Portugal — 1970».

As histórias das mais cotadas pretendentes começam hoje a ser apresentadas aos leitores do «Diário de Lisboa». São pequenas confidências de raparigas do mais variado círculo social, unidas por uma constante: a fotogenia, isso que as distingue das jovens que se quedam na vulgaridade de rostos comuns.

Maria Hortense: a mais velha de sete irmãos

«AI, ERA TÃO BOM...»

Maria Isaura *(«Maria Isaura, só»)* nasceu em Santiago do Cacém (a 15 de Setembro de 1951) e mora em Almada, na R. D. João IV. Alentejana (até no falar) com muitos risos a sublinhar cada frase, toda cheia de nervos, conta-nos:

— *Olhe: é a primeira vez que me meto «nisto». Muito sinceramente posso dizer-lhe: tenho a impressão de que chego ao final.*

Nunca andou de avião, pesa 62 quilos, tem 1 e 70 de altura. Os olhos e os cabelos são castanhos: muito castanhos. É empregada de caixa numa casa comercial na Rua de S. Nicolau (em Lisboa) ganha 1000 escudos mensais e tem três irmãos:

— *O Artur Manuel, de 12 anos, que anda na escola; a Ivone Maria que trabalha na Baixa e a Cidália da Conceição que estuda e quer tirar um curso superior.*

Continua:

— *Sou benfiquista. Gosto muito de dançar. Não tenho noivo. Quer saber mais alguma coisa?*

É a mãe quem acrescenta:

— *A Maria Isaura é uma óptima cozinheira: faz cá um peixe assado que é mesmo uma maravilha...*

— *Mas, do que eu gosto mais é de coelho à caçadora com puré de batata* — responde a jovem.

Maria Isaura tem uma cor favorita: o azul escuro. Nunca praticou desporto e ficou-se pela instrução primária.

— *Se eu pudesse fazer cinema. Ai, era tão bom, não era?*

Vê muitos filmes: Frank Sinatra e Gina Lollobrigida são as suas vedetas. Espera casar e ser mamã de um casal

— *Mas, só depois de dar*

(Continua na 28.ª página)

Clemência Quintas Fernandes: «Muito nova para me prender»

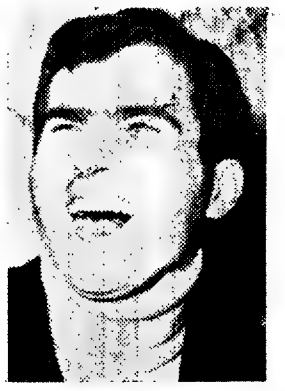
ora diga-nos...

— Que profissão gostava de ter?

Questão com causas que nos escapam, é a da profissão que gostávamos de ter em vez da profissão que temos.

● *O sr. Júlio Agostinho Correia empregado de comércio gostava de...*

— ...ser tipógrafo, vamos lá, que é outro futuro e ganha-se melhor.



● *A mais alto aspirou o sr. António Antunes Ramos, empregado numa casa particular:*

— Gostava de ser aviador.

— Que idade tem?

— Tenho 18.

— Então ainda pode ser, veja lá isso (disse o repórter num «jooping» de imaginação)

● *O terceiro entrevistado era litógrafo e gostava de ser...*

— ...empregado bancário, se tivesse o 7.º ano ou um curso que desse para isso. Como só tenho a 4.ª classe, escolhi esta profissão que tenho.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA INAUGUROU ESTA TARDE O NOVO EDIFÍCIO PHILIPS

O Chefe do Estado inaugurou hoje o novo edifício-sede da Philips Portuguesa. Acompanhado por membros do Governo, pelo presidente da Assembleia Nacional, embaixador dos Países Baixos e outras altas individualidades, o sr. Almirante Américo Thomaz foi recebido pelos srs. eng.º Frederik Jacques Philips e dr. Piet Henri Le Clercq, respectivamente presidente e vice-presidente da N. V. Philips; prof. dr. Armando Marques Guedes, presidente do conselho de administração da Philips Portuguesa; Jan Johannes Van de Panne, administrador-delegado; eng.º Meleiro de Sousa, director-industrial; dr. Dirk Dil, director administrativo e financeiro, dr. Mário Gonçalves de Castro, adjunto da administração; e por funcionários superiores da organização, que iniciou a sua actividade em Lisboa precisamente há 42 anos, em modestas instalações.

Depois, o sr. Presidente da República visitou demoradamente a sala de exposições e demonstrações, que ocupa uma área de quase 500 metros quadrados, e onde, na sua técnica decorativa, é manifesta a preocupação natural de expor e demonstrar com impacto as diferentes gamas de produtos da Philips — objectivo que, pelas primeiras impressões colhidas, parece ter sido totalmente alcançado. Com efeito, o visitante não pode ficar indiferente ao ambiente de música, cor e luz criteriosamente estudadas, que se lhe proporcionam. A sensação de conforto e bem-estar vai aumentando com a permanência. O interesse pelos diferentes sectores de material aumenta, também, quer pela maneira como estão apresentados e pela forma (por vezes espectacular) como são feitas as demonstrações em módulos que comportam as seguintes especialidades: Iluminação; Rádio, equipamento musical, gravadores e televisão; aparelhos domésticos e o estúdio de cinema e som que, apesar da sua reduzida lotação (56 lugares), é um dos mais completos da Europa (único, até, em alguns aspectos), tal a variedade e complexidade das demonstrações para que está preparado. Nos domínios do Som, podem fazer-se demonstrações e ensaios de toda a espécie de equipamentos sonoros utilizados em recintos fechados, desde a música ambiente até à música espectacular. De salientar que as demonstrações são acompanhadas de efeitos de luz adequada. O sistema básico da reprodução de música espectacular compreende dois canais principais e 12 de efeitos especiais, funcionando simultaneamente. Microfones, altifalantes, amplificadores, gravadores e rádios podem ali ser rigorosamente ensaiados. No campo da imagem, podem ali fazer-se projecções de todos os tipos de film e (16, 35 e 70 mm) com reprodução sonora até seis canais.

O pequeno estúdio permite, ainda, a realização de conferências, cursos e colóquios e dispõe de um sistema de traduções simultâneas até cinco canais. As condições acústicas e o equipamento de que dispõe proporcionam a utilização como estúdio de gravação de som e imagem, simultanea ou separadamente.

Este é o novo Edifício Philips, hoje inaugurado pelo Chefe do Estado, e que importou em cerca de 125 mil contos.

Anexo à cabina de projecção cinematográfica, está instalado um estúdio de gravação e montagem de programas, com possibilidades de transmissão simultânea de 8 programas diferentes.

O QUE É O EDIFÍCIO

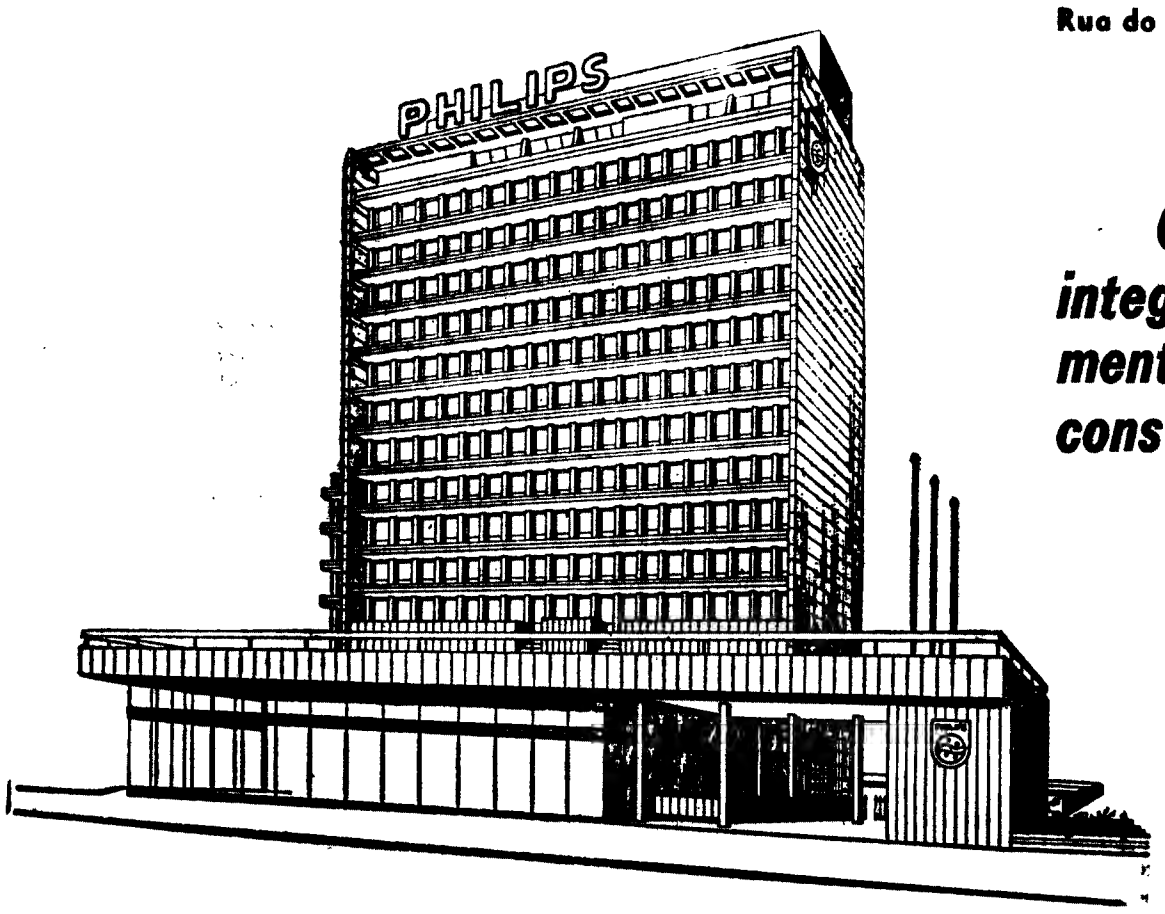
O grande bloco que o sr. Presidente da República hoje inaugurou ocupa uma área de 2350 metros quadrados e é formado por quinze pisos, incluindo duas garagens subterrâneas e um andar intermédio. O edifício dispõe de uma superfície de ocupação de 12 517 metros quadrados. Do ponto de vista

(Continua na 20.ª página)

SOCIEDADE CONSTRUTORA LUSO SUÍÇA, S. A. R. L.

PROJECTOS DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA
ORÇAMENTOS, CONSTRUÇÃO CIVIL E INDUSTRIAL

Rua do Alecrim n.º 65-2.º — LISBOA — Telef. 322291/2



Orgulha-se de ter construído integralmente a estrutura e acabamentos desta magnífica obra de construção civil.

EDIFÍCIO PHILÍPS

NOVA SEDE DA PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.
Avenida Duarte Pacheco, N.º 6 LISBOA

novo impulso no nosso PROGRESSO

O MODERNO E FUNCIONAL EDIFÍCIO DA NOVA SEDE PHILIPS FOI HOJE INAUGURADO OFICIALMENTE POR SUA EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA COM A PRESENÇA DE MEMBROS DO GOVERNO E DE OUTRAS ALTAS INDIVIDUALIDADES

PHILIPS

PHILIPS

EXPRESSÃO DE PROGRESSO

INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO PHILIPS

(Continuação da 18.ª página)

estético, é uma construção notável, pela configuração volumétrica e conjunto de materiais (a um tempo nobres e singelos) que o integram. A construção obedeceu aos mais modernos e exigentes requisitos da técnica, tendo demorado três anos e meio, desde o início do «esqueleto» até aos derradeiros acabamentos.

O aquecimento e a climatização do edifício são produzidos por um sistema central, localizado na cave, e composto por duas caldeiras que perfazem a potência máxima de 850 000 cal/h, e uma unidade frigorífica, com a produção horária de 820 000 kfrig. Este conjunto constitui a base de todo o aquecimento e climatização. O tratamento do ar é feito por sete climatizadores com regulação de aquecimento, arrefecimento e humidade. Pelas dependências dos quinze pisos estão distribuídos 292 climatizadores de injecção. Completa o sistema um conjunto de 12 ventiladores. Toda a rede de condutas tem uma extensão total próxima dos 10 mil metros.

ASCENSORES E MONTA-CARGAS

Três ascensores automáticos, cada um com capacidade para 14 pessoas, permitem, em conjunto, transportar 1200 passageiros por hora. O comando automático dos ascensores está interligado, de modo que só um deles obedecerá às chamadas dos patamares. Quer dizer: a chamada para subir ou descer é registada automàticamente e transmitida à cabina que se encontra em melhor posição para a satisfazer no sentido de marcha pretendido. O movimento das portas é controlado por célula foto-eléctrica. Outros dispositivos electromecânicos não permitem o andamento da cabina, sem o prévio encravamento automático das portas.

Um monta-cargas de comando colectivo - selectivo serve todos os pisos da subcave ao 11.º andar. A sua carga é de 1200 kg, o que equivale a uma capacidade de transporte de 16 pessoas, podendo, deste modo, servir de apoio aos ascensores, quando necessário. Todas as cabinas (monta-cargas e ascensores) estão equipadas com pára-quedas, que, no caso de aumento anormal de velocidade na descida, as travam automàticamente.

O transporte entre pisos de documentos e pequenos volumes é feito por monta-papéis, que andam à velocidade de 1,2 m/s. O envio destes elevadores tem prioridade sobre as chamadas, assegurando-se, desta forma, a chegada rápida ao destino de qualquer documento. Qualquer das cabinas, quando chega ao destino, fica bloqueada. Um avisador sonoro e luminoso entra em funcionamento — até ser retirada a carga. Para o caso de falta de energia de rede, todas as cabinas dos ascensores e monta-cargas estão ligadas a um grupo de energia de socorro, que, ao entrar em acção, permite que as cabinas sejam enviadas automàticamente para o piso mais próximo, onde ficam imobilizadas até ao restabelecimento da energia da rede. No conjunto dos elevadores foram empregados 50 quilómetros de fio eléctrico de várias secções.

TRANSMISSÕES INTERNAS DE TV

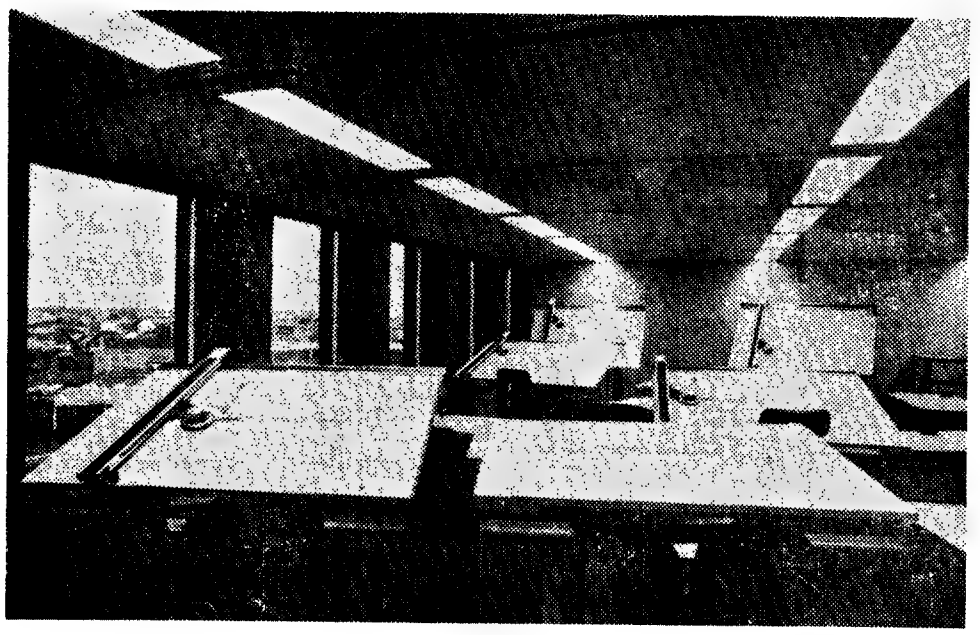
Em todos os escritórios paisagísticos e nalguns gabinetes, estão instalados telerreceptores, ligados ao circuito fechado de televisão, a fim de que todo o pessoal possa assistir a qualquer acontecimento de que se pretende dar conhecimento geral. As cerimónias da inauguração oficial do edifício Philips, a que presidiu o Chefe do Estado, constituíram o primeiro grande acontecimento a transmitir pelo circuito fechado de televisão para todo o pessoal.

ESCRITÓRIOS PAISAGISTICOS E CANTINA AMPLA

No edifício Philips foi seguido o moderno sistema de escritórios designado «paisagístico», por se aplicar em espaços amplos, onde a colocação dos móveis não tem de obedecer a alinhamentos e distâncias rigorosas entre si. A colocação de móveis neste sistema de escritórios é puramente funcional e estética. A completar o conjunto, servindo, também, de módulos de separação de sectores, utilizam-se plantas decorativas.

O tratamento acústico destas grandes salas e a sua climatização, aliadas a música funcional ambiente, proporcionam melhor rendimento de trabalho. No edifício existem sete escritórios paisagísticos, com uma área de 270 metros quadrados, onde trabalham entre 25 a 30 pessoas.

No primeiro andar funciona a cantina do pessoal, em regime de auto-serviço. A respectiva cozinha, modelarmente apetrechada, permite o fornecimento horário de 300 refeições racionalmente estudadas. Diàriamente, são preparadas 2 sopas e 3 pratos (carne, peixe e dieta) à escolha dos empregados da empresa. Junto da cantina, funciona um pequeno restaurante para os convidados da organização e uma zona de convívio do pessoal e, ainda, um amplo terraço, que abrange toda a frente do edifício.



Vista do sector de desenho do Gabinete de Estudos de Iluminação

A SESSÃO SOLENE

A visita às várias dependências do edifício seguiu-se a sessão solene, em que estavam inscritos para usar da palavra os srs. Van de Panne, administrador-delegado da Philips Portuguesa, o prof. Marques Guedes e o eng.º Frederick Philips, presidente da N. V. Philips.

Além da saudação ao Chefe do Estado, o discurso do sr. Van de Panne sublinha:

— «Quando iniciei a minha carreira portuguesa — e permitam-me que assim fale, pois este país quase nos nacionaliza —, sentia-se a necessidade da construção de um edifício que satisfizesse em condições de conforto, fosse funcional, e, estèticamente, se enquadrasse na arquitectura desta bela cidade de Lisboa. Hoje sinto-me feliz, com quantos aqui trabalham, por este passo que demos em frente. Foi um um caminho que começou há mais de 40 anos, quando a Philips iniciou os seus negócios em Portugal, ou mais precisamente: um caminho que começou há quase 80 anos, quando a Philips iniciou as suas actividades na Holanda.»

E, depois:

«Pertencem á história da evolução industrial os primeiros passos da Philips, que foram bastante simples: no final do século, o Eng. Gérard Philips era o técnico que, com alguns operários, fabricava lampadas de incandescência; seu irmão Anton — pai do actual presidente do Concern — vendia-as. Desta pequena fábrica, em breve surgiu uma industria, virtude da visão de Anton Philips e dos colaboradores que escolheu. E esta industria, multiplicando-se em actividades, transformou-se, ao cabo de 80 anos, na 6.ª organização industrial e comercial do Mundo (excluídas as empresas norte-americanas).

Centenas de fábricas, milhares e milhares de produtos, mais de 300.000 empregados formam hoje o Concern Philips.

A sua actividade vai dos emissores e radars á simples máquina de barbear, da minuscula lampada do aparelho cirurgico ao complexo sistema de ensino áudio-visual, do televisor ou máquina de lavar doméstica aos radio-isotopos e aos computadores.

Em Portugal, onde a Philips se estabeleceu há 42 anos, as suas raizes são bem profundas; porque os objectivos foram não apenas encontrar um mercado remunerador, mas fixar-se e desenvolver-se industrialmente no País.

Iniciou-se aqui a actividade fabril em 1943, com a constituição da FAPAE — de que foi fundador e impulsionador o sr. eng.º Fernando Meleiro de Sousa, nosso director industrial

Nesta unidade, produzem-se actualmente aparelhos de radio, para a Metropole Ultramar e exportação, vidro (ampolas e tubo), lampadas de incandescência, e grande diversidade de equipamentos de iluminação.

Ainda neste sector se salienta também o fabrico de lampadas fluorescentes e de vapor de mercurio.

Mas o nosso desenvolvimento industrial não pára; já iniciámos a produção de memórias magnéticas para computadores, destinadas exclusivamente a exportação. Em breve, começaremos a fabricação de componentes para aparelhos de rádio e televisão.»

A OFERTA DUMA ESCOLA PRIMÁRIA

A finalizar:

— «Permita-me, Senhor Presidente, que em nome da Philips Portuguesa, faça ao Estado a oferta de uma Escola Primária, a edificar em Carnaxide, nos terrenos cedidos para o efeito pela Camara Municipal de Oeiras.

Não podendo simbolizar de outra forma este acto, tenho no entanto para dar a certeza do nosso maior esforço na contribuição para o desenvolvimento industrial e económico do País.

E em toda a planificação das nossas actividades, teremos sempre presente o espaço económico português no seu conujnto, e não sómente esta ou aquela parcela do território.»

O discurso do sr. prof. dr. Armando Marques Guedes, presidente do conselho de administração da Philips Portuguesa salienta, com referência aos colaboradores da empresa:

— «Sem a vossa lealíssima cooperação, que para muitos se cifra já em longos anos de exemplar serviço, não teria sido possível encontrarmo-nos hoje aqui. Numa empresa como esta em que, do mesmo modo que na organização a que nos orgulhamos de pertencer, o espírito de famí-

(Continua na 30.ª página)

PHILIPS PORTUGUESA
S. A. R. L.
AVENIDA DUARTE PACHECO • LISBOA
Tivemos a honra de colaborar nesta obra, instalando:
• ABASTECIMENTO DE ÁGUAS QUENTES E FRIAS COM SISTEMA DE REGULAÇÃO DE PRESSÃO;
• SERVIÇO DE INCÊNDIOS;
• EQUIPAMENTO SANITÁRIO;
• GRUPOS DE ELEVAÇÃO DE PRESSÃO;
• SISTEMA DE ELEVAÇÃO DE ESGOTOS;
• REDES DE ESGOTOS E DE ÁGUAS PLUVIAIS EM TUBO DE FERRO FUNDIDO CENTRIFUGADO.
INDÚSTRIAS TÉRMICAS
NUNES CORREIA
S. A. R. L.
Rua do Alecrim, 29, LISBOA – Rua da Firmeza, 482, PORTO

NOVO POSTO DE TRANSFORMAÇÃO

com um transformador de 800 KVA e quadro geral de Baixa Tensão foram fornecidos pela Siemens, tendo sido instalados no grandioso edifício Philips inaugurado hoje.

Este equipamento Siemens, de fabricação portuguesa, foi concebido por um corpo de técnicos com larga experiência no projecto e na montagem de aparelhagem eléctrica.

Estudámos, planificámos e fornecemos à

PHILIPS PORTUGUESA, SARL

todo o equipamento de cozinha para as suas novas instalações

Electrolux

EQUIPAMENTOS DE COZINHAS E LAVANDARIAS INDUSTRIAIS

DEPARTAMENTO HÉLIOS – AV. LEITE DE VASCONCELOS, LOTE 28 – ALFRAGIDE – TEL. 970490 496-970242 234

PROSSEGUEM AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DO S. C. VASCO DA GAMA

O Sporting Clube Vasco da Gama, a mais representativa colectividade portuense da típica e populosa freguesia da Sé, está a comemorar cinquenta anos de existência, meio século de canseiroso trabalho, de dedicação sem limites, de entrega total a um ideal e a uma modalidade cheia de beleza — o basquetebol — do qual o clube da «Cruz de Cristo» é um dos principais baluartes do País.

Entre o programa das «Bodas de Ouro» dos cruzmaltinos portuenses constava um festival de basquetebol que se realizou no pavilhão do Lima (cedido pelo Académico porque o Vasco da Gama não possui campo próprio) que registou total enchente numa prova insofismável da simpatia que o semi-secular clube goza no meio desportivo nortenho.

Entre um misto dos jogadores americanos a actuar em clubes portugueses e um misto do Porto com base em elementos do B. P. M., F. C. do Porto, Académico e Vasco da Gama, realizou-se um jogo que despertou muito interesse.

A turma americana trouxe ao de cima toda a beleza do basquetebol, tudo o que a modalidade encerra em expressão físico-técnica, ciência e inteligência. Os americanos foram intérpretes do melhor basquetebol que se tem visto no Porto, com a simplicidade ao serviço do colectivismo e alguns adornos individuais (o resultado não estava em causa) com que pretenderam brindar o público que, no final, todo de pé, agradeceu entusiásticamente o espectáculo que lhes haviam oferecido.

Perante jogadores de «classe» alta, o misto do Porto resistiu com dignidade, com desportivismo, esforçando-se e conseguindo para também por sua vez contribuir para o espectáculo. Algumas jogadas houve em que os portuenses foram excelentes alunos dos jogadores «fora de série» (para o nosso meio já se vê) que tinham na sua frente.

A turma americana atingiu a centena de pontos (mais um pormenor da valia do jogo). Venceu por 105-80, com 46-24, ao intervalo.

Nomes e marcadores:

Misto Americano: Mendell (Vasco da Gama, 26 pontos), Jeffrey (F. C. do Porto, 22), Harold (Académica de Coimbra, 24), Kit Jones (Ginásio Figueirense, 23), Thor (Académica de Coimbra, 10).

Misto do Porto: Borbes (6), Luís (12), Leite (12), Aniceto (18), Marcelo (2), Queirós (2), Portela (6), Moisés (4), Casimiro (12), Gomes (4), e Mário (2).

O Vasco da Gama ofereceu medalhas comemorativas do aniversário a todos os participantes no festival, que teve a presença do consul da América do Norte no Porto e o delegado da D. G. D., na cidade.

ANTÓNIO ABEL

REMODELAÇÃO DO ANDEBOL BENFIQUISTA

O Benfica, no desejo de uma valorização da sua secção de andebol, está a promover a remodelação total da secção, dando-lhe estrutura diferente da actual, com novas funções dos seus dirigentes que vão ser propostas aos actuais.

Também o clube dos «encarnados» pretende contractar um técnico de nomeada, tendo já iniciado os devidos contactos.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE À NOITE

ANIVERSÁRIO — Do Clube Recreativo da Bela Vista: palestra do treinador Mário Wilson, do Belenenses, ás 21 e 30.

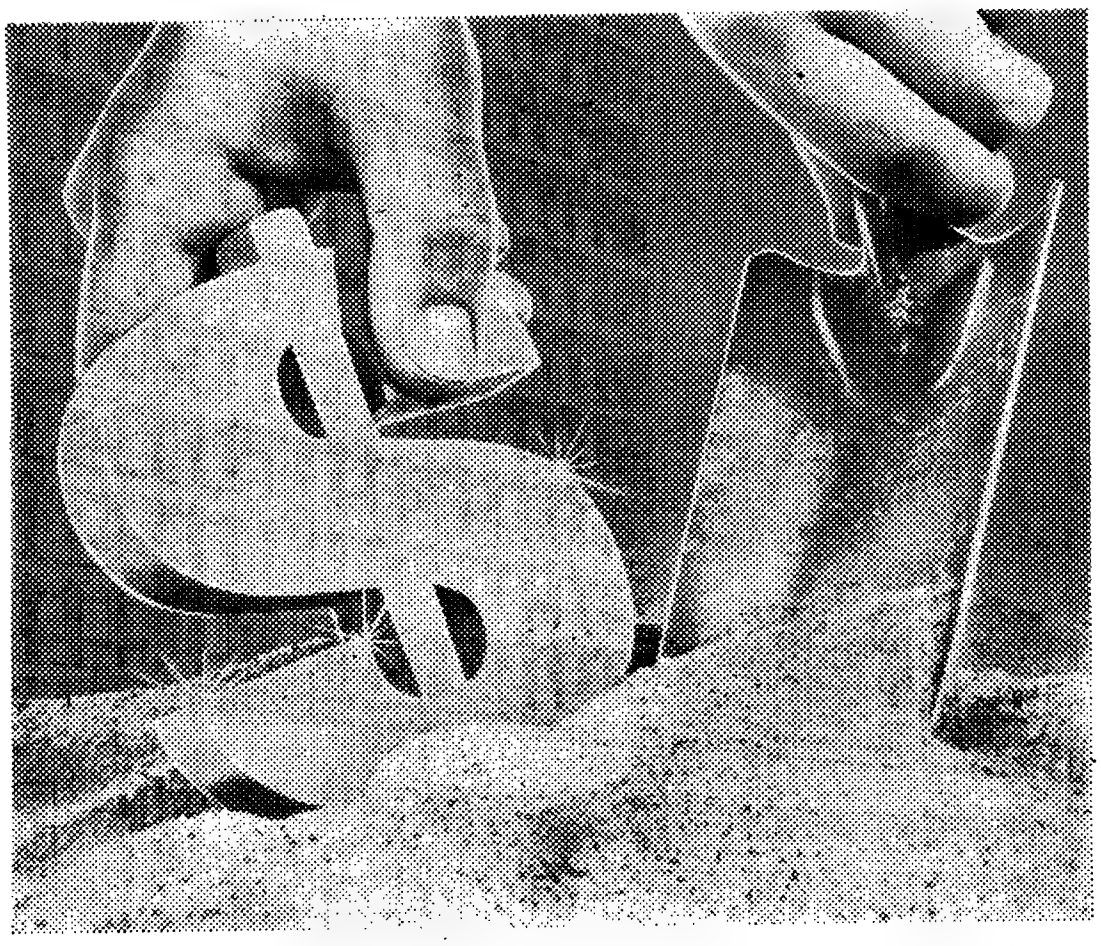
ASSEMBLEIA — Do Vitória Clube de Lisboa, para discussão de assuntos da vida da colectividade, ás 21 e 30.

RAGUEBI — Posse dos novos cargos gerentes na sede da Federação, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Sorteio dos Campeonatos de Lisboa, por equipas, na Associação de Lisboa, ás 21 horas.

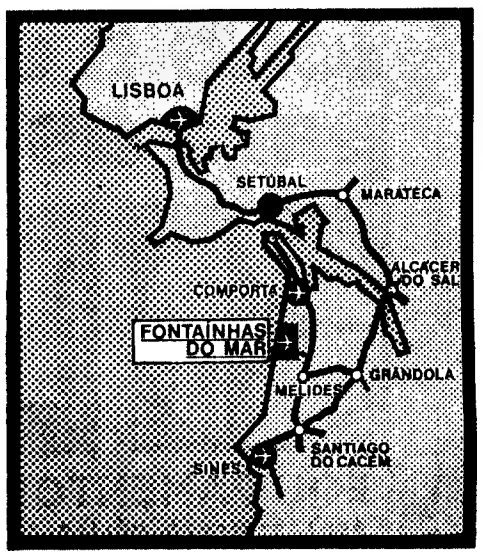
VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Juniores: Costa do Sol-Lisboa Ginásio, ás 21 e 30, no Liceu de Cascais.

Fontaínhas do Mar



Plante o seu capital nos nossos terrenos confinantes com o mar. Veja-o crescer e multiplicar-se

- Quintas entre praias e lagoas com área mínima de 5.000 m² por Esc. 70.000$00
- Valorizaçáó mínima de 10 % ao fim do primeiro ano (com garantia bancária)
- Zona fértil, de clima ideal para construir a sua casa de férias e fins de semana
- Fontaínhas do Mar tem electricidade, água, telefone e acessos
- Quilómetros de praia de areia branca e de águas aquecidas por um braço da quente Corrente do Golfo
- A 75 Km. de Lisboa (ligação por ferry-boats), a 35 Km. de Setúbal
- 15 minutos em táxi aéreo até ao aeroporto da Portela
- Entrada para Fontaínhas ao Km. 25 da estrada nacional 261 da Comporta a Melides



CONTACTE-NOS PELOS TELEFS.: 76 98 02 - 56 13 16
VISITE-NOS NA NOSSA SEDE, AV. DA REPÚBLICA, 56-D-7.º-E.
OU NA SUCURSAL, R. LATINO COELHO, 10-2.º-E.

Partida dos barcos em Setúbal 9,30 — 14,30 h.
Deixe o seu carro em Setúbal
O nosso autocarro aguarda-o na outra margem do Rio.

morrison

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

MAIS UMA FINAL «ÁGUIAS»-«LEÕES»

Os juvenis desforraram os juniores

• Vitória sportinguista por 2-1

Muito publico assistiu ao mais desejado jogo dos «miúdos». Tarde fresca mas muito convidativa. Era um Benfica-Sporting. Mais um. Uma final. Mais um título que o Sporting conquistou, como que a «vingar» o que os (juniores» dias antes perderam (ou não ganharam) frente ao seu poderoso rival.

Quando aos 9 minutos Sá Pereira «burlou» a vigilância dos «centrais» Simões e Gamito, galgou sessenta metros e «escolheu o ângulo vitorioso deixando Carlos Francisco a sofrer os efeitos do irremediável, já os sportinguistas haviam disposto de duas oportunidades «gentilmente cedidas» pelo muito vulnerável e frágil sector defensivo dos encarnados.

A equipa do Sporting que bateu o Benfica e conquistou o campeonato regional de juvenis

Começara a desenhar-se sobre o bem tratado relvado de «Pina Manique» a nítida superioridade dos «leões».

Três minutos após o «um-zero» algum sector das bancadas reclamou «penalty» a favor dos benfiquistas. Sem razão. Houve «bola na mão» só evitável se o defesa «leonino» — pareceu-nos Augusto (n.º 3) — fosse... «maneta». O árbitro Nemésio Castro que há muito justifica o enquadramento entre os conceituados, não se impressionou nem se desorientou.

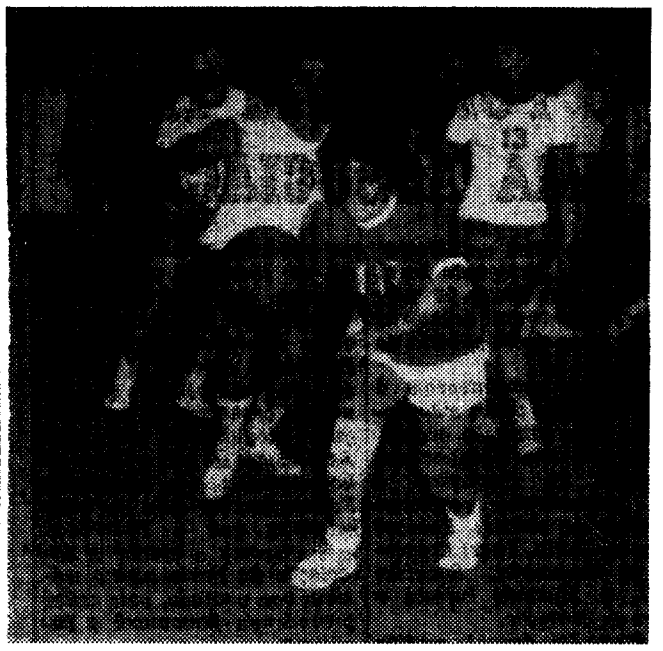
O domínio constante — que não avassalador — dos sportinguistas manteve-se até ao final do primeiro tempo, embora haja pertencido ao Benfica e tenha sido perdido por Moita a hipótese de marcar.

Após o intervalo os encarnados apresentaram Eleutério (n.º 15) no lugar de Marques (n.º 9) e os sportinguistas (aos 30 m.) haviam feito substituir Almeida (n.º 8) por Luís (n.º 15). Não se registaram mais alterações.

O Benfica resolvera «carregar no prego» mas o seu antagonista tinha força para acompanhar o ritmo. Muita precipitação no desbobinar do jogo.

Os defensores «leoninos» sentiram dificuldades ante alguns «furiosos» lances do ataque opositor, mas aos 49 m. (catorze, do 2.º tempo) *FIGUEREDO* «escapou-se» e

(Continua na página seguinte)



Uma imagem do encontro entre Algés e Benfica, a contar para o «Nacional» feminino (I Divisão, fase metropolitana, Zona Sul), que as atletas «encarnadas» venceram por 49-31. Nos restantes jogos verificaram-se os seguintes resultados: Nacional-C.U.F., 32-44; e V. Setubal-C.I.F., 15-50. O C.I.F. continua, destacado, no comando da prova.

A CORRIDA PARIS-NICE

MERCKX NO «SEU» LUGAR

PARIS, 12 — O português Joaquim Agostinho não foi feliz na etapa de ontem da corrida Paris-Nice, classificando-se no 83.º lugar, a 3m e 5s do vencedor, Eddy Merckx.

A etapa foi, aliás, mais uma impressionante demonstração da incomparável «classe» do corredor belga, que chegou isolado a Saint Etienne, com 52 s de avanço dos mais próximos aos quais fugira a 11 quilómetros da meta.

Merckx fugira ao pelotão das «vedetas» para se juntar a um grupo de «fugitivos», mas depois resolveu deixar também a companhia destes...

Agora, Merckx é o primeiro da classificação geral e o grande favorito da prova, que já venceu o ano passado.

1.º — Eddy Merckx (Bélgica), 5h 14m 29s.
2.º — Milioli (Itália), 5.15.21
3.º — Reybroeck (Bélgica), 5.15.24.
4.º — Rosiers (Bélgica),
5.º — Leman (Bélgica),
6.º — Vianen (Holanda),
7.º — Karstens (Holanda),
8.º — Guimard (França),
9.º — Dolman (Holanda),
10.º — Riotte (França), todos com o mesmo tempo.
83.º — Joaquim Agostinho (Portugal), 5.17.34.

CLASSIFICAÇÃO GERAL:

1.º — Eddy Merckx (Bélgica), 14h 58m 43s.
2.º — Ritter (Dinamarca) 14.59.34.
3.º — Milioli (Itál.), 14.59.40.
4.º — Rebroeck (Bélgica), 14.59.43.
5.º — Leman (Bélgica) m. t.
6.º — Guimard (França), 14.59.48.
7.º — Mortensen (Dinamarca),
8.º — Dancelli (Itália),
9.º — Pingeon (França),
10.º — Raymond (França), todos com o mesmo tempo do 6.º classificado.
52.º — J. Agostinho (Portugal), 15.01.58.

ANDEBOL: REGIONAL DE LISBOA

Ainda não foi homologado o resultado da «finalíssima»

Continua a levantar grande controvérsia o caso da utilização do «internacional» António Mendes, do Belenenses, no jogo que decidiu a título de campeão de Lisboa, de andebol de sete, em séniores.

O Sporting apresentou, findo o jogo, declaração de protesto, por motivos que nunca foram divulgados, mas não confirmou essa sua declaração.

Porém, entretanto começou a ser citado um artigo do Regulamento da Associação, que poderia colidir com a utilização do citado jogador e soube-se que aquele organismo iria debruçar-se sobre o assunto na sua reunião ordinária.

Nada, porém, foi resolvido. Agora, consta que a Associação vai expor o assunto á Federação, já que no regulamento daquela também existe um artigo que poderia inibir o jogador de actuar no citado encontro.

Uma verdadeira dança de artigos, para os quais os bem intencionados legisladores não preveram a possibilidade de se lhe darem as interpretações, conforme os interesses em jogo!

Para um melhor esclarecimento dos nossos leitores, aqui vamos transcrever os citados artigos, sem que antes não deixemos de esclarecer que no Regulamento federativo o seu Artigo 2.º diz: «*As associações regem-se pe-*

(Continua na página seguinte)

VOLEIBOL

Com a justa vitória do Lisboa Ginásio, terminou ontem o campeonato regional de juvenis em voleibol.

Os «ginasistas» que já eram virtuais campeões, venceram na ultima jornada, a equipa do Cif por 3-0 (15/11; 16/14; 15/2), tendo, sob a direcção de Alfredo Silva e Fernando Alves, as equipas apresentado:

L. GINÁSIO — Fernando Ferreira, Francisco João, Fernando Martins, Mário Matias, José Carlos, Mário Julio, Luís Romeu, Tamagnini Barbosa, Paulo Pernão, Maximiano Neto, João Simões e Tomaz dos Santos.

CIF — António Brasão, José Amaral, José Pires, Carlos Patrocínio, José Malheiro, R. Bruno, Luís Miranda, José Domingos e António Aguiar.

JF
colaborou em mais um grandioso empreendimento

EXECUTANDO A INSTALAÇÃO ELÉCTRICA DE:

* iluminação
* tomadas
* força motriz
* ar condicionado
* telefones
* relógios eléctricos
* som
* letreiros luminosos
* detecção de incêndios
* alarme contra roubo
* sinalização de trânsito
* posto de transformação
* central de emergência

FORNECENDO E MONTANDO TODOS OS QUADROS BEM COMO APARELHAGEM DAS SUAS REPRESENTADAS WESSEL E LEGRAND

JF
J. F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
Rua S. Francisco de Sales, 2 — Telefone 65 41 65 — Lisboa 1

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

BOXE

O PORTO VAI TER UMA ASSOCIAÇÃO

Após dois anos de existência de uma delegação local da F. P. de Boxe, os portuenses decidiram organizar a Associação de Pugilismo do Porto.

Para isso comunicaram à Federação que tinha sido nomeada uma comissão organizadora que iam efectuar um «Torneio de Iniciação» e que, actualmente estavam inscritos os clubes: Futebol Clube do Porto, Sport Comércio e Salgueiros, Boavista F. C., S. Mamede Infesta e Clube de Natação.

O Porto foi, durante muitos anos, o baluarte do pugilismo e os melhores pugilistas nacionais foram, ao longo de muitos anos, nortenhos. Portanto, a criação de uma Associação no Porto só pode ser saudada com aprazimento por todos os verdadeiros adeptos da modalidade. O necessário é que haja a devida disciplina perante a Federação e desde já saibam os seus dirigentes que as provas organizadas, em qualquer modalidade, por uma Associação só são válidas se homologadas pela respectiva Federação. No caso do boxe sabemos que a Federação está disposta a ajudar a Associação do Porto com a máxima boa vontade, pois assim procedendo fomentará o pugilismo.

Na sede da Federação Portuguesa de Boxe reunem-se esta noite os delegados dos clubes, para discutir a planificação da modalidade.

A «FINALÍSSIMA» DE ANDEBOL

(Continuação da pág. anterior)

los seus Estatutos e Regulamentos, que não poderão ter matéria contrária aos Estatutos e Regulamentos da Federação.»

Vejamos agora o que diz o Regulamento Geral da Associação de Andebol de Lisboa:

Art.º 31.º — *«Os jogadores «juniores» quando tenham atingido os 19 anos, no decorrer da época, podem manter-se nessa categoria até á conclusão da mesma ou poderão ascender á categoria de «seniores» se o pretenderem.»*

O jogador António Mendes transitou da categoria junior para senior, conforme inscrição entrada na Associação em 3 do corrente: portanto, na véspera da «finalíssima».

Art.º 91.º — *«Não poderão tomar parte em jogos de desempate, os jogadores que á data do termo do campeonato, não estiverem qualificados por esse clube ou na categoria a que esse jogo diga respeito.»*

O jogador António Mendes esteve desde sempre qualificado pelo Belenenses. Resta saber qual a interpretação que a Associação dá ao termo do campeonato, já que na 1.ª volta fez disputar os jogos da ultima jornada numa só sessão, deixando na 2.ª volta um jogo que depois englobou no programa da finalíssima.

Artigo 30.º do Regulamento Geral da F. P. Andebol:

«Nos jogos de repetição ou desempate, só poderão tomar parte os jogadores inscritos na Federação ás datas das realizações do encontro suspenso ou do ultimo jogo que os clubes empatados tenham efectuado.»

Os jogadores inscritos na Associação, estão automàticamente inscritos na Federação, já que toda a documentação é feita em impressos daquele organismo.

Aliás, o espírito daquele artigo é bem claro, porquanto pretende apenas evitar a inscrição de jogadores que á «data do ultimo jogo» não estavam inscritos.

O art.º 54.º do Regulamento federativo, é precisamente igual ao art.º 31.º da Associação.

Verifica-se assim que há artigos para todos os gostos e, com leitura atenta dos Regulamentos, outros poderiam ser citados, mas ao fim e ao cabo o que transparece é que pelo espírito de quem fez as leis (e considerando o campeonato concluido com o jogo C. N. O. C. A.-Técnico) a inscrição de António Mendes acaba por ter sido legal.

Mas, deixemos aos «responsáveis» a resolução do caso, só tendo que lamentar que tal controvérsia possa perturbar o momento alto do nosso andebol, em que as atenções deviam apenas convergir sobre a organização da «Taça Latina».

A VITÓRIA DO SPORTING

(Continuação da pág. anterior)

teve talento para trair as intenções do «keeper» Carlos Francisco. Era o «doiz-zero». O título estava mais certo e... mais próximo. Restavam desanove minutos. Havia que manter o ritmo. Os benfiquistas não mostravam sintomas de potencialidade e intencionalidade para fazer dos ultimos minutos o que não fizeram antes. A sete minutos do termo *SARMENTO* conseguiu reduzir a diferença. Era tarde. O título estava conquistado e merecidamente.

Sob arbitragem do já citado *Nemésio Castro* coadjuvado por Pedro Quaresma (baliza) e Francisco Gomes (peão), as turmas alinharam com:

SPORTING — Pinhal; Idálio, Augusto, Luz e Campinho; Simões e Diegues; Almeida (Luiz), Figueiredo, Sá Pereira e Moita. Estiveram como suplentes: Garret, Fortes e Rodrigues.

BENFICA — Carlos Francisco; Virgílio, Simões, Gamito e Batista; Alves e Pinto da Silva; Pedroto, Marques (Eleutério), Sarmento e Moita. Suplentes: Neves, Fernando, Farto Simões, Galope e Alvaro.

Referências individuais: no Sporting, gostámos ed Pinhal — seguro, atento e possuidor de boa mobilidade — Augusto (n.º 3) com excelente compleição atlética (varreu) a zona; Figueiredo e Sá Pereira «assinaram» excelentes lances demonstrando tecnicismo e poder de remate. Prometem formar magnífico «duo» atacante. Entre os benfiquistas salientamos o vigor, a visão de jogo, o discernimento e a clarividência muito adulta de Alves (n.º 6). Soube recuperar em inconformismo e denodo a fragilidade física.

ALVES HENRIQUES

GRANDE CONCURSO

CÁLEM um PORTO velho do nosso tempo.

UM NOME À ALTURA NO NOSSO RENOME

O vinho do Porto Cálem tem uma qualidade internacionalmente reconhecida. Merece, pois, ter marcas comerciais (denominações) de acordo com a sua origem, que deverão ser essencialmente portuguesas.

Ocupamos o melhor da nossa imaginação em aperfeiçoar sistemàticamente a qualidade e a apresentação do nosso produto: por isso, ela falta-nos às vezes para o «nomearmos» como melhor convém: com designações sonoras, breves, significativas e, repetimos, bem portuguesas.

Precisamos de nomes novos para completar a gama dos Vinhos do Porto que comercializamos.

Por isso abrimos um

CONCURSO:

Oferecemos os seguintes prémios:

1.º Prémio — Esc. 10.000$00
2.º " — " 5.000$00
3.º " — " 3.000$00

Tudo faremos para que as novas marcas venham a ser, muito brevemente, tão conhecidas como são actualmente as nossas marcas VELHOTES, TOP DRY e MAGNIFICENT.

Agora, temos falta duma denominação para:

1 Porto de Preço médio

É fácil concorrer para o que basta enviar um postal ou carta com as suas sugestões e eventuais comentários indicando, no entanto, taxativamente o seguinte:

"Propomos a marca....."

e endereçando as sugestões para:

A. A. Cálem & Fº Lda. Rua da Reboleira, 7 - PORTO

Tomamos a liberdade de dar aos nossos estimados concorrentes os seguintes conselhos:

1.º — Tenha presente que o sobrenome que apresentar, deve ligar, tanto quanto possível, com o nome **PORTO CALEM.**

2.º — Procure palavras, simples ou compostas, mas de preferência curtas, fonèticamente harmoniosas e fáceis de fixar.

3.º — Preocupe-se com que também dentro do possível, os sobrenomes que der ás marcas CALEM signifiquem alguma coisa para lá das palavras: isto é, que esteja directamente ligado à imagem do produto português de maior renome internacional (o vinho do Porto).

4.º — Lembre-se de que precisamos de sobrenomes bem portugueses — tão portugueses como a qualidade dos **nossos vinhos amadurecidos há mais de um século ao sol de Portugal.**

5.º — Repare que não pretendemos uma frase publicitária, mas sim **nomes à altura do nosso renome.**

1) A Administração da Firma A. A. Cálem & F.º, Lda. reserva-se o direito de não atribuir os prémios, não utilizando, consequentemente, as denominações, caso não as achar compatíveis com os objectivos deste Concurso.

2) A Casa CALEM será a exclusiva possuidora das sugestões recebidas não lhe podendo ser exigida em altura nenhuma seja a título for, outros pagamentos por força da sua utilização para além das importâncias dos prémios oportunamente anunciados.

Actividades culturais e artísticas do Grémio Literário de Leiria

LEIRIA, 12 — No seu plano de realizações artísticas e culturais, que inclui sessões de cinema e outras iniciativas, a direcção do Grémio Literário e Recreativo de Leiria organizou, no seu salão de festas, uma sessão fonográfica, com palestra e colóquio sobre «Jazz, esse desconhecido».

Foi orador o conhecido entusiasta da música de «jazz», José Duarte, que foi apresentado pelo sr. Medeiros Marques, da direcção do clube. José Duarte, colaborador do Rádio Renascença, no programa diário «5 minutos de Jazz» deu, de forma muito simples, uma óptima lição sobre o «jazz», que — disse — não é uma música de ritmos frenéticos, mas uma arte já com uma história ao longo de mais de setenta anos, e que, por uma forma didáctica, se pode considerar nascida em Nova Orleães, com uma grande densidade de negros em grande abertura social e que depois se expandiu ao longo do Mississipi, até invadir a Europa.

Depois de falar dos estilos, temas e esquemas do «jazz», desde a época clássica, com os «reis do jazz», sobressaindo Armstrong, o «mago do trompete» e das orquestras «Count Basie» e «Bill Dogdett», até á época progressista do «jazz», com Stan Gets a Bud Powell. A conferência foi ilustrada com significativas peças musicais.

Durante a conferência estabeleceu-se vivo diálogo no qual intervieram os srs drs. Teixeira do Valle e eng.º Humberto Maia Guerreiro e, em palavras explicativas nalguns pontos, o especialista de «jazz», sr. dr. Raul Calado.

A assistência tornou-se notada pelo seu espírito de juventude.

Espectáculo de variedades

No dia 20, ás 21 e 30, no Teatro José Lucio da Silva, haverá um serão para trabalhadores, cultural e recreativo.

As entradas são gratuitas para os sócios da F. N. A. T., mas todos os outros trabalhadores e interessados poderão requisitar bilhetes para o espectáculo que terá a colaboração de conhecidos artistas de variedades

Concerto de Musica Sinfónica

Naquele teatro haverá no dia 27, ás 21 e 30, um concerto de musica sinfónica, por uma orquestra de categoria internacional, enquadrada no Festival de Musica Gulbenkian.

As entradas são a preços populares, com o fim de divulgar o interesse pela musica, propósito da secção de musica da Fundação Gulbenkian.

BASQUETEBOL

O Real Madrid perdeu em «casa»

MADRID, 12 — (F.P.) — No encontro da 1.ª mão das meias-finais da Taça da Europa dos Clubes Campeões de Basquetebol, a equipa italiana Ignis de Varesa venceu o Real Madrid por 90 pontos a 86. Ao meio-tempo os italianos venciam por 41-40.

«A SERRA DA ESTRELA VISTA PELAS CRIANÇAS»

COVILHÃ, 12 Por iniciativa do Clube Nacional de Montanhismo e á semelhança do verificado nos anos lectivos 1967-1968 e 1968-1969 vai realizar-se o III Concurso «A Serra da Estrela Vista pelas Crianças», organizado este ano pela Escola Preparatória Pêro da Covilhã, com o patrocínio da Câmara Municipal desta cidade. A sua inauguração, presidida pelo ministro da Educação Nacional, realizar-se-á em 25 do próximo mês Podem concorrer todas as crianças até á idade de 14 anos. A exposição tem em vista motivar e estimular o poder criador infantil e tornar mais conhecida a Serra mais alta de Portugal. Os trabalhos de qualquer natureza serão apreciados por dois juris — juri de admissão e juri de classificação— cuja constituição será oportunamente divulgada, os quais decidirão, sem recurso, sobre a admissão dos trabalhos e dos prémios e diplomas a atribuir.

As crianças têm liberdade de escolher os motivos relativos á Serra da Estrela — Povoações onde residam, sincelo, neves, barragens, toponímia, desporto de montanha, etc., etc. Este ano, todavia, serão apreciados temas concernentes ao primeiro Centenário da Cidade da Covilhã, que ocorrerá em 20 de Outubro.

As crianças podem concorrer com tabalhos individuais ou colectivos. Não haverá qualquer restrição sobre os materiais utilizados, formatos ou dimensões simplesmente se recomenda para os desenhos, o formato mínimo — quarto de papel cavalinho.

A data de entrega dos trabalhos termina impreterívelmente em 6 de Abril, devendo aqueles ser enviados á Escola Preparatória da Covilhã — Rua dos Combatentes da Grande Guerra, nesta cidade

Militares falecidos no Ultramar

LUANDA, 12 — (A. N. I.) — Num desastre, morreu, em Angola, o soldado n.º 170099/68, António Justo Areias, natural de Santa Eugénia (Alijó), filho de Felisberto Areias e de Maria Guilhermina Alves.

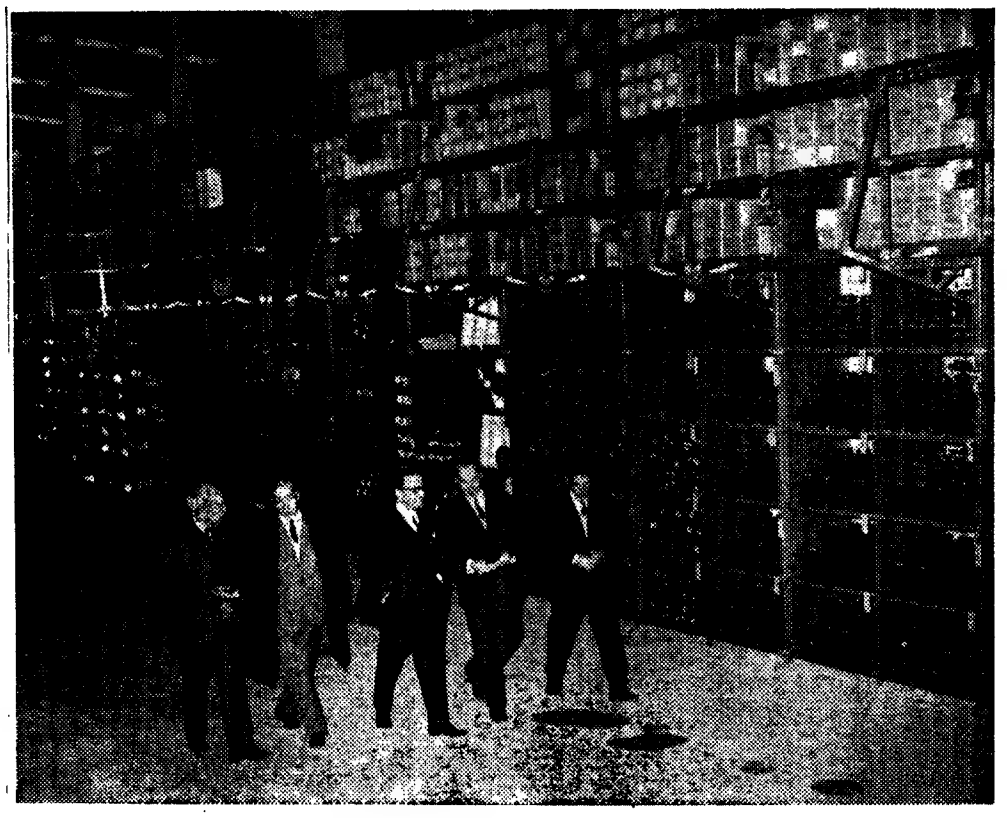
★

LOURENÇO MARQUES, 12 — (A. N. I.) — Por doença, faleceu em Moçambique o soldado do recrutamento provincial n.º 704204/69, Jorge Lucas Sango.

WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM

A PHILIPS PORTUGUESA, PREFERIU, PARA AS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES, ALCATIFAS FERCOL/WOOLMARK, FORNECIDAS PELA TEDESCO AV. BARBOSA DU BOCAGE, 23-4º ESQ.

TAPEÇARIAS
REALTUFO



Pormenor da visita aos novos armazéns dos Serviços Municipalizados de Coimbra

NOVOS ARMAZÉNS dos Serviços Municipalizados de Coimbra

Os novos armazéns dos Serviços Municipalizados de Coimbra (na Guarda Inglesa), foram na passada sexta-feira visitados por um numeroso grupo de convidados.

Presentes o Presidente da Camara Municipal de Coimbra, sr. eng.º Julio de Araujo Vieira, todo o corpo administrativo dos Serviços Municipalizados, os srs. Manuel Ramada e António Coentro de Pinho, respectivamente Director-Geral e Director dos Serviços Sociais de F. Ramada — Aços e Industrias, S. A. R. L., firma responsável pelo fornecimento de todo o sistema de armazenagem.

Esta unidade modelo recentemente concluída é totalmente constituída por estantes «DEXION», com 60 metros de comprimento com dois pavimentos, com a altura de 5 metros, passarelas em pranch a perfurada, ocupando uma área de 1544 m2, podendo suportar uma carga total de 655 000 quilos.

A todos causou a melhor impressão esta visita, sendo prestados esclarecimentos sobre resolução de problemas de espaço e armazenamento, utilizando cantoneira perfurada «DEXION».

O sr. Presidente da Camara em breves palavras agradeceu aos presentes, afirmando ser-lhe muito grato ter oportunidade de dar publico conhecimento de mais uma iniciativa dos serviços sob a sua responsabilidade.

Num dos restaurantes da cidade seguiu-se um beberete, pretexto para franco convívio entre os elementos responsáveis pelos Serviços Municipalizados, funcionários superiores de F. Ramada e convidados.

ELÍSIO PEREIRA DO VALLE

Missa do 1.º aniversário

Maria Regina de Anciães Proença Pereira do Valle Borges de Castro e seu marido Luís Borges de Castro, Elísio Proença Pereira do Valle, Jorge Manuel do Valle Salgueiro Costa e sua mulher, Maria Emília do Valle Barges de Castro e Luís Elísio do Valle Borges de Castro participam que amanhã, dia 13, ás 12 e 30 horas, será celebrada missa, na Igreja dos Mártires, pelo eterno descanso do seu muito querido pai, sogro e avô, agradecendo a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

PORTUGAL NA TELEVISÃO EGÍPCIA

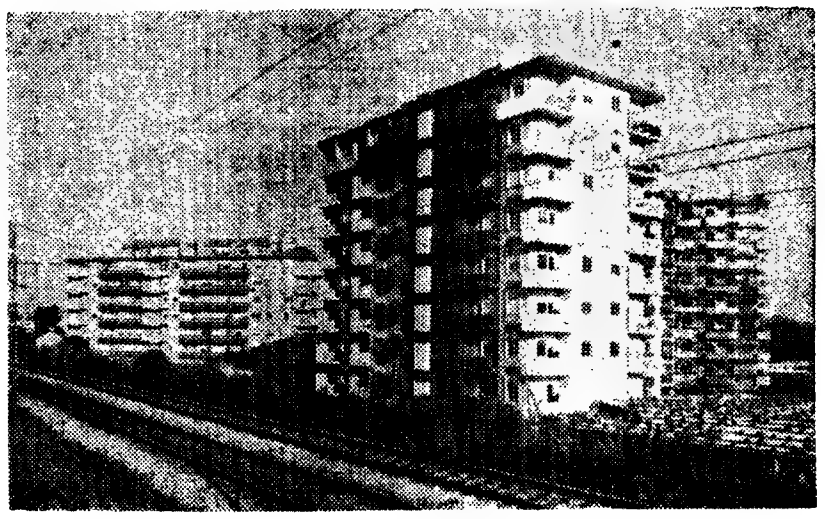
O folclore e a arte portuguesa, e sua relação com a infuência árabe no nosso País», foi o tema tratado pelo dr. Abdel Kader Moukhtar, director dos museus islâmico da RAU, num programa de televisão apresentado no mês passado no Egipto. O dr. Moukhtar, que por diversas vezes esteve em Portugal, veio ao nosso País pela ultima vez, quando da inauguração das novas instalações da Fundação Gulbenkian, tendo então como apaixonado da arte islâmica, conferenciado com alguns especialistas portugueses.

Ao longo do programa apresentado na televisão egípcia, o director dos museus da RAU apresentou aos espectadores, diversos objectos, fotografias e diapositivos, recolhidos durante a sua ultima viagem a Portugal.

A fotografia na sociedade actual

Promovida pelo IADE — Instituto de Arte e Decoração—efectua-se amanhã, pelas 21 e 30, na Escola Internacional de Decoradores Palácio Quintela, na Rua do Alecrim, 70, uma conferência-colóquio sobre «A fotografia na sociedade actual», orientada pelo arq.º Manuel Costa Martins.

Ao alcance da sua bolsa!



A possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

Junto a Lisboa, em Paço de Arcos apenas a 100 metros da praia

J. PIMENTA, S. A. R. L.

tem para si maravilhosos andares em propriedade horizontal e apartamentos mobilados a preços excepcionais

Visite as nossas modernas instalações na Praça Marquês de Pombal, 15 (Lisboa)

- APARTAMENTOS MOBILADOS para habitação própria ou para rendimento (9,5% ao ano)
- ARTESANATO E MOBILIÁRIO, em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar

— **Materiais de construção** do mais pequeno parafuso à maior banheira, passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração.

— **Azulejos** nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica — Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

A PARTIR DE 10 000$00 PODE APLICAR AS SUAS ECONOMIAS NA NOSSA ORGANIZAÇÃO

190 contos rendem-lhe 1.187$50 mensais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Informações e Apartamentos em Exposição: Praça Marquês de Pombal, n.º 15, 1.º — Telefones 4 58 43 e 4 78 43

QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22; AMADORA-REBOLEIRA, Telef. 93 36 70; PAÇO DE ARCOS (Espargal) Telef. 2433511

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado, ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado de grande duração e as paredes interiores revestidas de papel lavável.

7 — OS TEMPOS LIVRES TÊM SIDO ENTRE NÓS OBJECTO DE PROGRAMAÇÃO?

— Os portugueses aproveitam inteligentemente as suas horas de ócio?

— Os tempos livres têm sido entre nós objecto de criteriosa programação? Ao nível pessoal? Ao nível de empresa? Ao nível da indústria do lazer?

— Qual a sua opinião sobre a forma como os portugueses se divertem?

— Caberá à Escola preparar os jovens para o aproveitamento dinâmico das horas livres em vista a um aperfeiçoamento humano e cultural?

— Que fenómenos — de ordem económica, cultural e social — determinam a adesão do público a certo tipo de divertimento?

Munida destas e outras perguntas tentamos contactar com pessoas que, pela sua formação técnica, poderiam estar aptas a abrir perspectivas novas sobre a forma como se divertem os portugueses.

As dificuldades, que inicialmente se nos depararam para encontrar elementos nacionais acerca do assunto, repetiram-se na escolha das pessoas preparadas para emitir opiniões.

Certo número de pessoas com quem contactamos alegaram falta de tempo ou de elementos para responder. Tinham, disseram, uma noção geral do problema. Sabiam que os portugueses vão ao cinema e ao futebol, que têm pouco dinheiro para se divertir, mas careciam de elementos que suportassem depoimentos dignos de interesse.

Apesar das dificuldades encontradas e das promessas de resposta não cumpridas, publicamos dois depoimentos que, se não respondem a todos os pontos que quiseramos tratar, satisfazem grande parte deles.

— OS PORTUGUESES APROVEITAM INTELIGENTEMENTE AS SUAS HORAS DE ÓCIO?

Responde o dr. Alberto Ferreira, escritor e filósofo a dirigir uma agência de publicidade.

«Em meu parecer a autogestão do tempo disponível pode ser orientada, guiada, dirigida pela educação», afirmou-nos o dr. Alberto Ferreira

— Inteligentemente? Porque não utilmente? Se partirmos da premissa de que todo o pensar, agir e sentir do homem devem ser orientados para a perfectibilidade do carácter e o progresso da sociabilidade, não é o factor inteligência que mais importa para ponderar a aplicação do tempo disponível de cada um. Não pretendo, r e p a r e - s e, propôr aqui uma filosofia pragm6tica de sentido tradicional, isto é, o conjunto de doutrinas ou sistemas que pretendem a absoluta coincidência entre verdade e utilidade e a consequente redução do conhecimento á acção eficaz. Pretendo que a acção útil seja inseparável do pensamento e que este, de cada vez que se põe em movimento, procure reconhecer a verdade na constante verificação da sua prática. O homem ao gerir o tempo disponível tem de o significar em função do tempo do homem, para o homem, pelo homem — isto é, em proveito de si mesmo e de outrém, logo socialmente.

Eis uma primeira aproximação da problemática que me propõe. Uma aproximação de sociólogo, já se vê.

Em seguida, proporia uma metodologia de abordagem á questão global. Primeiro que se entende por ócio? O que pensará cada um do que queira dizer ócio? Digamos que se define em TERMOS DE TEMPO e não de espaço. Ócio será, assim, um tempo sobrante, uma parte do tempo em que não somos obrigados a uma tarefa pré-determinada pela estrutura em que desempenhamos uma função remunerada ou um trabalho profisisonalmente dirigido pela empresa privada ou oficial em que nos enquadramos.

Eu direi que o ócio é a AUTOGESTÃO DO TEMPO DISPONÍVEL. Os dicionários oscilam: pode ser simples preguiça, **ou o «espaço de tempo em que se não trabalha» e ainda desemprego ..**

Se aceitarmos o conceito de ócio que proponho, teremos de concluir que a autogestão **será mais** egoísta **quanto mais a sociedade for individualista e, nessa circonstância, a noção de** utilidade do ócio **perde significado valor. Neste caso, ou seja, em sociedade,** não colectivistas, **o factor inteligência é marcante no aproveitamento do ócio. Mas a i n t e l i g ê n c i a deverá ser orientada por um** sistema de valores. **Se tal sistema f o r p e d o m i n a n t e m e n t e** egotista, **a inteligência desviará a actividade «ociosa» para fins estranhos aos projectos, aspirações, sentimentos, ideais e vontade da colectividade. O homem, cada homem, aplicará «inteligentemente» o seu ócio em função de valores contrários á própria definição ideal de inteligência... O que é paradoxal... pelo menos, facto que não altera a continuidade do absurdo em que embarcamos.**

FACETAS SOCIOLÓGICAS DO ÓCIO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA

Posto isto vejamos as facetas sociológicas do problema do ócio da população portuguesa.

Em primeiro lugar, gostaria de fugir ao excesso de generalidade. Em rigor, não existe uma autogestão do tempo disponível **idêntico para toda a população portuguesa. O problema exige tratamento estatístico e um inquérito adequado. A resposta científica á questão proposta exige a realização de um inquérito de comportamento. Na sua falta lembremos quais as distinções a fazer:**

1.º — Teremos de analisar **o ócio de cada classe, camada ou estrato social. Torna-se claro que a aplicação do tempo disponível é diferente numa pessoa de nascimento humilde, chamemos-lhe assim, de uma pessoa de condição burguesa. tinguir os ócios determina-Em seguida, teremos de dis-dos pelo grupo sócio-profissional. Parece claro que o ócio de um pedreiro rural será em princípio, diferente de um engenheiro electrotécnico. Ainda dentro do critério de grandes distinções numa sociedade global convirá separar o tempo disponível das populações urbanas concentradas em agrupamentos superiores a 250 000 habitantes (existem apenas dois centros demográficos desta classe em Portugal) e as populacões dispersas em mini-agrupamentos rurais. Finalmente cumpre distinguir, dentro de cada conjunto, as divisões que resultam duma tipologia elementar dos seres humanos. A questão do tempo disponível não depende unicamente de factores sociológicos, mas também de factores psicológicos. Cada indivíduo dentro de cada grupo revela as suas próprias tendências caracterológicas. Se, por hipótese, um operário metalúrgico é determinado pelo seu estudo de classe e pelas idiossincrasias do seu grupo-sócio-profissional, pela ambiência, dimensão e clima da sociedade global em que vive, a direcção da sua vida mental será motivada pela «largura do seu campo de consciência».**

A dr.ª Amora Murteira: — Se é duvidoso que as horas de trabalho tenham sido, entre nós, objecto de criteriosa programação o mesmo não acontece com as horas de ócio: aí nem sequer tem havido a intenção de programar...

Como se divertem os portugueses

por

Antónia de Sousa

As suas tendências, mais rigorosamente, a direcção das suas tendências **constitui variante muito significativa: desde os interesses sensoriais às aspirações do intelecto, desde o desejo à paixão estética, podem encontrar-se núcleos de orientação psicológica que afectam fortemente a gestão do tempo disponível. Os factores que influem a persistência das impressões são, em si próprio capazes de deflagrar processos que superam os quadros de comportamento estereotipado. Finalmente, os componentes ideológicos da consciência social exercem tão poderosa força que podem, só por si, alterar os modelos das classes e camadas sociais dos quadros socioprofisisonais.**

Em meu parecer a autogestão do tempo disponível pode ser oientada, guiada, dirigida pela educação. Os portugueses — e aqui podemos encontrar legítima generalização — não possuem m o d e l o s educativos nem conceitos ideológicos capazes de constituir um suporte para modificar as emoções, as ideias e os actos ao ponto de transformarem a mentalidade imperante (predomínio da fantasia, impulsividade, inércia, ociosidade gratuita, falta de capacidade racional) numa mentalidade criadora de valores espirituais. A gestão racional do ócio pressupõe uma gestão colectiva racional — situação ainda não alcançada pelo escol português de hoje, quanto mais pela população em geral.

PROGRAMAÇÃO AO NÍVEL PESSOAL DE EMPRESAS OU DA INDÚSTRIA DO LAZER

A dr.ª Aurora Murteira, que trabalhou vários anos como técnica económica da Associação Industrial Por-

(Continua na página seguinte)

A programação maciça dos ócios tornou o homem duplamente alienado: ao trabalho e ao divertimento. O fenómeno do futebol é o mais típico exemplo de alienação das massas. É por isso que para definir sociológicamente um indivíduo não basta perguntar-lhe quais são e quanto gasta nos seus divertimentos, mas ainda como escolhe os seus divertimentos. A escolha que parece livre está condicionada a factores de ordem económica e cultural e vive na dependência de estruturas que os facilitem e da publicidade que os divulguem.

COMO SE DIVERTEM OS PORTUGUESES

(Continuação da pág. anterior)

tuguesa e actualmente desempenha funções no Gabinete de Planeamento da Secretaria de Estado da Indústria, depôs a respeito da programação dos ócios:

— Se é duvidoso que as horas de trabalho tenham sido, entre nós, objecto de criteriosa programação, o mesmo não acontece com as horas de ócio: aí nem sequer tem havido a intenção de programar.

Antes, contudo, de responder às questões postas parece-me importante precisar o que modernamente se entende por horas de ócio ou tempos livres. Desde há algumas dezenas de anos, o tempo livre não é apenas aquele em que se está liberto de ocupações profissionais e em que se não faz nada, mas engloba ainda as actividades em que se ocupa esse tempo. É, portanto, o conjunto de ocupações às quais o indivíduo se entrega por sua livre vontade para descansar, divertir-se desenvolver a sua formação, a sua participação social, uma vez liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais. A par do tempo não ocupado em obrigações várias tem de haver a possibilidade de opção na forma como utilizar esse tempo.

A nível pessoal — esta precisão parece-me muito importante. Vejamos o que se passa nas várias camadas sociais:

— Uma grande parte da população possui um nível de rendimentos de tal forma baixo que não tem possibilidade de ocupar as suas horas de ócio a seu bel-prazer.

— A camada da população com um nível médio de rendimento consegue-o, na maior parte dos casos, com o recurso a horas suplementares, a trabalhos extra, ocupando assim quase todo o tempo em tarefas profissionais. De acrescentar que é nesta camada que o desejo de melhorar a qualificação profissional acrescenta às horas de trabalho horas de estudo.

— Na camada de mais elevados vencimentos, a sobreposição de empregos e de preocupações, a ânsia de ganhar mais, não deixa os espíritos libertos para actividades extraprofissionais. Existe dinheiro para despender em tempos livres mas não há tempo, nem física nem psicològicamente, para o utilizar.

Uma referência especial deve ser feita à mulher empregada que sobrepõe aos cuidados do lar e da família as obrigações profissionais. E se não tem possibilidades materiais de ter quem a auxilie nos trabalhos domésticos, a situação é particularmente grave.

Não possuo elementos que me permitam pronunciar sobre a questão a nível empresarial. Parece-me, contudo, que os tempos livres não são objecto de qualquer programação na maior parte das empresas. E, por outro lado, pelo menos ao nível dos quadros superiores, nota-se, nalguns casos, uma exigência por parte das entidades patronais para uma disponibilidade total das pessoas aos problemas da empresa.

INDÚSTRIAS DO LAZER

— Para lhe tentar responder a que nível se encontram entre nós as indústrias de lazer talvez seja uma via analisar em que a generalidade das pessoas ocupa o seu tempo livre, alheando ao seu tempo livre, alheando do tempo passado pura e simplesmente em família: para se cultivar, viajar, em actividades desportivas, etc.

Não é difícil concluir que, em qualquer destes aspectos, está longe de se atingir entre nós um nível satisfatório.

Na parte cultural ocupa lugar de relevo a televisão. Alguma coisa terá feito no sentido do desenvolvimento cultural dos espectadores, talvez não o suficiente e não da melhor forma.

Na indústria cinematográfica também muito haverá a fazer, além de que a maioria dos portugueses quando vai ao cinema escolhe filmes maus.

Pelo teatro, quer bom quer mau, há um grande desinteresse e são as revistas que conseguem atrair o público.

Quanto ao desporto, apenas uma pequena parte da população o pratica. Será porque não existem condições que o estimulem?

As viagens, os fins-de-semana, implicam dispêndios elevados, quer em transportes quem em instalações, que a maioria da população portuguesa não pode suportar.

A F. N. A. T. visa precisamente os tempos livres dos trabalhadores. Não conheço suficientemente a sua acção tativa quer quantitativamente. Parece-me contudo que consegue chegar apenas a um número restrito da população trabalhadora.

EQUIPAMENTOS COLECTIVOS

— De referir ainda que os tempos livres pressupõem a existência de um certo número de equipamentos colectivos tais como:

— Vias de comunicação para fins-de-semana ou viagens turísticas.

— Hoteis acessíveis à população do País.

— Casas culturais para adultos e jovens.

— Parques próximos das cidades.

— Instalações desportivas.

Por último, apenas uma alusão às diversas formas de proporcionar a uma sociedade mais tempos livres:

— Começo de trabalho mais tardio, com estudos mais longos até para evitar a formação em adultos.

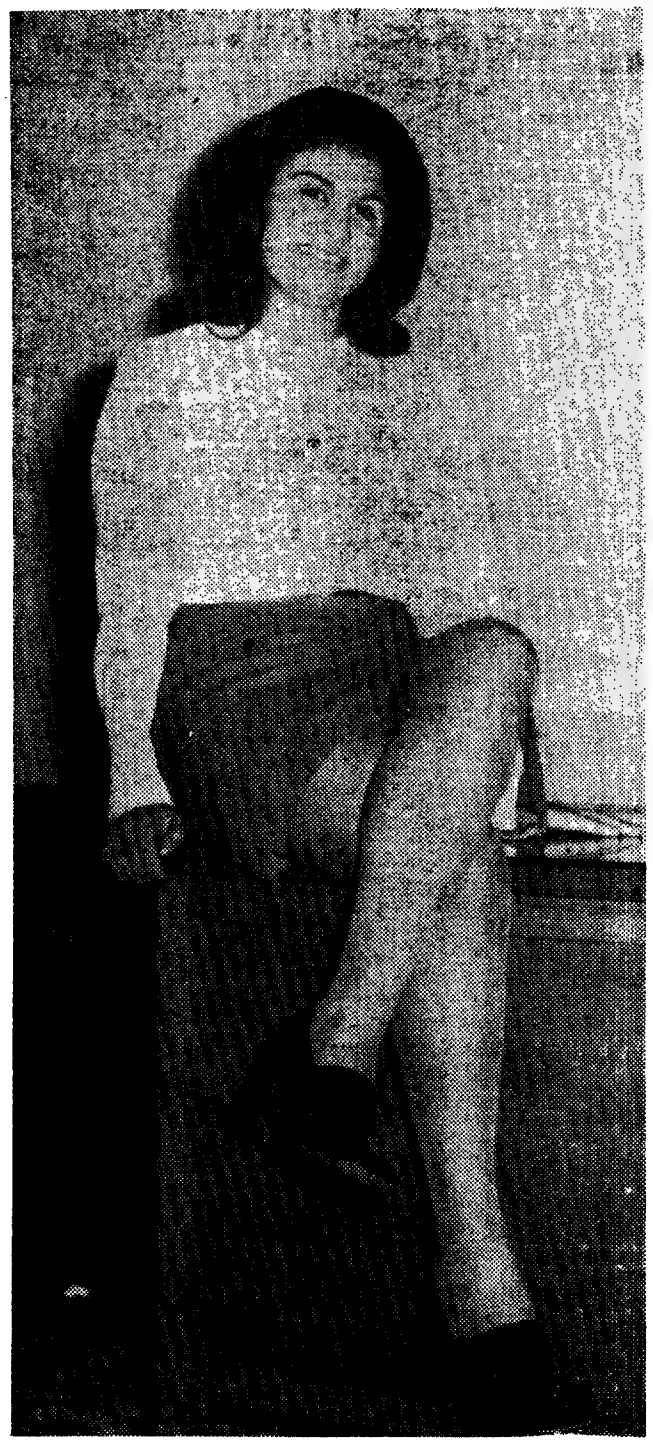
— Menos horas de trabalho por dia.

— Fins-de-semana maiores.

— Férias pagas mais longas.

— Instalações que permitam uma menor sobrecarga da mulher em relação aos filhos.

E é fácil de ver como em todos estes aspectos estamos desfavorecidos em relação aos países industrializados. Assim, no que se refere, por exemplo, a fins-de-semana, ainda é comum, em muitas profissões, limitar-se ao domingo. Mesmo as aulas prolongam-se pelo sábado à tarde o que, evidentemente, prejudica o fim-de-semana de toda a família.



Maria Isaura: uma alentejana na «corrida»

A corrida ao título de «Maja»

(Continuação da 17.ª página)

uns passeios. É que nunca sai de Portugal, compreende?

FILMES PORTUGUESES? LIVRA...

Nasceu em Braga (a 20 de Março de 1950) e chama-se Clemência Quintas Fernandes.

— *Vim para Lisboa com dois anos. Estudei. Empreguei-me agora, há muito pouco tempo: estou numa firma inglesa onde todos me tratam bem. Quanto ganho? Dois contos e meio por mês.*

Clemência Fernandes reside com a mãe, num quarto andar da Rua das Janelas Verdes.

— *O meu pai está no Rio de Janeiro e gostava de lá ir vê-lo este ano. Talvez que o concurso para «Maja» me dê oportunidade de dar um passeiozinho até lá...*

Gosta de musica moderna (*«como temos vracmaorso [como temos carro vamos muito às boites da linha»*) e tem quatro irmãs: Madalena da Conceição (já casadas), Maria Fernanda e Amélia Luísa (que estão solteiras).

— *Mas eu não tenho noivo. Nem sequer namoro. Estou muito nova para me «prender», não acha?*

Foi uma colega de trabalho (Margarida) quem insistiu para que Clemência concorresse ao título de «Maja de Portugal».

— *Se ganhar, trago-lhe um «sombrero» de Espanha.*

Associada do Ateneu Comercial de Lisboa, praticou natação, ginástica e ténis de mesa. «*Vou muitas vezes ao Cinema; mas não tenho ídolos, não tenho favoritos. Gosto (ou não) das histórias; e é isso que me leva a ver os filmes. Mas, desculpe a confissão, não posso nem um bocadinho com as «fitas» portuguesas nem com as películas de «cow-boys». Tenho o meu sentido crítico orientado num certo rumo...*»

Carrega a frase:

— *Filmes portugueses? Livra...*

Fala com grande desenvoltura, perfeitamente á vontade:

— *Sim. Gostava de trabalhar no cinema estrangeiro. Mas, muito longe daqui...*

Pesa 52 quilos, tem 1 e 60 de altura, estuda inglês (á noite) e possui o curso comercial. «*Cozinheira? Sou assim-assim. Em doçaria é que sou razoável...*»

— *Um bom espectáculo que tenha visto ultimamente? Olhe: «A Relíquia». Acho que está muito bem posta em cena.*

Despede-se:

— *Vou lanchar. Como de tudo sem me preocupar: não consigo engordar*

VIAJAR PARA COMPRAR COISAS

Morena, de cabelos castanhos e olhos cor de avelã, Maria Hortense Costa Pimenta é natural de Torres Vedras, ali nasceu a 5 de Janeiro de 1948.

— *Vim para Lisboa há um ano e tal, para casa de uns tios. Sou a mais velha de sete irmãos; o mais novinho tem só quatro meses. Ando a ver se me emprego...*

Estuda inglês e francês: no Berlitz e na Alliance Française, respectivamente. É muito nervosa. Extremamente nervosa.

— *Concorri por causa de uns amigos...* — balbucia, devagarinho. «*O meu namorado (que estuda Medicina) nem sonha...*».

Maria Hortense mora na Travessa das Recolhidas. Pesa 50 quilos e tem 1 metro e 58 de altura. Medidas: 90 (busto), 65 (cintura), 93 (anca). Gosta da cor vermelha. Dança muito: «*especialmente musica moderna, dos Beatles, do Antoine, dos Rolling Stones...*».

— *Artistas portugueses? Só o «1111» e mais nada... São quase todos muito «pirosos»* — diz a jovem de Torres Vedras, acrescentando: «*Quem eu gostava de conhecer pessoalmente? Ora deixe-me pensar, deixe-me pensar...*

Olha para o tecto e responde muito devagarinho:

— *O Omar Shariff... O Alain Delon... Talvez a B. B.... Eu sei lá! Fazem cada pergunta á gente*

Nunca saiu de Portugal «*mas adorava viajar*».

—*Para comprar coisas, não é?* — acrescenta. E conclui dizendo para o fotógrafo:

— *Detesto ficar a rir; podem chamar-me parva. Veja lá como me «apanha», sim?...*

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

EDITAL

Faz-se público que no dia 31 de Março em curso, pelas 15 horas, na sede destes Serviços Municipalizados, perante a Comissão para este fim nomeada, se procederá ao concurso público PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE RAMAIS DE LIGAÇÃO DE ESGOTOS DOS PRÉDIOS AOS COLECTORES DA ZONA B — FREGUESIAS DE MOSCAVIDE, SACAVÉM, CAMARATE, APELAÇÃO, UNHOS, SAO JOAO DA TALHA E SANTA IRIA DE AZÓIA.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de Esc.: 6 500$00, mediante guia passada pelo próprio concorrente.

O depósito definitivo será de 5 % da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria destes Serviços Municipalizados.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 7 de Março de 1970.

O Presidente do Conselho de Administração

José da Silva Baptista

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

EDITAL

Faz-se público que no dia 1 do próximo mês de Abril, pelas 15 horas, na sede destes Serviços Municipalizados, perante uma comissão para esse fim nomeada, se procederá ao CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE RAMAIS DE LIGAÇÃO DE ESGOTOS DOS PRÉDIOS AOS COLECTORES NA ZONA A — FREGUESIAS DE ODIVELAS, PÓVOA DE SANTO ADRIAO, CANEÇAS, LOURES, FRIELAS, SANTO ANTAO e SAO JULIAO DO TOJAL.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de Esc.: 10 000$00, mediante guia passada pelo próprio concorrente.

O depósito definitivo será de 5 % da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria destes Serviços Municipalizados.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 7 de Março de 1970.

O Presidente do Conselho de Administração

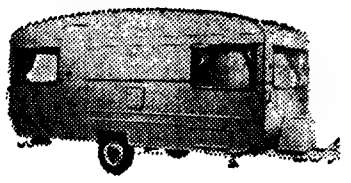
José da Silva Baptista

AGENTE COMISSIONISTA

PARA LISBOA, PRECISA FÁBRICA DE PLÁSTICOS DO PORTO.

CARTA À DELEGAÇÃO DESTE JORNAL NO PORTO AO N.º 450.

MESMO QUE TENHA CARAVANA NACIONAL OU ESTRANGEIRA EXPERIMENTE A MODERNA PYC



Rua de Alexandre Herculano, 229 — PORTO

Em exposição no NAUTICAMPO 4.º Lisboa

FREZAS

Fabricamos qualquer tipo de freza cilíndrica ou cónica, de topo direito ou com raio

Igualmente afiamos e reconstruímos os mesmos tipos de frezas

SOMATEX (METALURGIA)

Rua Augusto Gil, 108 — PORTO — Telefones 65158/59/50

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

CONVERGÊNCIA

Coordenado por Eduino de Jesus, o quinzenário de actualidade literária «Convergência» que é apresentado cerca das 20 e 50, inclui as rubricas habituais: «Crónica» e «Rosa dos Ventos» Nesta ultima é evocado o poeta Reinaldo Ferreira, desaparecido há cerca de 10 anos.

«CARTAZ TV»

Por motivo de programação e a exemplo do que sucedeu a semana passada, a rubrica «Cartaz TV» será hoje transmitida pelas 20 e 25 Jorge Alves fará a apresentação dos programas a transmitir na próxima semana.

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 9 e 45: TV Juvenil; 20 e 20: Hoquei em patins; 21 e 30: Telejornal; 22: Dr. Marcus Welby; 23: Arte e a Cinema; 23 e 30: Marcha do mundo; 23 e 40: Fecho.
II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 40: Fecho.

Robert Stack, o famoso herói de «Os Intocáveis», é o protagonista do episódio de hoje de «O Jogo da Vida», mais uma vez na pele do repórter do «Magazine» sempre em jogo

O JOGO DA VIDA

Pelas 22 horas e até final da emissão será exibido mais um episódio filmado da série «O Jogo da Vida». Nele intervem como protagonista o actor Robert Stack.

Estão em jogo a habitação miserável explorada por individuos sem escrupulos e a dedicação de um padre a uma causa justa.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira—Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Mario; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45. Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros 20 e 40: 7.º Episódio do Folhetim «Ressurreição», de Machado Assis, numa adaptação de Ema Paul; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S Carlos da ópera em 3 actos «Falstaff», de Verdi; No 2.º Intervalo (cerca das 23 e 20) — Musica de Arco, de Dohnanyi e Dvorak-Kreisler; No final da ópera, Musica de câmara; Trio em sol menor op 63 (Weber); 1 e 59: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 30 Oratória «Israel no Egipto» (Händel); 18: Mu-

(Continua na página seguinte

II Programa CURTO--CIRCUITO

A emissão de hoje é inteiramente preenchida pela repetição do 2.º programa da série «Curto-circuito», realizado no Teatro Monumental em 2 do corrente mês.

Canal da crítica

SE ESTE FOI O TEATRO NOSSO, VALE A PENA TRAZÊ-LO OU ESQUECÊ-LO?

Continua-se em «Panorama do Teatro Português» a demonstração de que não houve dramaturgos em Portugal durante muitos muitos muitos anos depois de Gil Vicente. Ontem essa demonstração esteve a cargo dos srs. Afonso Alvares, António Prestes e Jerónimo Ribeiro. Chega a ser pecado, ao pé deles, falar em Gil.

Luís Francisco-Rebello cantou loas á encenação. Muito bem. A encenação vivifica, dinamiza, etc. A encenação é o melhor processo de atravessar a barreira do tempo, etc.

Talvez aqui já não se possa estar tão completamente de acordo. A encenação dinamiza o que é dinamizável. E se aceitarmos que vivifica é só por esforço e benevolência de entendimento. Digamos que ela saberá como acordar a alma escondida nas peças.

Nos trechos ontem trazidos á presença do público português não havia alma prestável. Terá parecido, até, um tanto ridícula a citação de Ionesco a propósito do Santo António que ressuscitava o menino. Pois em verdade vos digo que é mais difícil trazer á vida um teatro morto, do que um menino afogado. Mesmo que se contem com todos os favores da encenação.

Com tão deficiente direcção de actores (e com aqueles actores), um ou outro «armanço» encenatório metido a martelo no auto de Jerónimo Ribeiro não fez esquecer isso mesmo: a sua natureza de «armanço».

Com tantos cadáveres, a sessão de ontem de «Panorama do Teatro Português» não poderia deixar de ser o que foi: uma sessão penosa.

MARIO CASTRIM

Rádio

(Continuação da pág. anterior)

sica do século XX; 19: Crítica de Livros para Jovens e Crianças, por António Manuel Couto Viana; 19 e 10: Folclore Português — Musica Regional de Trás-os-Montes, recolhida por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 25: Musica de Tecla; 20: Sinal Horário — Diário Sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Musica instrumental — Rondó em ré maior K 382 (Mozart), Annie Fischer, piano. Orquestra Sinfónica da Baviera, dirigida por Ferenc Fricsay; 20 e 30: Musica portuguesa para coros com obras de Estevão Lopes Morago e D. Pedro de Cristo Pelo Côro da Fundação Gulbenkian, dirigido por Olga Violante; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge de Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos Ligeiros; 21 e 40: Variedades no Estudio: «Talvez Cantando me Entendas»; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Musica Ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 21: Sinfonia em Ré Maior, de Frederico o Grande, pela Orquestra de Câmara Emil Seiler, dirigida por Carl Gorvin; Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em Três Actos «Falstaff», de Verdi, pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Oliviero de Fabritiis; No 1.º Intervalo (cerca das 22 e 05); Sonata N.º 1, em Mi Bemol Maior, para alaúde e cravo (Bach); Julian Bream, alaúde; George Malcolm, cravo; No 2.º Intervalo (cerca das 23 e 20) — o violoncelista Pierre Fournier, acompanhado ao piano por Lamar Crowson; Adagio cantabile — Allegro vivo, da Sonata em Mi Maior (Fr. Francoeur); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TAP; 19 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Pádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

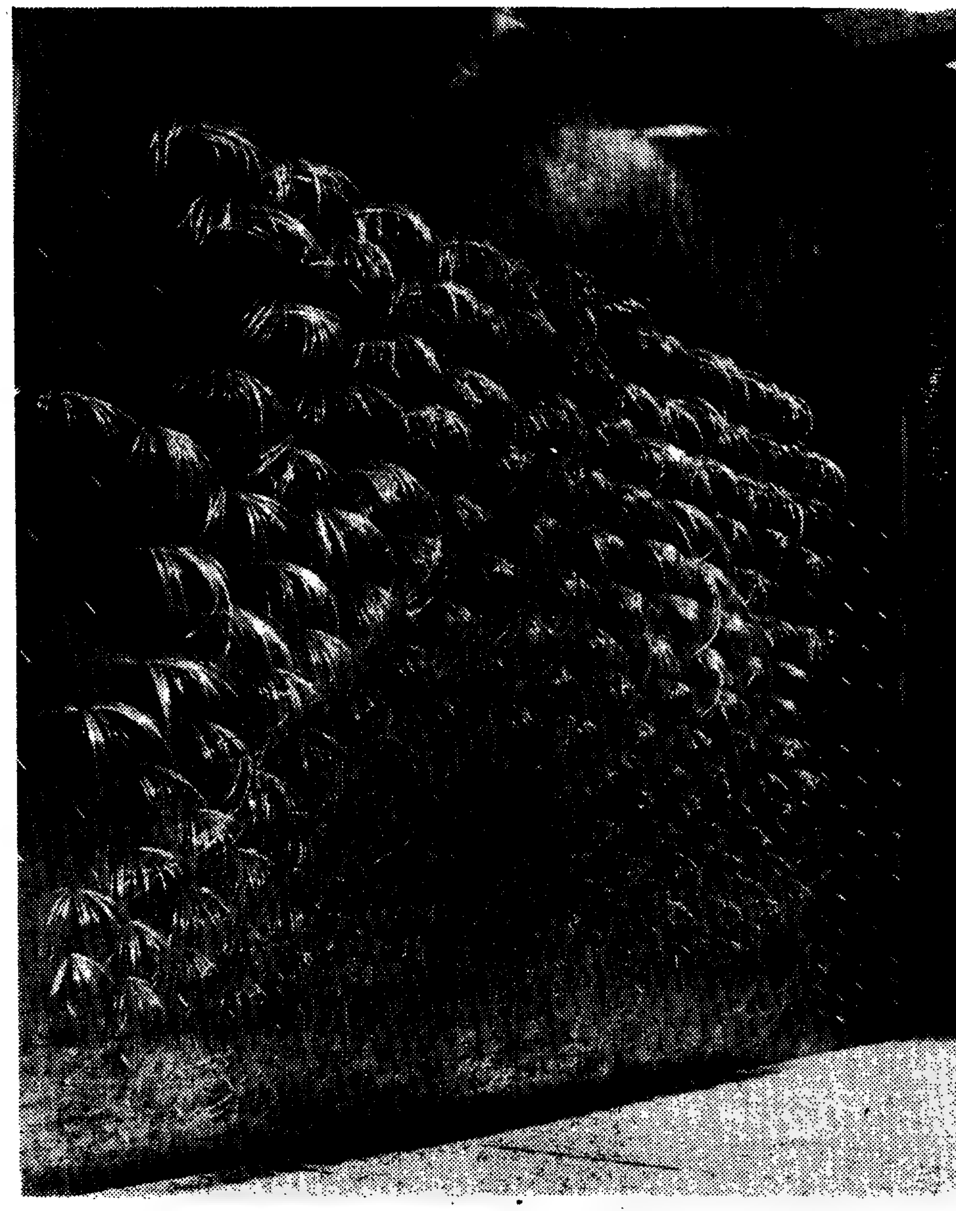
Modulação de frequência—97,4 mc/s.—Às 16: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Cantam Luís Aguillé e Maria Teresa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Uma Orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 2: Chamadas musicais; 21 e 30: Nova dimensão; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30



Solução para uma superfície lisa: este delicado conjunto escultórico de aço com a assinatura de Fernando Conduto

O novo edifício Philips

(Continuação da 20.ª página)

lia não é vã palavra, devemo-nos por igual ao passado, onde mergulham as raízes do trabalho realizado, e ao futuro, onde ele continuará a desentranhar-se em copiosa colheita de resultados».

Por seu turno, a oração do sr. eng.º Frederick Philips, manifesta o seu contentamento por ter podido assistir a um acto solene de tão profundo significado e acrescenta:

— «Depositários, os nossos países, das tradições, experiência e ideologia — que constituem a razão da importancia do bloco Ocidental da Europa, e que devem inspirar o papel que a esta cabe desempenhar no mundo de hoje —, os termos de colaboração para encontrar o justo equilíbrio no desenvolvimento das economias em que estamos integrados devem definir, para todos nós, o objectivo ao qual não se regateiam esforços, e que, dinamicamente, deve ser ajustado e adaptado continuamente ás circunstancias que determinam a conjuntura de um dado momento.

«Para o Concern Philips, a organização portuguesa, aqui bem como no Ultramar, é um membro muito importante dessa tão grande família que hoje aqui represento. Por isso, ao exprimir perante esta muito ilustre assembleia, o desejo de mais se fazer para o seu maior desenvolvimento, abrindo-lhe campos de actividade, especializando os seus técnicos, despertando fontes de investimento, fazendo-a assim crescer em prosperidade e dimensão, creio estar contribuindo para que muito se apertem os laços já fortes que unem o meu País a Portugal.»

ITÁLIA

A C. P. oferece condições vantajosas para o transporte de mercadorias de e para Itália ao abrigo de uma tarifa especial recentemente posta em vigor entre aquele país e Portugal.

Os nossos clientes poderão obter informações sobre esta tarifa dirigindo-se ao Serviço de Promoção do Tráfego da C. P. — Estação de Santa Apolónia.

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-ão os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento, realizar-se-á, também, nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente, um comboio especial, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) ás 23-55; paragem em Entroncamento e Coimbra-B, com ligação na Pampilhosa ás 4-45 para a linha da Beira Alta.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

EXCURSÃO DA C. P. URGEIRIÇA — VISEU — SERRRA DA ESTRELA 14 e 15 de Março

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 14 e 15 de Março, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa á Urgeiriça, Nelas, Viseu, Penhas Douradas, Manteigas, Nave de Santo António e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Urgeiriça.

Preço da excursão completa .... 620$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telef. 44602 - 536569

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão. Rua da Índia Portuguesa, 13.

Renascença Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Luz Soriano, 44 Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convido os senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, nas dependências desta sociedade sitas na Rua Castilho, n.º 185 — 2.º, em Lisboa, pelas 9 horas e 30 minutos do dia 30 do corrente, a fim de deliberarem sobre uma proposta de alteração dos estatutos da sociedade.

Lisboa, 9 de Março de 1970.

O presidente da Assembleia Geral
Paulo de Barros

CAMINHOS-DE-FERRO

LEILÃO

Em 30 de Março e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta pública, de todas ás remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 26 daquele mês, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

Interior de um dos oito escritórios paisagísticos da Ala Norte

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO, MONTAGEM E PROTECÇÃO DE 68 TERMOACUMULADORES ELÉCTRICOS

Conc. Público n.º 11/70/IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados das 9 ás 12.30 horas, no Serviço de Instalações e Equipamentos.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1970.

Pel'O ADMINISTRADOR

(a) **Jorge Sereno d'Almeida Ribeiro**

HORÁRIOS DOS COMBOIOS

Comunica-nos a C. P. que por motivo de renovação da via haverá pequenas alterações no horário de alguns comboios em circulação na linha do Norte, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento e em tranvias, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Azambuja, a partir do dia 9 de Março e até aviso em contrário.

O pormenor destas alterações consta dos avisos afixados nas estações onde poderão ser consultados pelo público interessado.

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
Os Sobrinhos do Zorro — POLITEAMA
Os duplos do crime — EDEN

POLITEAMA
(M. 6 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 21.30 — **ESTREIA**
Uma fabulosa paródia aos filmes do Far West
OS SOBRINHOS DO ZORRO
com **Franco Franchi** e **Ciccio Ingrassia**
Tecnicolor —— Tecniscope

HOJE, ás 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

AVIS
(M. 17 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Qualidade espectacular e nível de emoção!
A FÚRIA DO OURO
com **Van Helfin—Gilbert Roland — Klaus Kinski**
Technicolor — Techniscope

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
A VIÚVA DE OIRO
«Une Veuve en Or»
com **Michel Menin** e **Claude Rich**

QUINZENA WESTERN
Amanhã — M. 12 anos — 18.30
CAÇADORES DE ESCALPES,
de Sidney Pollack
com **Burt Lancaster, Shelley Winters, Telly Savalas** e **Ossie Davis**
Próx. Quinz.: **Moderno Cinema Francês** (início a 16)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30 18.30 e 21.45
17.ª SEMANA
DIVÓRCIO À ITALIANA
A espantosa comédia de Pietro Germi
com **Marcello Mastroiani**

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
CONFIDENCIALÍSSIMO
em 8.ª semana

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
ONDE ESTÁ O JACK?
A MINHA ÚLTIMA CONDESSA

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Às 17 e 21.30
CHARLY
com **Cliff Robertson** e **Claire Bloom**

SÃO JORGE
(M 17 anos) Telefs 54153/4
15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
A SEREIA DO MISSISSIPI
Um filme de **François Truffaut**
com **Jean-Paul Belmondo** e **Catherine Deneuve**

ODEON
(M 12 anos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª MÊS TRIUNFAL!
5.ª SEMANA DE ENCHENTES COM O FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva** e **Nicolau Breyner**

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um filme intransigente e denunciante!
JOGO SUJO
com **Michel Caine**
Technicolor — Panavision

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
2.ª SEMANA de êxito
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Geraldine Page e **Ruth Gordon**
Um filme que nos diz até onde pode ir o sadismo de uma mulher ..
A GOVERNANTA
Produção de **Robert Aldrich**
TECHNICOLOR

CONDES
(M. 17 anos) T. 522523-326710
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
9.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com **Nathalie Delon** e **Renaud Verley**
COLORIDO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Um filme gigante no espectacular «écran» de 70 mm
O OURO DE MCKENNA
com **Gregory Peck, Omar Shariff** e **Telly Savalas**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Hoje, ás 21.45 — **ESTREIA**
GINA LOLLOBRIGIDA em
OS DUPLOS DO CRIME

Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (M. 12 anos)
«OS 5 AVISOS DE SATANÁS» — Color-Scope

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
«Miss» ROSAMUND STACEY tem um bom emprego e uma filha... Que mais pode ela desejar?...
SANDY DENNIS em
MUITO OBRIGADA A TODOS

TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595
Às 3 da tarde (p. r.) **e 9.30 da noite**
4.ª SEMANA
DEBORAH KERR e **DAVID NIVEN**
numa comédia sensacional que reflecte todo o momento actual
SARILHOS CONJUGAIS

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª Semana — Uma obra-prima
A obra máxima de Carl Th. Dreyer
DIA DE CÓLERA

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um filme premiado pela Academia de Hollywood
A PRIMEIRA NOITE
O maior êxito da época cinematográfica presente!

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Uma das mais extraordinárias comédias do fabuloso
CANTINFLAS
— Em Eastmancolor —
O BOLEIRO DE RAQUEL
com **Mário Moreno**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma mulher em busca de si própria...
Ou talvez procurando o que não existe
CHOVE NO MEU CORAÇÃO
com **Shirley Knight, James Caan**

ALVALADE
As 15.45 e 21.45
Grande Prémio do Festival de San Sebastian
CHOVE NO MEU CORAÇÃO
com **Shirley Knight** e **James Caan**
Technicolor

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
Rod Steiger, Judy Geeson e **Claire Blom** num filme do mais absorvente interesse passional!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
Representante da Inglaterra no último Festival de Berlim

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
KRAKATOA A LESTE DE JAVA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Ronda» (17 anos)
VILLARET — Às 2 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (7 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 21: «Os cavaleiros mascarados» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «7 contra o Mundo» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Batalha para além das estrelas» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «A mão armada» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A perversa» (7 anos)
JARDIM — Às 21: «Frankenstein criou a mulher» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O Homem de Kiev» (7 anos).
PARIS — Às 21: «O Santo e a Vendetta» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «Diabòlicamente tua» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A Piscina» (7 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Tempo de Massacre» (7 anos).
IDEAL — Às 21 «Errando pelo caminho» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Ringo e o sua pistola de oiro» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Funny Girl» (17 anos)
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 15: «Os 3 Super-Homens em Tóquio» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Heróis de Cordura» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «A terra dos mil aventuras» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30 «Fechem-nos o sete chaves» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Zorro, o rebelde» e «Agarra que é general» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS-DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A pele de um malandro» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Caçadores de escalpes» e «Um tiro às escuras» (7 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — Às 21: «O perigo vem das mulheres» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Escândalo ao Sol» (17 anos)
OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21: «3 Histórias na praia» e «Texas adeus» (7 anos
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 2 e 30: «Charly» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A Forja» (7 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «O Diabo á solta» (17 anos)

NO TEATRO LAURA ALVES

«FORJA»
DE ALVES REDOL

No Teatro Laura Alves está em cena, presentemente, «Forja», de Alves Redol, peça que distingue o saudoso escritor como um dos maiores do nosso tempo.

Distinguida pelos jornalistas portugueses com o seu «Prémio de Imprensa» (conferido em função do seu altíssimo nível), a peça de Alves Redol está em 15.ª semana de lotações permanentemente esgotadas. No elenco figuram Carmen Dolores, Jacinto Ramos, Sinde Filipe, Guida Maria, António Montez, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e o jovem Alexandre Careto.

A encenação de «Forja» tem a assinatura de Jorge Listopad, enquanto que o fundo musical pertence a Francisco d'Orey. Esta noite, pelas 21 e 45, mais uma exibição de «Forja».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — **Lopes Ribeiro** Rua do Cruzeiro, 17 (633288) ✲ **Boa Hora**, Rua dos Quartéis 25-27 (637777)
ALVALADE — **Alvalade** Av do Igreja, 8-A (712070) ✲ **Gasperinho**, R Dr Gama Barros, 54-A (710465) ✲ **Ideal** Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✲ **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710137)
ALCANTARA — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — **Colonial**, R Forno do Tijolo, 40 (841122) ✲ **São José**, R dos Anjos, 41 (50730.
ALTO DO PINA—**Nobel**, R Actor Vale 53 (842152)
AREEIRO — **Vera Cruz**, P Afrânio Peixoto, 2-B (724941) ✲ **Onilda**, Avenida João XXI, 3-A (726848)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa** —Rua de Arroios, 215 (45079)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfirio**, R Franc Metrass, 59 (663349) ✲ **Ivone, Lda**, R Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R General Tabordo, 17 (680304).
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35, (780181)
CONDE DE REDONDO — **Seiutar**, R C Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — **Paivas & Parente**, R. de Santo António à Estrela, 96-98 (665196) ✲ **S. A. E. Silvas, Filhos**, Rua de S João da Mata, 74 (661010)
GRAÇA — **Arnaldi**, R das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — **Alameda**, A dos Ulmas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé**, Est do Desvio, lote 12-C (790704)
MARVILA — **Marvila**, R Direita de Marvila, 25 (381612)
AVENIDAS NOVAS — **Miranda**, C Pequeno, 36-B-C (770776) ✲ **Sagres**, Av Luis Bivar, 69-71 (47213) ✲ **Cardeira**, Av Duque de Ávila, 32-C (43495) ✲ **Cosmos**, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ **Universal**, Rua Actor Taborda, 5-7 ((44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romano**, Rua B-7, à Rua Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — **Centro Farmacêutico**, R. das Portas de St.º Antão, 88 (321211) ✲ **Unifa**, R do Vitória, 21 (323793).
BELÉM — **Ocidental**, R D Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256)
BENFICA — **Benfica**, Est de Benfica, 678-E (702532) ✲ **Sousa**, Est Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — **Neoterapia**, Campo Grande, 188. (774682).
MOURARIA — **Tavares**, R. do Palma, 194 (863350).
OLIVAIS (Sul) — **Higiene** — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4 (Lote 43 zona poente (3 0026 ✲ **São Paulo** — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide (Te 3 07 1)
PENHA DE FRANÇA — **Zional**, R. Moraes Soares, 56-C (847708).
PICHELEIRA — **Mariuz**, Calç da Picheleira 40-B-C (720708 e 728395)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — **Tenaro** — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo dos Moinhos). (611814)
S. BENTO — **S Mamede**, R da Esc Politécnica, 82-B (660280). ✲ **São Bento**, R dos Poiais de S Bento 13 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz**, R D Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ **Martins, Lda.**, R Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — **Varela**, Av Moscavide, 44 (251852O)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nifo** — Aven. Comb G Guerra, 64 (712070)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, —A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS—**Trindade Brás**—Rua Costa Pinto, 66 (Telefone 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (T 2430090).
PAREDE — **Brandão** — Av da Republica, 17-C (Tel 2471054)
ESTORIL — **S João** — S João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — **Lopes** — Rua Hangar, 3. (Tel. 2600088).
CASCAIS — **Misericórdia** — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 2801411); **Cascais** — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos** — Rua Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clabel** — R António Sardinha, 23-D (Tel 938551)
DAMAIA — **Confiança** — Est. Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — **André** — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950048); **Queluz** — Av Miguel Bombarda 123-A (Tel. 951641)
CACÉM — **Central** — Rua Elias Garcia, 55 (Tel 940084)
MEM MARTINS — **Química** — Est Mem Martins, 285 (T. 29001201).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes (Vila)**, Largo Rainha D. Amélia, 20 (Telefone 9801515).
COLARES — **Colares** — **Abreia** (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis 30 (Tel. 224020)
ALMADA — **Nuno Álvares** — Av D Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 (Telefone 22 43 02)
BARREIRO — **Pimenta** — R Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel 2273012)
COVA DA PIEDADE — **Rainha Santa**, Est das Barracas 50-A (Tel 2760182)
MOITA — **Silva Rocha** — P da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — **Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (Tel 230085).
SESIMBRA — **Lopes** — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — **Marques** — R Arronches Junqueiro (Telef 22783); **Bonfim** — Av Rodrigues Manitio, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja, 5 (Tel 221858O)

SERVIÇOS URGENTES

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, Idem e feriados, 382069.**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (Informative), 767777, 761176 e 763450.**
POLICIA e G. N. R. — **Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 866141 ✲ Judiciária 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.**
TRANSPORTES—**Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos de ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Roche, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 822222 Voluntários, 538524.**

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 16 anos)

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

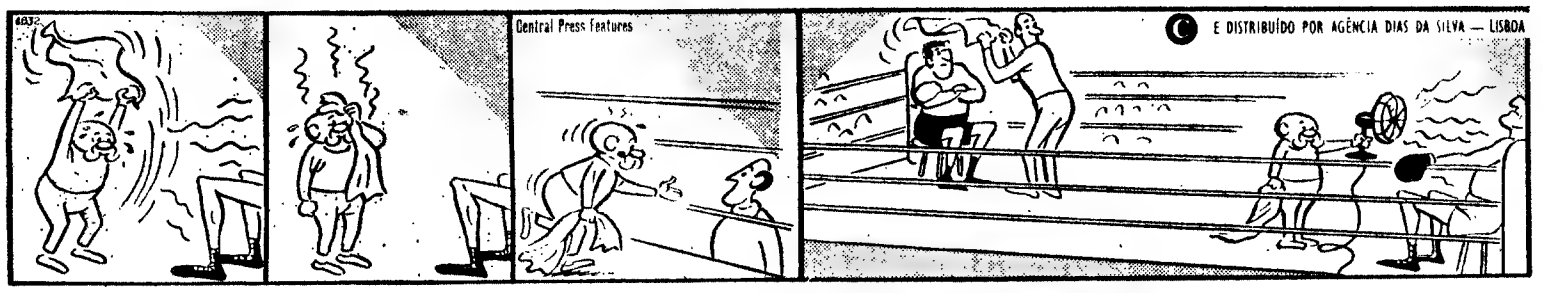
CHOCO-PAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts

Carol Day

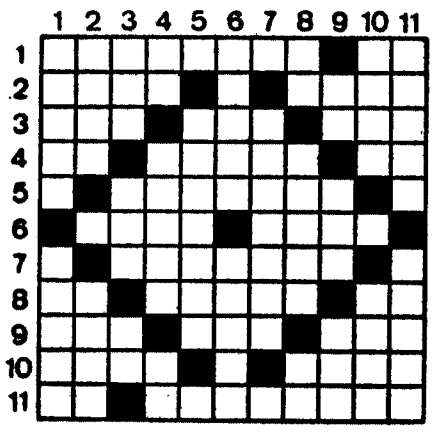
Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5472



HORIZONTAIS: 1 — Travara luta com, (item (abrev.). 2 — Aquele que. Base de um pedestal. 3 — Liguei. Pico dos Pirenéus. Oceano. 4 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos portifícios de interesse para Portugal. Atravessei. Caminhar. 5 — Ser nifador, bmigão (diz-se do cavalo). 6 — Rei dos Amaleçitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Mau. 7 — Aflige. 8 — Artigo definido. Acomete. Utensílio doméstico. 9 — Antémia. Olé. Uma das Cíclades. 10 — Guarda segredo. Faças doação de. 11 — Preposição e artigo definido. Aprova.

VERTICAIS: 1 — Do lado de cá. Suja. 2 — Calosidade. Vento quente e abafadiço que sopra do sul. 3 — Monarca. Nome de letra. O mais. 4 — Amónio (s. q.). Urde. Antes de Cristo. 5 — Gastar tudo em comes e bebes (Prov. transm.). 6 — Estive unido por adenência. Cidade da Suécia. 7 — Amua (Bras.). 8 — Artigo definido. Peixe do Brasil de olhos pretos. Preposição. 9 — Ribeira da Ásia Russa. Esteiro. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 10 — Enguei. Poético (abrev.). 11 — Freguesia do concelho de Amares. Passaporte.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5471

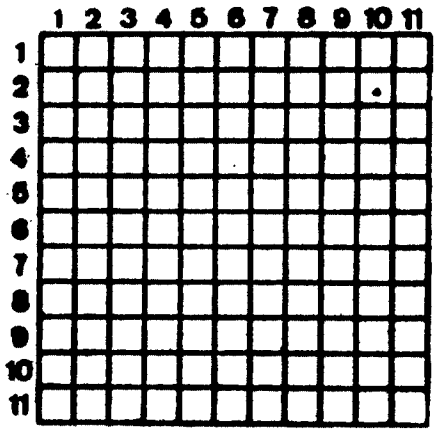
HORIZONTAIS: 1 — Atafa. Catem. 2 — PELA. BOCA. 3 — Ali. Arm. Pôs. 4 — Gávea. Áreas. 5 — Asara. Caira. 7 — Pelar. MORRE. 8 — Elisa. Usais. 9 — Ivã. Sós. Tás. 10 — Xaia. O. Sane. 11 — Essas. Peras.

VERTICAIS: 1 — Apaga. PEIXE. 2 — Telas. Elvas. 3 — Olliva. Liais. 4 — Lá. Ervas. Aa. 5 — AAA. Ras. 6 — Ur. Oá. 7 — Mac. Mus. 8 — Ab. Raios. Se. 9 — Tapet. Ratar. 10 — Ecoar. Riana. 11 — Massa. Esses.

Provérbio: PELA BOCA MORRE O PEIXE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9315



HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede de concelho (Lisboa). Vila e sede de concelho (Santarém) 2 — Base aérea portuguesa. Triture. Acrescentei 3 — Estrépito de desmoronamento Natureza. Érbio (s. q.). 4 — Educai. Dá cor de anil a. 5 — Gorgulhos tropicais. Curam 7 — Cantigas. Poeta brasileiro. 8 — Árvore da América. Calçai. 9 — Batráquio. Queimava. Grama (abrev.). 10 — Czar da Russia cognominado o «Terrível». Escudeiro. Rio de Portugal 11 — Ilha situada no Pequeno Belt. Tempo do verbo ser.

VERTICAIS: 1 — Peixe do rio Minho. Nome de mulher. 2 — Tolero. Rezava 3 — Nota musical. Encolerizada. Viração. 4 — Animal doméstico. Bebida usada nas Índias orientais. 5 — Gostais muito de. Nome de mulher. 6 — Artigo definido. Distrito da India Portuguesa. 7 — Bosques. Suco que se extrai de algumas papoilas. 8 — Mulher de baixa estatura. Liga. 9 — Aqui. Manas. Compaixão 10 — Mulher que compra e vende roupas usadas. Faltai 11 — Entontecem. Naipe das cartas de jogar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9314

HORIZONTAIS: 1 — Acaba. Capas. 2 — Tarar. Atiago. 3 — Ob. Ir. 4 — Arc. Mar. Era. 5 — Rirria. Urrar. 6 — Leme. Aaro. 7 — Rosário. 8 — Or. Fi. 9 — Faval. Arear. 10 — Amara. Calmo. 11 — Solar. Ameal.

VERTICAIS: 1 — Atoar. Safás. 2 — Cabril. Ramo. 3 — Ar. Crer. Val. 4 — Bar. Imolara. 5 — Ar. Mães. Lar. 6 — Pó. Au. 7 — Oá. Ruar. Aca. 8 — Ale. Raiaram. 9 — Pá. Erra. Ele. 10 — Agirão. Fama. 11 — Sarar. Elrol.

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara.

19. 2.º Esq. — Telef 32 06 60

Dr Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr A. Pita Negrão — Clín. cir. ur. — Operações — 3.ª 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gin. Nas. e Ouv — 14 h.
Dr Ferreira Malaquias — Estom. Intest. Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 19 h
Dr Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr Freitas de Sousa — Doen. Reumát — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h.
Dr Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª 5.ª e sáb. — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª 18.30 h., Sáb. 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Março de 1940 publicava:

«O «Jour» afirma:

«Nos termos do artigo 16.º do Pacto, os membros da S.D.N. tomam todas as disposições necessárias para facilitar a passagem, através dos seus territórios, das forças de todos os membros daquela Sociedade que participam na acção comum para fazer respeitar os compromissos da S.D.N. O Pacto impõe á Suécia e á Noruega o dever de facilitarem o acesso aos seus territórios de forças que socorram a nação agredida.»

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 750$00 — 850$00 no caso de não terem vagas nas camaratas — com direito a reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre 18 e 34 anos.

Resposta a este jornal ao n.º 449

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, Dt.º — Telef. 40049 - 563751. Aguardo sua visita e telefonema.

A todas as indústrias ou empresas interessadas em colocar as suas encomendas de metalurgia em regime de sub-contratos,

OFERECEMOS:

a nossa colaboração para as seguintes máquinas:

TORNOS ATÉ 3 METROS ENTREPONTOS, FREZADORAS VERTICAIS, FREZADORAS UNIVERSAIS, MÁQUINAS DE FURAR RADIAIS, MÁQUINAS DE RECTIFICAR PLANAS E CILÍNDRICAS, PANTÓGRAFOS, MANDRILADORAS, FREZADORAS COPIADORAS, AFIAMENTOS DE FERRAMENTAS EM MÁQUINAS ESPECIAIS PARA ESTE FIM

«SOMATEX»

Rua Augusto Gil, 108 — PORTO — Telef. 65158/59/50

Secções de METALURGIA — CROMAGEM DURA E PLÁSTICOS

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Por motivo dos trabalhos de **renovação da via**, previnem-se os Srs. Militares de que, **a partir do dia 13 de Março de 1970 e até aviso em contrário**, é alterado o horário dos comboios abaixo indicados:

Estações	6.as feiras	Sábados (A)
LISBOA (Santa Apolónia)	18-35 h.	14-17 h.
Braço de Prata	—	14-34
Moscavide	18-43	14-43
Sacavém	18-47	14-45
Vila Franca de Xira	19-06	15-01
Setil	19-48	15-35
Santarém	20-03	15-49
Entroncamento	20-26	16-14
Pombal	21-12	17-15
Alfarelos	21-32	17-41
Coimbra-B	21-47	17-59
Pampilhosa	21-59	18-11
Mogofores	22-09	18-22
Aveiro	22-29	18-42
Cacia	22-36	—
Estarreja	22-44	18-55
Avanca	23-02	—
Ovar	23-08	19-06
Esmoriz	23-19	—
Espinho	23-24	19-20
Granja	23-29	—
Valadares	23-35	—
Gaia	23-40	19-33
PORTO (Campanhã)	23-49	19-42

(A) — Só tem ligação em PORTO (Campanhã) para as estações e apeadeiros entre esta estação e as de BRAGA e MARCO.

LEITURA PSICANALÍTICA DE «A RELÍQUIA»

por Pedro Luzes

TRÊS AUTORES (Sttau Monteiro, Artur Ramos, João Abel Manta) acabam de juntar os seus talentos ao de Eça de Queiroz para fazer reviver no palco um dos seus romances mais característicos — «A Relíquia».

Ao assistir à representação de «A Relíquia» no Teatro Maria Matos, constata-se que a sedução das obras de Eça de Queiroz subsiste inalterada. A explicação mais plausível para esta atracção é que a obra de Eça toca algumas das molas reais do nosso espírito, daquelas que habitualmente são estudadas pela Psicanálise. De outro modo não seria de esperar que a descrição dos costumes correntes por volta de 1880, por mais espirituosa que seja, ainda pudesse continuar a interessar-nos em 1970, passado, portanto, quase um século.

Seria importante descrever o conjunto das razões que explicam, do ponto de vista psicanalítico, o agrado persistente que mantemos pela obra de Eça. Procurarei, mais tarde, dedicar a este assunto um estudo mais detalhado. Por agora limitar-me-ei a algumas observações preliminares sobre «A Relíquia».

O tema principal de «A Relíquia» é a sátira de uma certa forma de *devoção*, criadora de falsas ideias e de sentimentos erróneos. De acordo com uma teologia e um sistema religioso interpretados anacrònicamente, uma beata rica, a *Titi*, e as pessoas que a rodeiam, procuram criar uma espécie de Inquisição. Pretendem, por uma vigilância constante, tornar impossível o pensamento livre em matéria religiosa ou moral, e — o que é ainda mais grave — separar aquilo que, normalmente, está unido: o espírito e o corpo. Ao tentar emancipar o espírito do seu invólucro carnal, promovem autoritàriamente um ascetismo doentio.

Se o espírito e o corpo estão separados, os dois sexos também não devem aproximar-se, segundo a *Titi*, para qualquer fim que seja. A *Titi* não tolera diante dela menção de histórias de amor, reais ou lidas nas gazetas. A dança entre um homem e uma mulher, «um botão de rosa oferecido na ponta dos dedos», outras alegrias ainda mais cândidas «parecem-lhe perversas, cheias de sujidade». Desse moralismo vêm a sofrer as pessoas que rodeiam a *Titi*. Em casa só admite criadas, não quer criados — «não quer ver nos corredores saias a roçar com calças». As criadas, apesar de maduras ou idosas, têm os seus baús e, até, a palha dos enxergões, constantemente revistados, «para ver se descobre retrato de homem, carta de homem». Um parente, como Xavier, tuberculoso e em extrema pobreza, também não recebe qualquer esmola, pois vivia com uma espanhola («que se aguente... é o que sucede a quem se mete com bêbados»). Mas a vítima preferida é o seu sobrinho e pupilo Teodorico. Considera-se a *Titi* na obrigação de fazer guardar castidade ao sobrinho. Este, no entanto, apesar da perseguição que lhe é movida, vai conseguindo manter em relação aos assuntos amorosos, uma atitude sã.

A clivagem do corpo e do espírito e a influência das educações repressivas foi um tema que sempre interessou os psicanalistas. Corresponde a certos mecanismos descritos por Freud com o nome de luta obsessiva contra a sexualidade, recalcamento, degradação da vida amorosa, etc. Vemos o requinte psicológico de Eça através da exactidão com que descreve estes mecanismos ao nível de uma narração concreta. Quase se poderia dizer que Eça tinha lido as obras que Freud... ainda não escrevera.

2

Mas «A Relíquia» não é uma crítica visando apenas o fanatismo religioso. Desse modo não se compreenderia que conservasse toda a actualidade que nela encontramos, nesta época em que as superstições e os escrúpulos obsessivos se encontram mais afastados das crenças religiosas. Para além da crítica ao fanatismo religioso, encontramos em «A Relíquia» uma revolta contra todas as inquisições, contra todos os fanatismos, sejam eles políticos ou éticos. A *Titi* não é apenas um símbolo da religiosidade tirânica. É essencialmente, uma personalidade autoritária, semelhante a todos aqueles que, arrastando os argumentos de razão procuram obter a convicção dos outros através de argumentos de força. A *Titi* pertence à raça dos apóstolos obstinados, dos conquistadores que procuram converter os inimigos ou os indiferentes, se necessário for pela violência.

Eça: sob a lupa da psicanálise

A *Titi* fez virtude da necessidade. A sua ética incorruptível é resultado apenas da sua fealdade. Na época da juventude, quando a irmã Rosa ouvia o futuro pai de Teodorico «ferir os bordões do violão e dizer as tristezas do Conde de Ordonho», a jovem Patrocínio já usava óculos escuros e rezava o terço. Quando, aos 7 anos, o sobrinho pela primeira vez a contempla, ela é «uma senhora alta, de carão chupado e esverdeado, vestida de preto, com um grilhão de ouro no peito».

A *Titi* não é uma fraca mulher que se refugia na religião para amparo do seu espírito magoado. Tem qualidades viris de energia e força. Basta, para nos convencermos disso, considerar a prontidão com que escorraça Teodorico ao descobrir as «laxações» a que se entregara na Terra Santa e o escárnio póstumo de lhe legar um óculo no testamento. A *Titi* é uma força da natureza, um pilar da Sociedade, mas sem qualquer qualidade feminina ou maternal.

3

Eça enfraquece a sua crítica do dogmatismo e das superstições confiando-a a um crítico pouco digno de confiança — Teodorico, o Raposão.

Cont. na pág. 6

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Realismo e neo-realismo

por. António Cabral

É O LIVRO de Nuno Teixeira Neves, «Introdução a um Realismo Difícil», que me sugere o tema em epígrafe e, de imediato, alguns comentários que vou ordenar segundo o que penso ser uma necessidade decorrente de algumas intenções e tensões mais ou menos nitidamente expressas. Não quer isto dizer que tal livro se possa esgotar neste assunto nem mesmo que ele seja o de mais peso ou significado: a alegoria como expressão do pensamento crítico, as relações entre a ética e a estética, vícios dos nossos debates e cenáculos literários, entre outros, proporcionariam desenvolvimentos igualmente oportunos; opto, no entanto, por este, em virtude de ele se prender com um dos problemas críticos que mais me têm assediado — o de saber o que seja e o que não seja o realismo.

Assim como os que desdenham do realismo e os que, aparentemente, não desdenhando, ousam atribuir-lhe um sentido tal que o subverte, se socorrem com frequência de Roland Barthes e outros teóricos estruturalistas, geralmente de origem francesa, eu poderia sem mais apoiar-me num texto lapidar de Lukacs, Fischer, Astúrias, M. Sacramento, F. Namora, Morawski, A. P. Torres, etc. e daí, após a elaboração cuidada duma fórmula, marchar para o prometido comentário a N. T. Neves. Não o farei por agora. Declaro-me simplesmente interessado pelas correntes realistas da arte e quero deixar bem claro o meu conceito de realismo: apreensão interpretativa e comunicante dos problemas imediatos que a realidade suscita. Posição muito diferente, claro, do «réalisme sans rivages» de Garaudy. Com a ideia de interpretação quero evitar a confusão com o naturalismo que, diga-se de passagem, nas obras que lhe submetem não me parece corresponder bem ao que dele se tem dito; com a de comunicação não reconheço categoria realista às obras que *realmente* não comunicam com o leitor (tenho consciência de ir *perigosamente* mais longe do que Morawski); com a de problemas imediatos pretendo referir os que se relacionam com necessidades sociais e individuais concretas, sem mergulhar em problemáticas existenciais ou metafísicas, por mais concretas que elas sejam também. Por outras palavras: o primado da objectividade, a situação temporal e espacial, a confrontação sujeito-objecto, o desejo de comunicar com o leitor e interferir nos seus problemas imediatos — eis como eu entendo o realismo, aquele de que, há bem pouco tempo, nos falaram Astúrias e J. Ruiz Peña, em entrevistas a diários portugueses. O que me parece mesmo mais importante é a lucidez do sujeito perante o objectivo, deduzindo-se daí a necessidade de obstar ao confusionismo romântico-idealista dos absolutos e a de banir a desgraça que representa um sistema de signos auto-suficiente que se serve da realidade objectiva como simples trampolim ou meio de justificar acrobacias verbais ou o «puro engenho artesanal», para empregar a expressão com que João Gaspar Simões atinge os poetas da estirpe de um

Nuno Teixeira Neves: em foco

Cont. na pág. 2

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO
N.º 603
12 • MARÇO • 1970

C. C. U. L. — Um novo ciclo

O Cine-Clube Universitário de Lisboa iniciou na passada quarta-feira, dia 4, o ciclo denominado «O que é o cinema de esquerda».

Para apresentação deste ciclo o C. C. U. L. divulgou o seguinte texto:

«Embora formulado em termos vagos, e sobretudo fundamentada em análises criticamente vazias de um método correcto, entre o publico frequentador das sessões clássicas, dos «estudios», dos cineclubes (o qual se contrapõe a si próprio á massa dos espectadores do cinema a que chama «comercial»), entre este publico, diziamos, desenvolveu-se a noção mais ou menos elementar e matizada de que se exibe entr nós um dito «cinema de esquerda», de proveniência sobretudo europeia (mas não só) o qual por ser «cinema de jese». Isto é, com «conteudo» se distingue do «outro» cinema que o «publico» vê e aplaude.

Na medida em que não existe uma cultura cinematográfica criticamente fundamentada, esta noção é extremamente flutuante e baseia-se na crítica dos jornais diários (também tida como de «esquerda») e nos seus quadros valorativos (de 1 a 5), baseia-se ainda no critério dos organizadores das sessões clássicas, dos «dirigentes» cineclubistas, assim como na própria leitura dos filmes feita ao nível do argumento, e com auxílio do «nome» do realizador (ex.: um filme de Antonioni «é», ipso facto, um filme de «esquerda»).

Daqui resulta que essa inexistente cultura cinematográfica aliada ao menosprezo da análise das condições objectivas em que o cinema é produzido e comercializado, originaram frequentemente uma incapacidade crítica perante monstruosas mistificações ideológicas destinadas a alimentar os apetites «revolucionaristas» de raiz pequeno-burguesa latentes em grande parte desse publico.

É esta uma das razões porque o cineclubismo tem um papel de relevo a desempenhar e por isso que o Cine Clube Universitário de Lisboa decidiu organizar um ciclo sobre o assunto.

Não se trata de estabelecer uma espécie de certificado de garantia em relação a certos filmes, e a empacotar os restantes como mercadoria mistificatória. Trata-se sobretudo de proceder a uma análise tanto quanto possível profunda e fundamentada das estruturas económicas em que os filmes são produzidos e consumidos, e concluir pela definição de um método que nos possibilite uma crítica correcta.

Uma das questões mais importantes é o facto de um filme como «obra-de-arte» e não como objecto cultural determinado socialmente. Na realidade é necessário ter presente toda uma estrutura de produção, distribuição e exibição na qual se integram necessáriamente todos os filmes. Tal como todo o produto do trabalho humano, e o próprio trabalho, também as obras de arte e consequentemente o cinema constituem mercadoria e como tal existem no funcionamento do sistema capitalista. Por outras palavras, todos os filmes são comerciais, isto é, objectos de comércio. Contudo, além de mercadoria o cinema é também uma forma de cultura, um meio de comunicação de massa, possuindo, portanto, um conteudo ideológico determinado. No funcionamento do capitalismo enquanto sistema, o cinema (e outras formas de expressão do pensamento) exerce portanto uma dupla função, e a classe dominante, possuidora da chave de funcionamento do sistema (os meios de produção) utiliza-o por um lado como mercadoria, isto é, como objecto de lucro, e por outro lado como forma de condicionamento de consciências e mentalidades, isto é, como expressão da ideologia dominante que é a sua.

Nesta perspectiva verificamos pois que a estrutura de mercado que possibilita a produção, distribuição e exibição de um filme se encontra ao serviço da classe dominante. Assim, torna-se difícil definir o conceito de que prèviamente tinhamos constatado a existência: o de um «cinema de esquerda». Se considerarmos como «esquerda» a expressão política da classe dominada a qual não possui os meios de produção e difusão do cinema, não se afigura *aparentemente* possível a existência de um cinema que seja a expressão dessa classe.

Contudo, é um facto de que o cinema de «esquerda» *existe* (embora suas fronteiras estejam consideràvelmente alargadas pela demagogia da distribuição e pela incapacidade crítica do publico). *É a análise desta aparente contradição que constitui o objectivo fundamental do ciclo.*

Interessa ainda frisar que os filmes que apresentamos não trazem implícita uma receita de cinema de esquerda válido (o verdadeiro, o legítimo...). Constituem apenas exemplos a vários níveis dessa noção vaga e incriticamente fundamentada que pretendemos justamente tornar clara e correctamente formulada em termos de perspectivação do fenómeno cinematográfico no seio da sociedade capitalista.»

O CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JCM	JVP	LA	MML	SS	VST
Jogo Sujo (André de Toth)	—	—	—	3	—	—	3	2	—	2
Chove no Meu Coração (F. F. Coppola)	3	—	—	1	—	—	1	1	—	—
Assalto à Cidade (Alain Cavalier)	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
A Governanta (Lee Katzin)	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	—	0	—	0	0	—	0	0	—	0
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall)	2	—	2	—	2	—	3	2	2	—
Dia de Cólera (Carl Th. Dreyer)	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4
Aquele Dia Frio no Parque (R Altman)	—	—	—	(*)	—	(*)	(*)	(*)	—	(*)
As Mulheres (Jean Aurel)	—	—	—	0	0	—	0	0	0	—
Os 5 Avisos de Satanás (J. L. Merino)	—	—	—	—	—	—	0	0	—	—
A Sereia do Mississipi (F. Truffaut) ...	2	5	—	4	5	—	4	2	3	4
A Lição Particular (Michel Boisrond) ...	0	—	—	1	—	1	1	1	—	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (**Adelino Cardoso,** Rádio e Televisão); APV (**António Pedro Vasconcelos,** Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes,** ABC Cine Clube de Lisboa); EG (**Eduardo Geada,** A Capital); JCM (**João César Monteiro,** O Tempo e o Modo e D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (**Lauro António,** D. L. e programa «PIX»); MML (**Manuel Machado da Luz,** Seara Nova e D. L.; SS (**Seixas Santos,** Diário Popular e VST (**Vítor Silva Tavares,** D. L.).

(*) Declara que só viu o filme em Lisboa e recusa-se a dar classificação

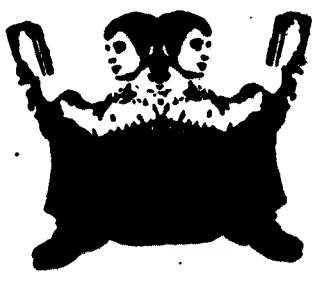
Realismo e neo-realismo

Cont. da pág. 1

Ramos Rosa. Depois há as inevitáveis variantes que originam o que se tem convencionado chamar realismo social, realismo crítico, neo-realismo.

Ora sobre o neo-realismo me parece haver algo de importante, desde lá, a acertar e donde posso partir para o comentário ao livro de N. T. Neves. O neo-realismo não é (nunca foi uma forma literária, um estilo (sentido restrito) como o parnasiano, o simbolista, o futurista, o sorrealista, por mais que tenha recorrido a expressões directas e diáfanas, frequentemente organizadas dentro e a par da poesia mais popular como o romance e as diferentes combinações da redondilha. Há que distinguir entre estilo neo-realista e estilo de informação neo-realista, como propõe Mário Sacramento. O neo-realismo português foi e é essencialmente um método característico de expressão crítica da realidade portuguesa. Caracterizaram-no e caracterizam-no, quando ele é mais puro, além do sentido crítico, a clareza das intenções, o processo de desmistificação directa e imediata, o que implica um desassombro, uma lógica, uma coerência que não pactuam com a simbólica circular, com a «féerie» verbal, com os enredos metafísicos, por muito que os símbolos obscuros, os jogos de palavras e as prospecções metafísicas valham (quem o contesta?) em outros casos. É evidente que nenhum autor foi ou é um neo-realista puro: o neo-realismo é um corpo de princípios e tendências constituído «a posteriori»; funciona naturalmente como ideário (metodológico) e, daí, como abstracção elaborada sobre as diferentes concretizações individuais. Pretender que Manuel da Fonseca ou Manuel Alegre fossem integralmente e só o neo-realismo equivaleria à exigência de que este jornal não fosse mais que a ideia de jornal.

Que nos diz N. T. Neves a este respeito? «O drama maior da inteligência portuguesa — o ensimesmamento oriundo da inviabilidade de chegar ao povo» — é um texto de Joel Serrão que ele perfilha e ao qual faz seguir, algumas linhas depois, estas palavras: «São muitos, porém, os que concordam, em teoria, com palavras deste jeito, mas continuam pràticamente a ruminar a sua literaturinha, os seus pequenos vícios intelectuais de escravos passivos das palavras, de onanistas do Verbo, e a viver, mais pela imaginação espevitada mas pouco esforçável que pelo propósito activo e adaptador, no seio não traduzido das problemáticas literárias e artísticas de outros países mais adiantados, como se lá morassem, como se se tivessem instalado, até aos mais miúdos pormenores, em semelhantes experiências, tenteios, polémicas e criações.» E pouco depois: «E a literatura e a arte são jogos deliciosamente doces, mesmo quando acidulados pela pontinha amarga da angústia, aliás uma angústia cerebralizada e quase sem espoleta para naufrágios e reencontros».



Só a um olhar desatento é que estes excertos se apresentam algo despropositados. N. T. Neves não fala do neo-realismo mas arrepia as suas coordenadas essenciais: a necessidade de chegar ao povo, de evitar o formalismo verbalista e de não pautar as nossas produções pelas problemáticas artísticas de países mais adiantados (como se lá morássemos...). Mas, antes umas páginas, N. T. Neves, sob a legenda «venham flechas mas baba não», descobre a sua ira (raramente indomada, segundo as linhas da sua ética pessoal, tão repassada de ironia), contra os que exibem «a sua incompreensão perante movimentos e dramas e inquietações, como, por exemplo, o neo-realismo português, alvo sobre que projectam de preferência suas raivas, impotências ou remorsos». «Alto lá, confusa vilanagem» — grita em seguida.

É N. T. Neves um neo-realista ou simplesmente um realista, no sentido aí-rás expresso? Não se pode concluir tal, até porque ele, recusando as «divisas militantes», se instala conscientemente no «terreno da ética» («é uma velha obsessão minha») e escreve «para exaltar a leitura». Seja como for, aqui o terreno da ética é amplo e fértil, prestando-se não só ao tempero da vara justiceira, mas ainda à revelação da calculada árvore da sabedoria crítica, como acontece no pequeno capítulo «Por um realismo de margens dialécticas», que é afinal o que mais me prendeu a atenção, pelos motivos inicialmente referidos. Mesmo aí o jeito moralista condiciona a reflexão, erguendo a sua curiosa teoria em nome do diálogo que é «drama, não um confronto de caracteres, qualidades, nem uma permuta delas».

N. T. Neves entende que as correntes estéticas, os modos literários devem enfrentar-se dramàticamente, de maneira a haver interacção, contradição mútua; assim cada momento de oposição tornar-se-á fecundo, promovendo o aparecimento de uma nova forma que os suplante. É uma atitude radicada na visão dialéctica das coisas e dos factos. Ora por esta ordem de ideias nenhuma forma literária poderá arvorar-se em definitiva, a menos que, contra a lógica da história, insista em não reconhecer a sua própria decrepitude. É uma ideia que, embora fora dos intuitos de N. T. Neves, não deixa de agradar aos mentores do chamado neo-barroquismo e de outros neo-realistófobos que, sem mais aquelas, consideram que «a história do neo-realismo português está hoje terminada apesar mesmo de alguns lúcidos esforços teonizadores». Esta observação faz parte dum interessante estudo crítico de Nelson de Matos, aparecido num diário nortenho e que continua nestes termos: «Mas está encerrada não porque lhe ditassem a morte, mas sim porque a nova situação cultural o não exige, apesar de que a situação histórica ainda *talvez* o justificasse». Chamo a atenção para o *talvez* que eu próprio sublinhei e lembro que o neo-realismo é um método, não uma forma ou estilo. Parece-me que N. T. Neves não pressupõe esta distinção, quando fala do seu «realismo de margens dialécticas» ou «fronteiras móveis» — «não móveis por se mudarem de sítio, de limite, mas porque os limites se tornam funcionais, momentos dialécticos; e, para lá disso, em nada mais são nítidos». É uma oportunissima reacção contra Garaudy («um senhor lá de França») que lhe desperta este conceito de realismo mais claramente expresso no comentário que vou transcrever: «a Kafka, (por exemplo) só lhe ficam duas opções — ser ou não realista —, a qualquer obra, o mesmo: o senhor não lhes dá tempo (anos) para recusarem-se à sê-lo em jogo dialéctico com os que o vão sendo, para depois o ir sendo, também dialècticamente, em jogo com aqueles que já vão deixando de o ser». E mais adiante: «sem a experiência do *caos*, do *abismo*, do *nada*, não haveria arte renovada e renovadora».

É-me difícil saber, com nitidez, em que consiste verdadeiramente este «realismo de fronteiras móveis». É que o «jogo dialéctico», como «a experiência do *caos*», anulam de pronto o sentido da tese «por um realismo...». De resto, no que se refere ao neo-realismo, se ele é mais um método que um estilo (sentido restrito, insisto) não vejo por que, enquanto a situação histórica, que o justifica, permanece, ele há-de sofrer o impacto dialéctico doutro método, a não ser no sentido de uma abertura para uma dimensão antes desconhecida ou, sob pressão das circunstâncias, adiada.

ANTÓNIO CABRAL

ELSA TRIOLET
O PRIMEIRO RASGÃO CUSTA 200 FRANCOS
Quatro novelas que são outros tantos testemunhos de quanto vale a coragem e o espírito franceses perante a adversidade
Um lançamento de
EDITORA ULISSEIA
R. da Misericórdia, 137-1.º — LISBOA

A PINTURA QUE SE FAZ

por Rocha de Sousa

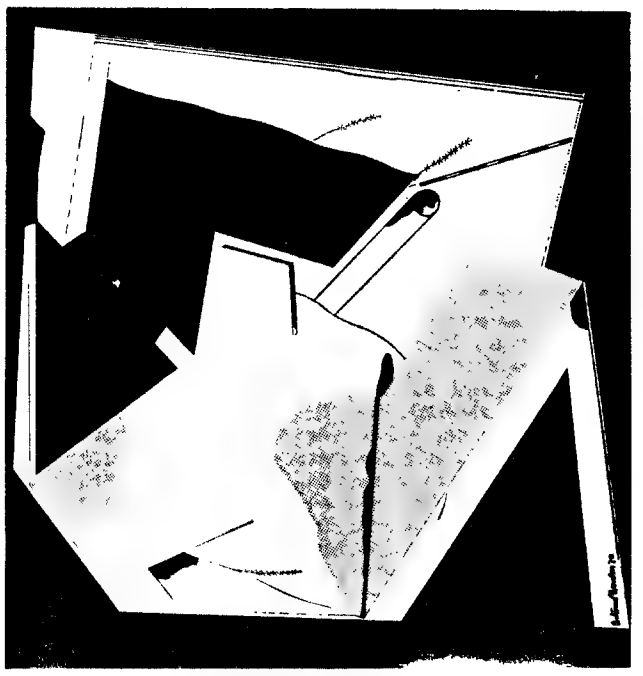
ANTÓNIO MENDES
Galeria de Arte Moderna

INTEGRANDO na sua actividade nomes ligados aos quadros da jovem pintura em Portugal, e revelando personalidades muito diferenciadas mas significativas no contexto em referência, a Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes apresentou recentemente um equilibrado conjunto de pinturas de António Mendes, autor ainda aluno da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (4.º ano do Curso Geral de Pintura) e dono de um breve curriculum no plano das exposições colectivas, das quais se podem salientar o V Salão de Arte Moderna e a Bienal Luso-Espanhola dos artistas ligados às artes gráficas e à publicidade.

ROMPIMENTO GEOGRÁFICO

Não se pode percorrer o olhar por esta exposição sem se verificar, com algum espanto, a capacidade de assimilação que os artistas mais novos demonstram em ordem aos problemas da revolução plástica contemporânea e dentro de um esquema que nitidamente se afasta do apelo regional, quer se considerem as virtudes ou as desvantagens dessa circunstância. É cada vez mais nítido um fenómeno de internacionalização dos dados essenciais da problemática de ordem plástica, ao abrigo de uma vertiginosa circulação das informações e em sobreposição ás características particulares das culturas que se identificam no mundo ocidenta Esta realidade, que se pode apreciar como históricamente irreversível, é por vezes entendida como impedimento negativo à afirmação das ressonâncias locais, mergulhadas ou não numa tradição fecunda, eventualmente vinculadas à expressão viva e comprometida da comunidade, da sua forma de existir e das suas esperanças. O ajustamento dos dois planos assim considerados só em certas latitudes se tem conseguido sem se perderem de vista as condições de afirmação de uma modernidade inadiável, que se corresponde com a mudança de visão operada dentro das respectivas transformações sociais no mundo contemporâneo. Em Portugal é evidente que não se pode falar de tal encontro (considerando o caso da pintura), primeiro porque nos falta uma experiência cultural justificada no tempo e mas aqqisições anteriores; depois porque subdesenvolvidamente nos deixamos colonizar em excesso pelas propostas criadoras do exterior, na sua maior medida decorrentes de uma outra visão, e portanto de um outro contexto socio-cultural.

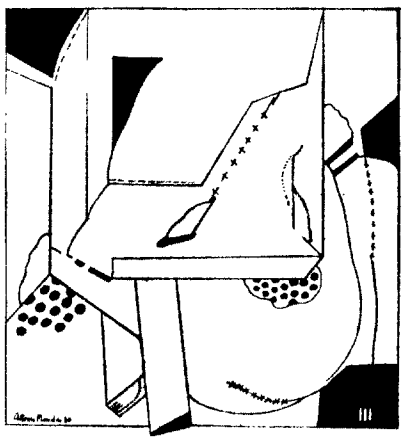
O caso de António Mendes tem de ser apreciado nessa contingência, como de resto o da maioria dos autores portugueses actuais, e é por consequência nessa extensão que o vemos com o apreço que lhe é devido, porquanto se realiza com surpreendente maturidade e com uma uma fresca desenvoltura na utilização dos meios de que se socorre.



UM AUTOR PARA CONSIDERAR

Do ponto de vista da unidade de critério, que lhe dá o aspecto de se corresponder com um tempo de criação precioso, a exposição de António Mendes é impecável. Toda ela e uma longa sequência de acontecimentos (de formas) que se conjuga pela presença de suportes muito definidos quanto à sua tensão cromática de base e às suas dimensões. Trabalhando com aparente velocidade de facto suposta ou fingida, o autor faz-se disciplinar por normas *geométricas* de partida e por uma paleta *pobre*, embora accionada por decisivas oposições. O rigor desta norma, que poderia conduzir a pintura para uma fria impessoalidade, e esbatido por uma acção técnica em que os instrumentos estão presentes, em que os materiais se agitam com suficiente evidência em que a mão do artista vibra e se transmite ao plano segundo as imposições da escrita e do gesto assumido.

As formas em António Mendes, se alguma vez concidiram com as da realidade, foi num plano da memória em que as identificações se confundem e se jogam em fragmentos. A passagem dessas imagens «guardadas» para o domínio da linguagem pictórica acontece fora de qualquer fidelidade a modelos, mas deixa que destes se conservem certas extensões de contornos aparentemente identificáveis — e aí o espectador se reconhece criador, mais pelas sugestões encontradas do que pela natureza extrínseca das formas. António Mendes não perde oportunidade de sublinhar e iludir esse jogo, instaurando no plano uma escrita complementar de linhas rigorosas ou flutuantes que exprimem ligações subtis entre as partes da composição e lhe conferem um carácter lírico muito particular. É sobretudo através desses elementos que a linguagem do autor se define centrada na sua própria gramática. Os elementos constituintes da linguagem isolam-se, afastando-se também de uma realidade a que já não pertencem, e adquirem a definição da sua forma íntima, aí se significam e se propõem.



AUTORES de HOJE

António Mendes

ANTÓNIO MENDES nasceu em Lisboa, em 1944.

Frequenta o 4.º ano de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Dono de um «curriculum» ainda breve, nem por isso a sua obra tem merecido a desatenção dos quadros interessados. Participou, no entanto, em algumas exposições colectivas desde 1961, das quais se destacam a Extra-Escolar de alunos da E. S. B. A. L., o V Salão de Arte Moderna e a 1.ª Bienal Luso-Espanhola dos artistas ligados à publicidade e artes gráficas. Durante algum tempo frequentou as aulas dos cursos da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Como artista gráfico, a sua actividade é já conhecida e bastante mais vasta. Foi orientador gráfico da Editora Moraes. Realizou agora a sua primeira exposição individual na Galeria de Arte Moderna.

A sua obra, ainda em definição e num ponto de partida, é no entanto inesperadamente consistente e coerente, revelando uma tendência serial e ao mesmo tempo socorrendo-se de memórias do mundo visível para, no domínio específico da pintura, se revestirem de uma carga poética derivada das incidências de uma escrita sensível sobrevivente e do exercício plástico ainda deliberadamente expresso. Feita de uma construção sólida, descontraída e aparentemente fácil nos objectivos, a pintura de António Mendes cresce para uma maturidade já visível.

PREFERIR GODARD

FERNANDO PERNES, crítico de artes plásticas, tem assinado ùltimamente, na «Vida Mundial», alguns textos de análise a filmes exibidos em Lisboa. Ao referir-se recentemente a «Confidencialíssimo», de Gerard Pirès, aquele crítico estabeleceu com pertinente lucidez um confronto entre a obra em referência e «La Femme Mariée», de Godard. A intenção desse confronto consistiu em desnudar o «espelho passivo de flagrantes amàvelmente irónicos», atribuído como caracterização ao filme de Pirès, e afirmar Godard no plano da verdadeira viagem «às raizes cegas da condição humana contemporânea». Assim se afirmava do mesmo passo que a obra de arte autêntica, a mais profunda, a mais comprometida e inquietante, seria efectivamente a que lograsse «ultrapassar o mecanismo dos reflexos, passar da verificação das modas à estruturação de modos de contestação». Se, no entender de Fernando Pernes, Pirès evoca a «Marie Claire» ou a «Elle» e Godard se aproxima da frieza e amargura das imagens de Oldenburg ou Rosenquist, vê-se bem que esse regime de caracterização aponta uma preferência situada em Godard e que essa preferência pressupõe uma verificação ética essencial à própria obra de arte. Ao fim e ao cabo, estamos perante uma definição que poderemos tornar extensiva à obra de pintura, apesar dos desvios e demissões que esta parece acusar nos habituais esquemas de produção e consumo, desvitalizando-se para documentar apenas a sua própria transformação formal. Interessa-nos particularmente que um crítico de arte português, aqui e agora, ponha à consciência das pessoas um problema tão oportuno, exactamente na hora em que a nossa produção artística, no domínio das artes plásticas, se intensifica pela quantidade e se esvazia em ordem ao compromisso de uma qualidade poética, humana e interventora. É evidente que essa qualidade não pode criar-se na pura assimilação da moda, como acusava há tempos José Augusto França, mas tão sòmente na estruturação de um modo. Esse modo ultrapassa necessàriamente o estilo, reflecte, aprecia e contesta a sociedade, integra-se na vida, mergulha nas raizes da condição humana. Não pode bastar-se com verificações de superfície, não pode fazer-se como puro exercício de diversão. Trata-se de uma experiência de participação efectiva no fenómeno social, através de meios formais que constantemente se revolucionam, que dizem e situam o homem, que decidem pela sua própria cintilação uma visão do mundo. Não estamos, nesse caso, em face de uma simples assimilação do bom gosto, da frivolidade decorativa ou das formas consumíveis que servem por vezes de obstrução à consciência.

GUIA DAS EXPOSIÇÕES

GALERIA JUDITE DACRUZ Rua do Alecrim	**JOÃO HOGAN,** fidelidade a um paisagismo trabalhado com uma obsessão e dignificado pela atmosfera dramática com que se envolve.
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	**ANTÓNIO MENDES,** pintura de um jovem autor inesperadamente consistente.
GALERIA QUADRANTE Av. Luís Bivar	**VÍTOR POMAR,** com séries de gravuras onde a técnica se ilustra e a linguagem se medita através dos seus sinais elementares.
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	**TOMÁS MATEUS,** com pintura em que o autor tenta esforçadamente renovar-se.
GALERIA S. MAMEDE R. da Escola Politécnica	**D'ASSUMPÇÃO,** importante homenagem a um verdadeiro pintor mal conhecido.
GALERIA INTERIOR Rua Camilo C. Branco	**MARIA VELEZ,** uma pintora sensível que não abdica de ligar a pintura à vida.

In memoriam

(continuação)

PROSSEGUIU: é o sol, move-se, jamais se move, todo o real. *Sejam ou não sejam fogo (as estrelas), mova-se ou não o sol (decopérnico), duvida do real, que dizem ser em si, mas não duvides jamais do amor de que te falo;* ou das palavras. Fora o que escrevera, que era um idílio mónia de ofélia — quando ainda o percurso pelas lajes da arcaria, os terrenos de matas, cemitérios, ou sobre a rocha pura, a debruçar-se na falésia, ia escrever (falar) que esse percurso era feito à medida da matéria percorrida. Assim fica-se ileso: indo, pensando. Pensando como galileu o sol que se move ou aqui com o mar, fevereiro, que: *eu fico ileso entre clarões e gumes* (os gumes de água, luz, linhas, etc.) Assim me assumo e guardo (princípio de identidade) porque o real pensado não contunde. Se disse alguém a alguém ou a si próprio, o protagonista, noutro momento de falar, *a dor, esta falta de harmonia,* viu que o objecto não reconvergia para o conhecimento Porém, bastaria descrevê-lo, assim como falara do amor, escrevera, amara então. Ou levar esse percurso à sua extrema tensão (extensão), falar sobre o falado. Vamos por um extenso campo de verdura e olmos nórdicos e já vemos a ave poisar, poisada, sobre a esquadria da forca. Então à beira da realidade inócua apercebêmo-nos da realidade iníqua: é que, poisada a pega, da boca da vereda adianta-se o condenado que o grupo, também humano, forçou a subir até aí. Da zona sombria, os trajos de pano claro (breughel) avançam para a clareira, aqui a pega pia e, perante a onomatopeia todos erguem seus rostos. Ia a dizer, sentindo a primavera, que era um adílio ou um tema pastoral, mas a proximidade da forca contradiz-me, e toda a realidade é essa zona tensa vista movendo-se por dentro (portanto sem resíduos) a ser descrita

Sá Carneiro, Pessanha. Sá Carneiro «ileso», etc. Pessanha: «a dor, esta falta de harmonia, toda a luz desgrenhada que alumia as almas doidamente, o céu d' agora...» UMA DEDUÇÃO DE TÓPICOS DE LEITURA EM CAMILO PESSANHA: 1) Em Pessanha a *falta de harmonia* (fundamental na medida em que é carência) não é a discrepância entre os dados do real (essa seria a desarmonia) *conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos,* mas, em primeira instância, a não assumpção do pensamento (pensamento = real conhecido) pelo sujeito. É essa alienação que permite perguntar: «Imagens que passais pela retina dos meus olhos porque não vos fixais?» 2) Daí que

se apele reiteradamente para uma alteridade (um outro sujeito desses objectos outros), assumindo esse apelo a forma de inquirição directa da identidade do outro. «Quem vos desfez formas inconscientes?» Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho», etc. 3) Daí que o processo de conhecimento seja invertido e o objecto busque o sujeito: «Só incessante um som de flauta chora... quem há-de saber a dor...» ou, melhor, que conferindo ao real um estatuto próprio o eu só possa perservar a sua identidade no modo de sujeito indefinido quem. 4) Daí que o real, em última instância, assuma como modo de existência o de uma alteridade, entidade; e que, como tal, como entidade transcendente, seja irredutível no seu núcleo — quer dizer, postula-se, entretanto, uma essência incognoscível «cansei-me de tentar o teu *segredo*» (Estátua).

Fiama Hasse Pais Brandão

NOVIDADES EDITORIAIS

duas obras de assinalável importância cultural

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO

um estudo das etapas de formação da actividade mental

LINGUAGEM E RAZÃO HUMANA

uma análise dos problemas da linguagem e suas relações com o pensamento do homem

EDITORIAL PRESENÇA — R. Augusto Gil, 2-c/v-Esq. — Lisboa

Encontros e desenc do Teatro em Por

FALA UM EX-BOLSEIRO: JOSÉ CAYOLLA (ENTREVISTA CONDUZIDA POR CARLOS PORTO)

PRETENDEMOS provar que se o teatro em Portugal NÃO EXISTE, o facto não se deve ùnicamente às razões que é costume citar e que lhe são extrinsecas (subsídios, público), deve-se também a razões intrinsecas (resistência de mandarins à participação dos novos, à renovação indispensável de quadros; a ignorância que campeia; as mistificações...), razões em que, normalmente, não se fala.

As palavras que vão ler-se são duras mas, certamente, não serão consideradas subversivas. São palavras atiradas com raiva, como bofetadas, magoam, são polémicas — pode-se não se estar de acordo com elas mas não será justo nem curial nem conveniente ignorá-las. Não façamos como a avestruz; até porque já não há terreno para fazer buracos

Estiveste, há anos como bolseiro da Gulbenkian em Inglaterra. Há quantos anos? Antes disso, o que tinhas feito? Com quem trabalhaste?

—Há cerca de sete anos parti cheio de esperança e ilusões para Iglaterra! SETE ANOS!

Não é nostalgia, nem saudade, nem raiva. Pena, muita pena de há 7 anos estar inactivo, sem transmitir a ninguem o pouco que aprendi.

Apareceu-me o Teatro na pessoa de António Pedro nos primeiros tempos do Experimental do Porto Um alumbramento!

Abandonei os estudos, o desejo de um curso à minha custa porque eu trabalhava, e dediquei-me ao Teatro.

No Experimental do Porto, também chamado Circulo de Cultura Teatral, nunca fui bem olhado: provinha de um meio suspeito, que hoje até está muito em moda, não tinha automóvel nem dinheiro, dizia o que pensava, o que queria, e até tinha tido a lata de dizer de caras ao Pedro, imagine-se ao António Pedro, que queria ser encenador. E como o Pedro não me correu, antes pelo contrário, o meu calvário no Experimental começou.

Consentiu que eu fizesse num espectáculo com três peças, uma dirigida por ele, outra por Mestre Augusto Gomes, a minha adaptação do *Príncipe Feliz* de Oscar Wilde, e parece que não desagradei, não digo pelas críticas ou palmas, mas porque ele, ele António Pedro, o MESTRE, me deu como prenda os primeiros objectos que tinha usado para o estudo da marcação.

Esse incentivo e estímulo foi apenas simbólico, porque nunca me foi permitido, felizmente, trabalhar com os chamados profissionais

Como me estava pois vedado trabalhar com a única pessoa que naquela casa sabia de Teatro, e ganhar prática, pensei ser um curso no estrangeiro a única maneira de vencer barreiras.

E apadrinhado por António Pedro, por Deniz-Jacinto pelo Circulo de Cultura Teatral, e com as pequenas provas dadas, pedi uma bolsa à Gulbenkian.

No tempo de ela vir ou não vir, de eu ir ou não ir, a minha vida modificou-se, cresci e multipliquei-me, e nos tempos livres tentei: ajudei o Pedro e o Dr. Deniz-Jacinto numa tentativa de Escola em que tivemos o Óscar Lopes a ensinar literatura para três ou quatro, não alunos.

— Em que condições obtiveste a Bolsa? Quais os objectivos que pretendias atingir?

— Não sei, nunca soube e hoje menos do que nunca sei, se a minha Bolsa, a primeira a ser dada no Teatro para um curso no estrangeiro, se deveu realmente às minhas provas e potencialidades se a *motivos estranhos*

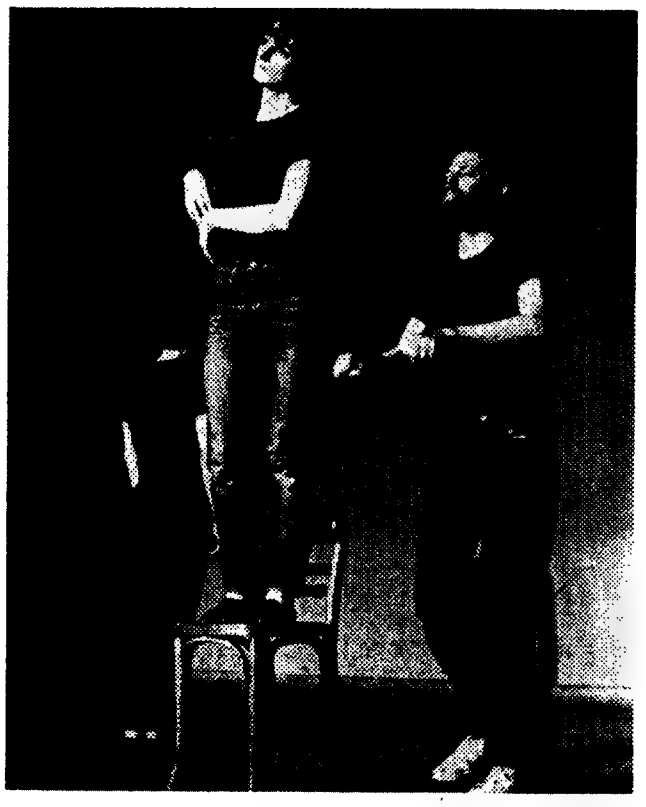
Queria aprender, ver como se fazia Teatro, como se preparava o actor, estava farto de livros, abafava.

E tinha a secreta ambição de aprender a escrever Teatro, de descobrir o significado do «dramaturg».

Tinha também que arranjar maneira de poder trabalhar.

— Qual foi a duração do Curso? Em que consistiu? Com quem estudaste? Que fizeste no Curso?

Acompanhei os trabalhos escolares, ajudei a montar espectáculos, beneficiei da amizade e saber do director da «Vic School» Richard Ainley e do seu assistente John Hodgeson, e conheci um aluno Português do curso técnico, o Manuel Blanco dos Santos, mais um dos do Portugal Desconhecido. Sabia o que queria, saiu de Lisboa, trabalhou onde era permtido a um estrangeiro, casou, conseguiu juntar dinheiro para fazer o curso técnico na «Vic School». Depois sempre desconhecido, conseguiu uma bolsa da Gul-



Roland William Muldoon, num ensaio com o «Cartoon Archetypical Theatre»

AVISO

CUIDADO COM O CÃO

UI ÃO
ÃO
ÃO

UI
UI

UIÃO

UI

DIGITAMOR

HMM
POIS
TRÁS
QUARTO
BRINCO
SEI
METE
DOU-TO
(OUVE)
Z ?
D I

Alexandre O'Neill

ncontros ortugal

TO)

benkian, prosseguiu os estudos na escola, entrou para o «Bristol Old Vic» onde subiu, subiu, e hoje faz parte da Direcção da Companhia que trabalha em dois teatros, com um grupo para «tournés», e outro dedicado a percorrer escolas, companhia com cerca de 100 elementos. O seu valor é tão pequeno que foi convidado pela Universidade de Bristol a fazer um curso de teatro, uma coisa que equivale a um doutoramento.

A Escola tem dois cursos, um de actores de dois anos; outro de um ano, para técnicos. No curso de actores só no segundo ano é permitido fazer espectáculo, mas sobre este curso, melhor do que eu poderia falar a Glória de Matos, se alguém a quisesse ouvir. E isso só seria possível se alguém, até mesmo dentro da Gulbenkian (a nossa segunda Índia e Brasil) estivesse interessado em Teatro como Cultura.

No curso técnico aprende-se teatro por dentro, o fazer, a razão, a motivação, a prática: electricidade... iluminação e efeitos luminosos, carpintaria e técnica de pintura, implantação de cena... cenografia, estudo de técnicas de gravação... sonoplastia, (organização de ensaios, montagem de peças, *contrôle* das mesmas, despesas e custos do espectáculo, história do traje, costura teatral, guarda-roupa, fabricação e tratamento de objectos de cena.

Depois espectáculo após espectáculo com os alunos do segundo ano vamos sendo director de cena, adjunto, aderecista, encarregado de guarda-roupa, da luz, do som, da confecção de cenários. Este é o caminho de quem quer ser encenador.

Como me interessava sobremaneira a direcção de actores, foi-me permitido assistir às aulas de Rafael Shelly. Para aquilatar das minhas possibilidades o novo director da Escola Nat Brenner, deu-me um grupo de alunos do primeiro ano para um ensaio de encenação da «Yerma».

Para ter prática de tudo, até um período de contestação tivemos na escola, de que resultou a vinda de Nat Brenner da direcção de «Bristol Old Vic» para a Escola.

Estávamos na época da Crise de Cuba, de João XXIII, dos Beatles.

Deste período de contestação uma sólida amizade nasceu entre um grupo restrito dos técnicos, «The Uxley Society», com indeterminàveis discussões, bebidas, jantares, *pubs*, projectos, a construção de um TEATRO NOVO. E o Roland William Muldoon, um dos «good for nothing», um dos do grupo, conseguiu com o «Cartoon Archetypal Slogan Theatre», já conhecido em Portugal graças ao «Século Ilustrado», via Festival de Nancy, conseguiu fazer o teatro que sonhávamos.

— *Tiveste alguma actividade à margem do curso?*

— Percorri o teatro inglês, munido de uma credencial da Escola, que me permitia entrar nos bastidores, contactar com técnicos, encenadores, actores ver e sentir o teatro por dentro. Vi todo o teatro que havia em Londres, passei uma semana a ver peças em Stratford, visitei Coventry, Newcastle Middlesburg, o Festival de Edimburgo com teatro, música, ópera, a «Conferência Internacional de Escritores», convivio com teatro universitário uma noite de convivio com Ionesco. De representação portuguesa, só eu como espectador, e a Amália no Fado. Depois fiz um curso residencial para encenadores do «British Drama League» em Cheltenham, onde entrei em contacto com o teatro amador.

Foi lá que conheci, trabalhei e fiz amizade com William Gaskill, então a dirigir peças na «Royal Shakespeare Company», depois adjunto de Laurence Olivier no «Nationquérito à base das bibliotecas-móveis da Gulbenkian, numa recolha dos livros mais pedidos, num gabinete de estudo que traduzisse os mesmos para teatro, uma equipa de pesquisa que as montasse actores e técnicos todos a colaborar, a ganhar experiência numa nal Theatre», hoje director do «Royal Court».

José Cayolla e Glória de Matos: na esperança de?...

O meu primeiro período em Inglaterra não foi mau, porque tive um convite da «Vic School» para voltar e acabar o meu trabalho com a «Yerma», e outro do Bill Gaskill, para seu assistente no «Studio», um laboratório teatral que dirigia, subsidiado pela Gulbenkian, para actores da «Royal Shakespeare Company» e do «Royal Court».

Parti para férias com estes dois convites e pedi a prorrogação da bolsa.

Mas, heráldico, sublime é distante escudado nos compartimentos estanques da burocracia, estes convites de nada valeram para o Serviço de Belas-Artes, e vai daí o conselho de administração despacha MAIS TRÊS MESES NÃO PRORROGÁVEIS.

Demora mais demora, burocracia mais burocracia, e, quando partí para os tais três meses a peça programada para o ano escolar da «Vic School» já estava em ensaios dirigida pelo professor que me havia de auxiliar, com uma distribuição diferente. O professor era o Douglas Dempsted, que Lisboa já conhece das aulas dadas na Casa da Comédia.

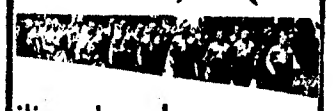
— *De regresso de Inglaterra, o que aconteceu em relação à tua actividade no teatro?*

— Voltei, e, com a certeza de que no teatro profissional nada poderia fazer voltei-me para o único caminho que pensava ser viável.

Sonhava com um in-

Cont. na pág. 7

JUSTINE
LAWRENCE DURRELL
O primeiro livro do célebre
QUARTETO DE ALEXANDRIA
agora aproveitado pelo cinema
UMA OBRA HUMANA E POÉTICA
DE UM GRANDE ESCRITOR
um lançamento de
EDITORA ULISSEIA
R. da Misericórdia, 137-1.º — LISBOA

A QUEDA DE PARIS

ilia ehrenburg
PERFEITA CONSTRUÇÃO ROMANESCA
PROFUNDO SENTIDO HUMANÍSTICO
EIS A SÍNTESE DESTE GRANDE LIVRO
ARCÁDIA | ENCONTRO ESPECIAL
1 vol. 640 págs. — 110$00
À VENDA NAS LIVRARIAS

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Será a crítica também um dom?

Será a crítica também um dom? A esta pergunta responde o poeta Ruy Belo na nota prévia de **«Na Senda da Poesia»: «Não** hesitamos em pensar que sim. E é, estamos em crer, um sintoma de maturidade, embora se possa encontrar em gente nova. De qualquer maneira, é decerto possível verificar uma evolução nos ensaios ou artigos que só agora apresentamos conjuntamente, de tal maneira que, mesmo nos casos de aplicação, em que nos debruçamos sobre este ou aquele poeta determinado, sempre iluminamos mais o nosso próprio itinerário do que os itinerários eventualmente considerados. Vício de poeta? Talvez. Mas sem dúvida um facto».

«Gente nova» era naturalmente Ruy Belo em 1957, quando publicou **«Encontro com Sebastião da Gama»** e **«Cinquenta anos de poesai italiana»** na revista **«Rumo».** Deve acrescentar-se que pela mesma altura preparava ele em Itália a sua tese de doutoramento em Direito Canónico, de que aproveitou alguns elementos para o artigo **«Poesia Nova».** Leia-se, pois, Ruy Belo ou catorze anos de reflexão sobre o fenómeno literário, reflexão singularmente madura já em 1957. Um livro indispensável para os seus confrades (poetas e críticos), em edição da União Gráfica lançada há dias.

Ruy Belo: 14 anos de reflexão

Pronto-a-Ler

Pronto-a-ler (finalmente!) temos «Tirésias», caderno de bolso da Contraponto, lançado em Março de 1962 para coincidir com a encenação (Companhia Nacional de Teatro) de António Manuel Couto Viana. «Tirésias», ou a versão portuguesa de um belo texto dramático de Apollinaire. «Les Mamelles de Tirésias», dormia o sono dos justos num armazém de Alfama, onde o editor Luís Pacheco foi agora desencantá-lo com dinheiro na mão. Há oito anos venderam-se alguns (poucos) exemplares: mau ano esse para Pacheco, antecedido e seguido de outros igualmente maus ou a caminho disso, como volta e meia lhe sucede. A década de 70 será «à phynances?» Esperemos que sim. «Tirésias», a propósito, é para ler todo (incluindo o prefácio de Goulart Nogueira, muito saboroso e rescendendo a lirismo).

Romance no bolso

Quatro anos depois da publicação de «O Choque», Arberto Sampaio regressa às livrarias com um romance em miniformato, «Aspectos». O autor explica que o livro «esteve para sair com o título **Transformação.** (...) Felizmente apareceu logo outro prémio ao qual podia concorrer, o Prémio Almeida Garrett, mas deste também nada trouxe. (...) O livro foi então, como o primeiro, descansar. Despertou apenas, por breves vezes, quando tentou a sorte em duas editoras: é preciso ter-se muita cautela com a **literatura nova,** não é comerciável. Finalmente procuro quem me imprima o livro. Mando executar 1000 exemplares». Ou, em poucas palavras, um quadro que muita gente conhece...

As Editoras

Além da colectânea de Ruy Belo, a União Gráfica acaba de lançar dois volumes de carácter biográfico, «Domano Guardini» (de Henri Engelmann e Francis Ferrier) e «Simone Weil» (de Marie Magdeleine Davy) ambos subintitulados «Vida, obra e pensamento». Ver na colecção Perfis, onde já saíram obras idênticas dedicadas, entre outros, a Luther King e Gandhi.

Da Editorial Verbo chegaram-nos «Introdução à Cultura Clássica», de Vítor Buescu (Faculdade de Letras de Lisboa); «O Século XV», de Margaret Aston, a continuar a sua «História Ilustrada da Europa»; e mais um volume da «História Mundi», este assinado por Brian Fagan — «África Austral», abundantemente documentado e com especial interesse para os estudiosos de um continente que não nasceu no século XV.

Registamos ainda a 3.ª edição dos «Poemas» de Reinaldo Ferreira, chancela da Portugália; o II volume de «Ana Karenina», de Tolstoi, na Minerva (reedição); o lançamento de «O Processo 51», versão Bertrand de um muito vendido romance (francês) de Gilles Perrault; e um novo livro de Sant'Anna Dionísio, «Enigmas helénicos», 29 páginas com dois temas: «Pedagogia acroamática dos Gregos» e «A condenação de Sócrates».

Quanto à Dom Quixote, lançamento maciço: «A Mitologia» (Edith Hamilton), «Moderna teoria económica» (Jan Pen), «A arrogância do poder» (William Fulbright), «A Rodésia e a independência» (Judith Todd e outros), «Desenvolvimento económico ou estagnação?», de Armando Castro, e «O Cinema entre nós», do nosso colaborador Lauro António.

Finalmente, enquanto os Livros Horizonte lançaram «provàvelmente alegria» (poemas), de José Saramago, com uma sessão especial na Quadrante, a editora portuense Paisagem pôs nas livrarias um oportuno «Retrato de Camilo Torres» e a Bertrand anuncia o seu 16.º Urbano: «Contos da solidão».

O livro do arquitecto

«Lisboa, uma cidade em transformação» é o livro do arquitecto, e mais do que isso: a capital observada, **pensada** por um analista inteligente. Lisboa transforma-se e o arquitecto dá conta dessa mutação por vezes subtil. Há também uma Lisboa que podia ter sido outra mas é esta, esta por onde passa o arquitecto e passamos nós e se acumulam os problemas das cidades como Lisboa. Autor: Francisco Keil do Amaral para as Publicações Europa-América. Será a crítica também um dom? Ruy Belo diz que sim.

Keil do Amaral: o dom da crítica

Leitura psicanalítica de «A Relíquia»

Cont. da pág. 1

Teodorico é, sem dúvida, um espírito realista dotado de qualidades de observação e de senso comum. É necessário convencer a *Titi* da sua devoção então ele organiza um plano coerente de assistência a missas e novenas pelos numerosos templos da capital. Já que não tem outro emprego, dedica-se a sério à conquista da *Titi* e da sua herança. Teodorico não procura mudar o mundo, mas alcançar nele um lugar ao sol.

Mas, apesar de o dotar com certa sagacidade, Eça mostra claramente que Teodorico não é um indivíduo de juízo esclarecido ou de clara inteligência. Tosco nos gostos e ideias, mesmo na execução do seu plano comete erros capitais.

Isto leva-nos a suspeitar que Eça em «A Relíquia», já está realizando uma viragem psicológica e social. Tal como simpatiza de maneira envergonhada com o Alencar de «Os Maias», Eça, em «A Relíquia», de uma maneira ainda mais escondida começa a mostrar uma identificação parcial com o Portugal antigo, representado pelos padres Casimiro e Pinheiro, pelo Dr. Margaride, pelo procurador Justino. A *Titi* é envolvida numa condenação sem apelo, mas o mesmo não acontece com os seus auxiliares, com quem o Raposão tem certas similitudes. É de notar também a semelhança entre a devoção que os dignos sacerdotes de «A Relíquia» mostram pela vitela do Norte e pela vida fácil e as descrições deliciadas que Eça mais tarde nos dá da cozinha tradicional portuguesa e dos nossos hábitos patriarcais («Fradique Mendes», «A Cidade e as Serras»)

Teodorico critica uma certa Sociedade mas como supõe que essa Sociedade lhe pode ser proveitosa mais tarde faz tudo para se insinuar no seu interior. Eça, neste romance, embora continuando a criticar, prepara uma adesão resignada à Sociedade que tanto causticara.

Foi objecto de reparo que Eça escrevesse este romance na 1.ª pessoa do singular. Deveria ter dito *ele* e não *eu*, pois Teodorico relata impressões e descreve cenas e indivíduos com uma arte que só poderia pertencer ao próprio Eça e não a um indivíduo de mais baixa craveira. Mas não mostra este emprego do pronome *eu* uma certa conivência de Eça com o personagem que criou?

Teodorico apresenta um parentesco seguro com Eça de Queiroz. Teodorico é o tentador de Eça. Desempenha o mesmo papel em relação ao romancista que o Diabo do «Mandarim» desempenha em relação a Teodoro.

Num romance, uma descrição *exclusiva* dos costumes duma época não pode nunca atrair-nos poderosamente. É necessária a presença mais ou menos escondida do autor entre os personagens do romance, para fornecer à obra de imaginação a sua estrutura conflitual. Havendo desdobramento e oposição entre personagens — um deles identificado ao autor — é possível apresentar um determinado problema, com uma argumentação a favor e contra.

Em «A Relíquia» há uma oposição entre Eça — virtualmente presente — e Teodorico, representando Teodorico o demónio tentador de Eça de Queiroz. A um nível de maior chivagem aparece a luta entre Teodorico e a *Titi*, correspondendo esta a uma parte louca de Teodorico. Parte louca a que Teodorico vai ceder no episódio do Sonho de «A Relíquia». Aí, Teodorico cai num delírio místico em que vê Jerusalém e Jesus ressuscitarem diante dele e ainda por cima torna-se mais caritativo que Jesus: compensa o vendilhão humilde do Templo que fora injustamente punido pelo Rabino.

No Sonho de «A Relíquia» «le morte a saisi le vif» e o vírus do misticismo parece ter sido contagiado a Teodorico, embora só por curto espaço de tempo e em sonho.

Esta dualidade que encontramos em «A Relíquia» entre autor e personagens, funcionando estes últimos como tendências recalcadas do autor, desaparecem nos romances mais tardios de Eça de Queiroz. O conflito é substituído por uma oposição sem conteúdo profundo. Os personagens da fase tardia do romancista perdem o seu carácter demoníaco. Os personagens que falam mais marcadamente por Eça (Gonçalo, Fradique, Jacinto) já podem livremente dizer *eu*, sem receio de denunciar qualquer tendência recalcada do autor. Mas em comparação com os romances realistas e fortes de Eça, essas últimas obras, embora guardando os encantos do estilo, perderam a tensão do conflito e a verdade artística.

4

Temos tantos dados sobre Teodorico que podemos tratá-lo como um indivíduo realmente existente e tentar alcançar um diagnóstico psicopatológico do seu caso.

Eça: apesar da ironia, uma obra trágica

A situação de base que encontramos em «A Relíquia» é uma oposição mãe-filho. A *Titi*, mãe substituta de Teodorico, é em termos de simbolismo inconsciente, não a tia, mas a figura maternal odiada. A opressão que esta mãe exerce sobre o filho é de tal ordem que pode ser comparada a uma tentativa de *filicídio* (não convém falar de infanticídio, pois a tentativa de destruir o «filho-rejeitado» prolonga-se para além da infância). A *Titi* procura, sem piedade, aniquilar a vontade de Teodorico, privá-lo de virilidade, transformá-lo num ser diferente de todos os outros homens. Deverá ser feito à imagem dela, *Titi*.

Na tragédia antiga e na Mitologia, o *filicídio* não é nada raro. Úrano e Crono, os primeiros deuses criadores do Universo, matam os filhos, com receio que estes lhes venham a suceder. Abraão tem intenção de sacrificar Isaac e envia também o filho Ismael para o deserto, para perecer à fome e à sede.

Não só os pais tentam matar os filhos. O mesmo sucede com as mães, por exemplo Medeia, que mata os filhos já crescidos. Na tragédia de Édipo de Sófocles, Jocasta manda abandonar o filho nas montanhas, perfurando-lhe os pés com intenção simbólica de que não possa escapar à sorte que lhe destina.

Teodorico responde às tentativas de destruição de que é alvo, com desejos de matricídio. Depois de sonhar de todas as formas com a morte da «hediionda senhora», parte para a Terra Santa num ensaio de encontrar a liberdade sexual longe da *Titi*. Mas o conflito continua. A Terra Santa não é lugar onde possa satisfazer a sua sexuali-

TAP

Transportes Aéreos Portugueses

Concessionária do Estado

CAPITAL REALIZADO 250 000 000$00

CAPITAL AUTORIZADO 750 000 000$00

Sede — Lisboa

Escritórios: R. do Conde de Redondo, 79

2.º AUMENTO DE CAPITAL

Autorizado por Portaria de 13 de Janeiro de 1970, publicada no «Diário do Governo» n.º 25, III Série, de 30 de Janeiro de 1970.

Está aberta a subscrição pública, pelo período **de 2 a 14 de Março do ano corrente** de 300 000 **acções do valor nominal de 1 000$00** cada uma, **representativas do aumento** do capital social de 250 000 para 550 000 contos.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1.º — O preço de emissão é de 1 250$00, acrescido do Imposto de Mais-Valias de 1$50 por acção para os actuais accionistas, podendo ser pago por inteiro no acto da subscrição ou em duas prestações, sendo a primeira de 501$50 no acto da subscrição e a segunda de 750$00 durante o período de 12/10/70 a 19/10/70

2.º — As acções totalmente pagas no acto da subscrição e aquelas cujo pagamento for feito nas duas prestações atrás indicadas, conferirão direito a 80% e 43%, respectivamente, do dividendo correspondente ao ano social de 1970, o qual será oportunamente anunciado depois de aprovadas as respectivas contas pela Assembleia Geral.

3.º — As acções serão nominativas e representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções, conforme indicação no boletim de subscrição respectivo.

4.º — Em conformidade com o art.º 6.º dos Estatutos, serão reservados a pessoas singulares de nacionalidade portuguesa e a pessoas colectivas de nacionalidade portuguesa, que satisfaçam os requisitos da Base II da Lei n.º 1994, 75% do capital social, dos quais 51% deverão estar averbados a pessoas singulares, a pessoas colectivas de direito público, a bancos emissores e a empresas de navegação marítima.

5.º — Os actuais accionistas terão direito de preferência na subscrição apenas na proporção de 1,2 por cada acção que possuírem e estiver averbada em seu nome no competente livro de registo da sociedade; as subscrições que eventualmente excederem esses limites serão devidamente consideradas em paralelo com as subscrições dos não accionistas, depois de satisfeitas as subscrições do pessoal não accionista da empresa nos termos do n.º 6.º.

6.º — Satisfeitos os pedidos dos actuais accionistas em conformidade com o disposto no n.º 5.º, o pessoal da Empresa ainda não accionista terá preferência na subscrição até ao limite de 4.000 acções

7.º — Preenchidas as condições de preferência estabelecidas, as subscrições que excedam os limites previstos nos números 5.º e 6.º serão consideradas em pé de igualdade com a subscrição feita pelo público em geral, sem prejuízo do disposto no número 4.º; se houver necessidade de rateio, será dada preferência aos subscritores de menor número de acções.

8.º — A subscrição estará aberta de 2 a 14 de Março p. f. nos seguintes estabelecimentos de crédito suas filiais, agências e dependências:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
— BANCO DE FOMENTO NACIONAL
— ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO
— AUGUSTINE REIS & CIA.
— BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE
— BANCO DA AGRICULTURA
— BANCO DO ALENTEJO
— BANCO DO ALGARVE
— BANCO DE ANGOLA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FONSECAS & BURNAY
— BANCO TOTTA & AÇORES
— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA, LTD.
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
— PANCADA, MORAES & CIA.
— PINTO DE MAGALHÃES, LD.ª
— BANCO FERNANDES MAGALHÃES

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1970.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O Presidente do Conselho de Administração

ALFREDO DE QUEIROZ RIBEIRO VAZ PINTO

dade frustrada. Considerando cada vez mais a *Titi* que o enviara a esta infeliz jornada, como único obstáculo à sua libertação final, Teodorico traz-lhe da Palestina uma coroa de espinhos — símbolo de morte e crucificação. Com a troca dos embrulhos — e pode supor-se que este acto falhado, como todos os actos falhados, é em grande parte intencional — Teodorico junta o insulto ao agravo. A relíquia da Mary será para a devota senhora o golpe mais mortífero, a maior coroa de espinhos. Ela aliás não resiste muito ao brutal acontecimento, uma congestão pulmonar pondo-lhe termo à vida. Na entretanto, enquanto a *Titi* sobrevive, Teodorico continua a sua guerra contra ela, tornando-se «vendilhão de relíquias», sem dúvida a ocupação mais susceptível de ofender D. Patrocínio.

Teodorico não é um personagem feito de uma peça só. Como vimos, no Sonho, ele resvala para uma crise mística de que lhe é difícil sair. Depois do Sonho, quando levantam o acampamento, Teodorico sente que o mundo actual começava a perder para ele todo o interesse e às vezes vinha-lhe uma saudade infinita do Passado e um desejo de mergulhar nesse mundo irrecuperável.

Podemos supor que as desilusões amorosas, a culpabilidade gerada pelos impulsos ao matricídio, tenham produzido em Teodorico intensa angústia e depressão. Para amparar a sua personalidade recorre a um ideal místico. Assim como ao nível da sua personalidade consciente Teodorico recobre a sua revolta com uma religiosidade de fachada — ao nível da personalidade inconsciente a rebeldia encobre uma atitude mística delirante. Esta estratificação da personalidade é porém, dotada de flexibilidade, é de carácter neurótico. Não encontramos em Teodorico, como na *Titi*, um encerramento quanto à realidade exterior e ao corpo que são modificações de tipo psicótico.

Apesar da ironia que a envolve, «A Relíquia» é finalmente uma obra trágica. Sttau Monteiro e Artur Ramos revelaram profunda intuição ao colocar no final a morte sob a forma dos cortejos fúnebres e o desaparecimento final de Teodorico, minado pelos terríveis dilemas do *matricídio-filicídio*.

PEDRO LUZES
(Neuro-psiquiatra e psicanalista)

O «Cartoon» experimenta, trabalha, sua e sonha: e nós?

Encontros e desencontros

Cont. da pág. central

nova maneira de dar teatro, espectáculos como experiência, e, depois, a arrancada, um teatro novo, um teatro para o estádio evolutivo do povo para quem se destinava.

O Serviço de Belas-Artes, onde dizem residir o Teatro, era a porta errada.

Só levando ao dr. Perdigão este programa, algo se poderia fazer. Que longa espera para falar com o dr. Azeredo Perdigão, e para que me não acontecesse o mesmo do que no CASTELO, desisti. Também ele é bem guardado por aqueles que têm medo do trabalho.

Tinha casa própria nos arredores do Porto, filhos, ausência total de dinheiro, todos os caminhos estavam tapados.

Lisboa estava longe, no Experimental tinha saído o António Pedro, outros sonhavam poder continuar a obra, tinha aparecido UM GRANDE NOME, ninguém para mim olhava.

No Universitário do Porto pontificava como professor catedrático o dr. Correia Alves, que poderia eu fazer do teatro que queria?

Mas nem tudo o que aprendi graças à Gulbenkian foi perdido: desde essa altura ganho a minha vida como correspondente e intérprete.

Eu não servia, não fazia reclame, até me permitia atacar um GÉNIO NASCENTE, criticar a modernização de Gil Vicente. Como não sabia fazer, criticava, um estrangeirado que descria do GÉNIO na IMPROVISAÇÃO, e falava (sem saber, claro) de Brecht, de Shakespeare, na técnica, na recreação em tempo e espaço dos clássicos, na necessidade de método, de trabalho!

Um cretino, um pretensioso, um tipo que, por ter andado lá por fora (dizia ele) pensava saber tudo, dizia que tudo estava errado.

Assim fui, assim serei olhado por alguns, e para outros poderia ter sido, mas não tenho prática.

Nas mesmas condições está a Glória de Matos, com um ano de boas provas na «Vic School», e que comigo faz parte do grupo dos VENCEDORES DA VIDA, ainda sem retrato pintado.

Procurámos trazer o professor Shelly a Portugal, para provar aquilo que a nós ninguém queria ouvir. Batemos ao tal Serviço, que não fez serviço nenhum.

O professor Shelly veio, mas à sua custa, numas férias de Páscoa, acompanhado por dois dos seus alunos, viu o que havia de teatro, deu uma aula de demonstração em Lisboa e outra no Porto, e ficou tudo na mesma. Nem mesmo foi recebido por quem de direito no tal Serviço.

Uma noite, em minha casa, depois de um belo passeio, depois de Braga com Semana Santa, procissão e tudo, o Rudy dizia-me para mudar de vida, para não pensar nisso, porque AQUI NINGUÉM QUERIA TEATRO.

SERÁ QUE NINGUÉM MESMO QUER TEATRO? SERÁ QUE HÁ MEDO AO TEATRO?

O professor Shelly esteve em Portugal, finalmente, convidado pela Gulbenkian, mas pelo Serviço de Educação, a dirigir na Universidade de Lisboa um curso para estudantes.

— *Tiveste algum convite para trabalhar no Teatro Experimental do Porto ou no Teatro Universitário, por exemplo? Como procedeu a Gulbenkian nessa altura?*

— Tempo houve em que no Experimental se parecia querer continuar a obra de António Pedro. Tinha vindo para director Rogero Jacoby, um nome com provas dadas, com o domínio completo da nossa língua, da nossa cultura. Entendemo-nos bem, íamos criar uma verdadeira escola, íamos fazer obra. A Gulbenkian tinha permitido monetàriamente a vinda de Jacoby, ia certamente ajudar a escola que nós estávamos a projectar.

Mas como, verdadeiramente, havia quem tivesse medo do teatro, ele foi «kindly requested» a fazer teatro e cultura para outras bandas em que isso fosse realmente necessário.

E a Direcção continuou no Experimental, tudo continuou. Eu afastei-me, cada vez gostando mais dos cães e dos gatos.

Mais tarde, tentei uma espécie de escola nos Modestos, depois no Experimental, mas a coisa não pegou porque os voluntários eram poucos, eu um chato, que os fazia fazer uma ginástica especial, dizer por palavras suas o que o autor de um texto teatral dizia, e não levava peças.

Depois, a única coisa que fiz desde a minha vinda, a Ópera «Dido e Eneias» com a Juventude Musical, espectáculo subsidiado pela Gulbenkian.

Nova tentativa no Experimental, mas desta vez com uma peça do Arden, escrita para ser levada por amadores numa Igreja, no Natal. Um Auto, «The business of Good Governement», traduzido como «Da Arte de Bem Governar».

Para a chamada Companhia profissional do Experimental nunca recebi, felizmente, convite; dos universitários do Porto só fui contactado pelo Presidente da Direcção para saber da minha opinião sobre um espectáculo que tinham realizado.

Não macel mais a Gulbenkian, nem os tais Serviços.

— *Fizeste alguma coisa em teatro?*

— Como não podia fazer o teatro que queria, não fiz o teatro que os outros queriam.

Só crítica, palestras, a minha contribuição para o aparecimento do PLANO, onde o meu nome ainda andava como o de um dos responsáveis.

— *Tenho conhecimento de que recentemente se aventou a hipótese de ires como encenador para um grupo universitário. O que se passou?*

— Fui pelo Verão abordado pelo meu amigo dr. Deniz-Jacinto sobre uma possível ida para Coimbra, para o TEUC.

Tempo passou, e os directores do TEUC que estavam interessados na minha colaboração e no meu programa foram chamados a cumprir o serviço militar. Assim ficou o TEUC sem direcção e eu sem fazer Teatro.

Novamente abordado pelo Deniz-Jacinto, desta vez para o CITAC. O mesmo sim, o mesmo programa, e novamente o silêncio.

— *O teu não ingresso em nenhum destes grupos não se deverá ao facto de, entretanto, não teres trabalhado? Mas como fazê-lo sem oportunidades?*

Verdadeiramente quem tem a responsabilidade de dirigir algo na nossa mais vetusta e veneranda universidade, quem tem aos ombros a responsabilidade da tradição não pode escolher para os dirigir um nome desconhecido embora indicado, entre outros, pela Fundação Galouste Gulbenkian.

Há uma grande confusão entre o teatro espectáculo e o teatro cultura, o teatro função cívica, o teatro ajuda para compreender o mundo em que vivemos, a razão disso, o caminho que nos levou onde estamos, as possíveis saídas, *a arte de sobreviver*.

— *Qual o programa que te propunhas realizar no caso de teres ingresso num destes grupos?*

— O meu programa seria em profundidade, trabalharia com três grupos ou em três zonas.

1) — Um grupo de *recherche* trabalhando com material da nossa literatura onde se pudesse ver a evolução do povo. A teatralização de Fernão Lopes, de D. Francisco Manuel de Melo. Devo a descoberta de um verdadeiro teatro épico nas Epanáforas ao dr. Óscar Lopes, o primeiro que me chamou a atenção para o facto. Assim poderiam nascer «dramaturgs», assim um texto teatral nasceria de uma conjugação de esforços, e todos, aprenderiam uma nova maneira de ver teatro, de compreender teatro. Brecht assim o fez, laboratorialmente.

2) — Um grupo ponha em teatro, daria espectáculos para alunos dos Liceus e Escolas Técnicas com o programa oficial de Português. Assim, o aluno teria uma visão do autor, do seu tempo social, histórico e económico. Só se ama o que se conhece, e eles iriam encontrar autores vivos, iriam começar a amar a nossa literatura.

3) — Um grupo para fazer peças que, pelo seu grande número de actores, não pudessem ser levadas por profissionais ou a que a um teatro comercial não interessassem, como as peças do desconhecido John Arden, «A dança do Sargento Musgrave» e «Viver como porcos», que seria necessário traduzir, a teatralização da «Guerra e Paz» do Piscator, os «Pequenos burgueses» de Gorki, o «Desconhecido do Expresso» do Rodrigues Migueis, o «Felizmente há Luar» do Sttau Monteiro, e aquilo que para mim é a mais válida e séria tentativa de um verdadeiro teatro popular português, a «Legenda do Cidadão Miguel Lino» do Miguel Franco.

— *Tens alguns elementos, sobretudo de homens qualificados do teatro inglês que nos ajudem a julgar pelo menos teòricamente, das tuas possibilidades como encenador?*

— Sempre detestei ter de provar, mostrar coisas como o turista mostra fotografias.

Ter sido convidado a encenar «Yerma» por Nat Brenner que no relatório final de curso me chamou «a inventive and civilised person», termos que um inglês só usa para classificar um dos seus, não quererá dizer nada?

E Rudy Shelly e Douglas Dempsted?

E o convite de Bill Gaskill para seu assistente, na mesma carta em que oferecia á Gulbenkian a oportunidade de poder enviar mais bolseiros para assistirem aos trabalhos do «Stúdio»?

O Muldoon que, quando estive para ir viver para Londres, me ofereceu trabalho no seu «Cartoon» também não servirá?

Na «Vic School» não há há diploma de curso, em latim e tudo, para se poder dependurar. O ter-se andado lá, basta.

Desconfiar e querer diplomas recortes, provas é bem português, mas por vezes, que barretes meu Deus! E é bem feito.

— *Que sugestões práticas proporias para um renascimento do teatro em Portugal?*

— Destruir tudo, mitos e aspirantes a isso, e começar. Mas para isso...

Quando uma das luminárias do nosso teatro com o Senhor Pedro Lemos (aqui têm os jovens de Coimbra um exemplo de nome) se permite vir para a televisão e perante tanta gente confundir RECREAÇÃO de um texto; quando há já anos um *bluff* chamado Avilez dura; quando Luzia Maria Martins luta angustiadamente por fazer teatro quase sem auxílio e perante a indiferença, quando ainda não conseguiu ter uma «troupe» de actores; quando se faz Wesker da maneira como foi feito; quando se procura renovar, levar autores portugueses e se faz «O Tombo»; quando o senhor Vasco Morgado deitou a unha a quase todos os teatros, espanta-me a lata de ainda se falar em teatro, em crise de teatro, em renascimento do teatro.

Durante anos a desculpa foi a CENSURA.

O teatro está morto porque ninguém o quer.

Quando se poderá dizer VIVA O TEATRO?

Para isso, seria necessário não ter medo; o medo inquisitorial e antigo pela novidade, pela evolução, pela saída da doce rotina, pela CULTURA. Seria necessário acabar-se com a inflação das palavras, seria necessário passar-se de pedras mortas a pedras vivas. Urge mudança verdadeira...

EU ESTOU PREPARADO.

E VOCÊS?

REVISTA FEMININA

Vende-se, com todos os direitos de propriedade e publicação. Bastante acreditada.

Resposta a este jornal, ao n.º 448.

crónica crítica alexandre pinheiro torres

PRIMEIRA PORTA PARA ENTRAR NO «TEMPO (OU TEMPLO?) ESCANDINAVO» DE JOSÉ GOMES FERREIRA

Ao Luiz Pacheco

AS ANTINOMIAS DO ABOMINÁVEL «HOMO DUPLEX»

ESCREVEU António Sérgio: «Debaixo da unidade espiritual de Antero fácil é de comprovar que se podem ver de contínuo, e de forma aguda e sobrelevante (reparai: de forma aguda e sobrelevante), duas grandes tendências de sentido oposto, a que chamei a «luminosa» e a «nocturna».

Na primeira incluiu Sérgio a aspiração racionalista do *pensador*, o seu «entendimento claro», a sua «consciência plena», a sua faceta apostólica, ascensional e apolínea; na segunda a «elegia das tristezas fúnebres», «fruto tóxico do temperamento mórbido do *homem*», o sonho, a noite, a subversão, a morte.

Parece-nos evidente que António Sérgio se inspirou na famosa dicotomia «espírito apolíneo — espírito dionisíaco» inaugurada por Nietzsche em «A Origem da Tragédia», para traduzir a evidente polaridade que, no plano histórico-cultural, constituem as duas grandes linhas de forças em que se traduzem as diferentes atitudes perante o fenómeno da criação, e que, *grosso modo*, se materializam nos seguintes vectores (que aliás seria errado definir como opostos incomunicáveis): um partindo de Demócrito-Platão e vindo até ao surrealismo depois de passar pelo neo-platonismo e pelo romantismo; outro emergindo de Aristóteles-Horácio, passando pelo classicismo e desembocando em certas opções realistas mais ou menos contemporâneas.

Esta dicotomia básica surge-nos na Literatura sob o disfarce de variadíssimos pares de opostos, entre eles: alógico-lógico; mito-logos; magia-ciência; natureza-arte; *physis-techne*; instinto-inteligência; loucura-razão; *poiesis-poiema*; mistério-claridade; poeta possesso-poeta artífice; musa-intelecto; transcendente-imanente; etc., etc. A célebre frase de Antero «a natureza em mim é conservadora; só o espírito é que é revolucionário», é uma das formas segundo as quais o autor das *Odes Modernas* exprimiu a consciência de ser habitado pelo abominável *homo duplex*, que, afinal de contas, terá de conceder Sérgio (ao criticarem-lhe o esquema óbvio), é um conceito «corriqueiríssimo entre a gente culta».

O que apresentei para explicar a poesia de José Gomes Ferreira (v. *Poesia: programa para o concreto*, Colecção Poesia e Ensaio, Ulisseia, 1966), centrado em torno de outro par de opostos «eu individual-eu social», não ultrapassa, bem vistas as coisas, o de Sérgio porque, com efeito, em José Gomes Ferreira o *individual* é, em larga medida, o *nocturno*, e o *social* é o *luminoso*. Na verdade, as *Odes Modernas* representam, para o magistral anatomista do «reino cadaveroso», o «*máximo* de luminiscência rutila, de aspiração ao claro, de afirmação da Luz», enquanto os *Sonetos* o «*máximo* de nocturno que é possível dar-se», etc. O uso do esquema justifica-o porém Sérgio pela formidável ênfase que, permanente e simultâneamente, Antero confere às duas atitudes. Diz-nos «todos possuímos, (...) a fase luminosa e a nocturna (...). Simplesmente na imensa maioria dos seres humanos é pouco acentuada qualquer das duas; e nos outros é uma das faces que se mostra acentuada, e sòmente uma delas. Pois bem: o que eu digo que caracteriza a personalidade de Antero é que ele nos apresenta na sua obra inteira — defrontando-se aí como de barra a barra — essas duas facetas sentimentais opostas, e *levadas ambas ao seu máximo grau*».

Se esta justificação «justifica» Sérgio em relação a Antero não vejo razão para não me justificar a mim em relação a José Gomes. Continuemos pois fiéis às férteis antinomias do abominável Homo Duplex...

«O REAL É O SONHO QUE COINCIDE COM O SONHO DOS OUTROS»

Podemos partir do princípio que a parte *luminosa* de José Gomes Ferreira é a que está ligada ao interesse pelo mundo imediato. Quando em 1951 lhe analisei, pela primeira vez, os poemas, escrevi: O eu *social* de José Gomes Ferreira fará do apelo ao real um dos seus temas fundamentais». Eis porque um deles proclama: «um ódio total e violento / a todos os narcóticos / que adormecem a realidade / / com neblinas de música». Diríamos, pois, que José Gomes procura a verdadeira *realidade* para além das *neblinas de música*. E essa é, fundamente, a trave mestra da sua poesia. A questão dramática está em que o seu *eu nocturno* ou o seu *eu-individual* cuja temática principal é a que se circunscreve em torno da solidão e da morte (conforme assinalei no estudo atrás citado), rege-se por uma lei especial em torno da qual tudo gira: o *sonho*. Dirá em «Heróicas» poema XXXII: « Sonha! o sonho é a tua lei».

Donde se infere que às supracitadas antinomias é preciso, afinal, acrescentar mais uma, gerada no próprio corpo da poesia do Poeta: «sonho-realidade». E chegar-se-á à conclusão transparente óbvia: José Gomes nada denuncia nos outros que não se encontre também em si próprio incarnado. As *neblinas de música*, afinal, também estão nele; é ele que as fabrica; mas ao mesmo tempo, é ele o mais tenaz e feroz inimigo delas».

E por que não, paradoxalmente, o maior *amigo*? Vamos dizer que essas «neblinas» não o fascinam? Pois vamos afirmar mesmo que o *deslumbram*. Assim se explicará a razão pela qual a palavra *nuvem* é tão importante na sua obra e nos surge com tanta frequência, nas expressões mais imprevistas como «amor de nuvens», por exemplo.

Ao ler, agora, *Tempo Escandinavo* (Portugália Editora, 1969) radica-se-me a impressão colhida nos livros anteriores, nomeadamente *Imitação dos Dias* (1966), segunda a qual José Gomes Ferreira insiste em repetir-nos (e cada vez com maior veemência disfarçada) que o seu realismo é dos que odeia cordialmente o real empírico. Creio que todo o artista *que o é* afirma (como dogma) que a criação é a negação desse real superficial, terra-a-terra, ingénuo, fotográfico e imediato.

Esse imediatismo irrita deveras José Gomes. Porque ele é mentiroso, porque não é exacto, porque imita apenas *outra coisa*, sobretudo porque não é real. Assim, o homem terá de fazer «um esforço permanente para tornar as coisas reais», diz-nos a páginas 158 do seu novo livro. E adiante: «o real é o que se engendra pouco a pouco» (pág. 165). José Gomes tem, pois, a sua gnoseologia. Que não é, pois, a do empirismo, mesmo quando ele é mais «luminoso». Aí é que está. E isto é importante quando, òbviamente, esse eu-luminoso é o supra referido eu-social.

Como é que José Gomes Ferreira nos define agora *realidade* em *Tempo Escandinavo*? Duma forma que não é tão inesperada como isso: «a realidade é o nome que se dá às vezes ao sonho que coincide com o sonho dos outros» (pág. 79).

O mundo empírico é rejeitado como realidade. Já o decretara Platão que afirmava que o real só se encontra no mundo hipostático das Ideias. O resto, para o filósofo grego, é imitação, e a própria poesia a imitação de uma imitação.

O problema está em que o mundo faz passar a imitação pela própria verdade. Uma verdade, portanto, que se comporta *mentirosamente*. Conclusão: o que é verdadeiro comporta-se como mentira (= usa uma máscara): o que não se comporta como mentira (= o que não usa uma máscara) não é verdadeiro

A noção de realidade é, pois, indesligável, em José Gomes, da mentira que fatalmente a acompanha. Indesligável da ideia de ser uma coisa que o homem afinal *engendra*. Engendra o quê? A mentira? E por que não *inventa*? Lembremo-nos que o subtítulo do seu livro *Imitação dos Dias* é: «diário inventado», um diário que se confecciona, (confecção, aliás, que o público pode ir acompanhando para ver como é). Daqui a noção de essa invenção ser *espectáculo*. «Puzzle» que se complica pela circunstância de o jogo «mentira-verdade» (afinal mais um par de opostos) invadir necessàriamente o plano dos sentimentos e ser mesmo nele que desempenha o papel mais significativo. O autor fala-nos, assim, em *Tempo Escandinavo* da «comédia de (si) mesmo» (pág. 112), podendo nós até afirmar que o tema dorsal do novo livro de José Gomes é a comédia que, na vida, cada pessoa representa em si própria. Deste modo, os dois amigos do conto «A ilha do Capitão» são-nos descritos como estando a «representar ( ) um com o outro» (pág 203). O que está ligado à velha ideia do *As you like it*: «All the world is a stage/and all the men and women merely players/they have their exits and their entrances / / and one man in his plays many parts», etc., etc.

Esta teatralidade já bem destacada por Carlos de Oliveira num lucidíssimo depoimento publicado não há muitos anos na *Seara Nova*, não só se mantém intacta mas reforça-se em *Tempo Escandinavo* E mantém-se, cada vez mais viva, a ideia de *máscara*, segundo o esquema atrás delineado, do qual se infere que só *mascarando* é que se pode parecer mais verdadeiro, e que quanto mais mascarado mais verdadeiro.

O pior é que inventando a «máscara» José Gomes não acredita nela. O mundo de *Tempo Escandinavo* é o carnaval de hoje, mais carnaval que o carnaval de sempre. É um mundo *nocturno*, o próprio mundo-nocturno de José Gomes que o mundo «luminoso» precisa de destruir para salvar os homens. E surge, então, não sabemos de que entranhas, o apolíneo José Gomes, na sua vocação de Redentor, no seu cavalheirismo medieval de Resgate, bradando-nos da pág. 101:

«Eh, parvos! — Então não há aí ninguém que queira salvar o mundo?»

Mas não havia. Ninguém se atrevia a arrancar a máscara em publico».

A LINGUAGEM CONTRADITÓRIA DO «HOMO DUPLEX» OU SOBRE UM COMENTÁRIO JÁ ANTIGO DE LUIZ PACHECO

Se o Autor tem consciência de ser duplo, se toda a sua obra gira em torno de tal consciência, em que medida poderá ser fatal que a linguagem por si utilizada seja afinal reflexo disso? Como contradição de si próprio e de tudo? Como já acontecera, especialmente em *Imitação dos Dias* vamos ter em *Tempo Escandinavo* os pares de adjectivos de sentido oposto, como «radiante-triste», a definir neste caso, o estado psicológico do seu *alter ego*. Esta é a solução clássica oferecida pelo uso do *oxymoron*, como em Petrarca, ou Camões, ou Shakespeare, etc., ou até como Garrett, conforme mostrou Augusto da Costa Dias na sua tentativa, nem sempre bem compreendida, de investigar até que ponto uma visão do mundo pode condicionar escolhas ou soluções estilísticas, e, por reflexo, em que medida estas podem ser sintomas ou reflexos daquela.

Zé Gomes: ralar-se-á?

Em *Tempo Escandinavo* José Gomes Ferreira define-nos personagens por meio de descrições emblemáticas do tipo: «imponência de solidez efémera» ou «mulher lumiosa e medíocre», etc., onde o *oxymoron* ainda predomina. Mas onde ele é mais pessoal é no seu velho processo de qualificar substantivos por meio de substantivos adjectivados (e não o adjectivo puro) ligando-os pela preposição *de* e abrindo caminho às mais amplas relações determinativas: posse, dimensão, carácter, proveniência, causa, modo, etc. o que torna os substantivos muito mais concretos (e portanto mais reais?), como em «conforto de ave macia» ou, então, o processo de qualificar o substantivo usando apenas outro substantivo, ligados pelo mesmo tipo de vínculo («calor de punhos»); ou o de qualificar com mais um substantivo uma expressão constituída por um substantivo e um adjectivo onde esse parecia ser já qualificação bastante etc., etc. Se gasto uns parágrafos com esta banal análise de texto, início esquemático apenas do que em José Gomes é fatalmente mais complexo, é para reverter a uma questão levantada em 1953 pelo Luís Pacheco na sua, a todos os títulos extraordinária, *Carta Sincera a José Gomes Ferreira*, e que me parece continuar em aberto. Dizia-nos o sempre imprevisto Pacheco a propósito de umas crónicas que o autor de o *Tempo Escandinavo* publicara então na extinta (naturalmente!) revista «Ler»: «... elas têm estilo, lá isso têm e não é mau Mas ó diacho! é o estilo dos poemas, é a imagética dos poemas, é o vocabulário dos poemas, é tudo dos poemas» Como quem diz: mas isso degenera afinal em *processo!*

O problema é que no grande artista tudo acaba em processo; por isso é que o grande artista é sempre monótono (no grande e positivo sentido da palavra) e quem não tem coragem de ser monótono não pode ser um grande artista. Eu não julgo que a obra de José Gomes perca pela utilização e re-utilização de esquemas que, afinal, são propriedade sua. Nem julgo que a circunstância de os encontrarmos na prosa nos impossibilite de lhe lermos depois os poemas com a mesma «primitiva inocência e convicção», para usar ainda as palavras de Pacheco. É caso para perguntarmos: e quando lermos a *Poesia IV* (que esperamos sem paciência há uma década)? Vê-lo-emos. Para já, a um livro como *Tempo Escandinavo* (do qual, no fim de contas, aqui pouco digo sob o ponto de vista de informação de Jornal) não se poderá negar (julgo) essa maravilhosa «primitiva inocência» de que todos os parágrafos transborda como um banho no Paraíso Perdido. E esses «esquemas», que segundo Luís Pacheco, «criavam tão forte ambiente» na poesia do grande José Gomes, deixarão de o criar em *Tempo Escandinavo*? De modo nenhum, assevero eu.

Mas o Leitor Distraído pode concordar com o Luiz Pacheco que a mim não me rala nada, e muito menos se ralará o José Gomes. Disso é que se pode ter a certeza...